



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO DE ECONOMISTAS DO NORDESTE-CAEN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA
DOUTORADO EM ECONOMIA

JULIANE DA SILVA CIRÍACO

ENSAIOS SOBRE EDUCAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO DO JOVEM

FORTALEZA
2022

JULIANE DA SILVA CIRÍACO

ENSAIOS SOBRE EDUCAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO DO JOVEM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Ceará-CAEN/UFC, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Economia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Brito Soares.

FORTALEZA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C525e Círiaco, Juliane da Silva.
Ensaaios sobre educação e mercado de trabalho do jovem / Juliane da Silva Círiaco. – 2022.
116 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Programa de Pós-Graduação em Economia, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Ricardo Brito Soares.
- I. Religião. 2. Ocupação. 3. Juventude. 4. Efeito Vizinhança. I. Título.

CDD 330

JULIANE DA SILVA CIRÍACO

ENSAIOS SOBRE EDUCAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO DO JOVEM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Ceará – CAEN/UFC, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Economia. Área de Concentração: Econometria Aplicada.

Aprovada em: 04/07/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Brito Soares (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (CAEN-UFC)

Prof. Dr. Paulo de Melo Jorge Neto
Universidade Federal do Ceará (CAEN-UFC)

Prof. Dr. Fabrício Carneiro Linhares
Universidade Federal do Ceará (CAEN-UFC)

Prof. Dr. Francisco Gildemir Ferreira da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Celina Santos de Oliveira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por ter me ensinado a escolher os melhores caminhos.

Aos meus pais pelo forte apoio e incentivo durante todo o doutorado.

À vó Maria e vô Choró (*in memoriam*) que partiram em meio a pandemia e deixaram eternas saudades.

Ao professor Dr. Ricardo Brito, por ter aceitado a tarefa de me orientar. Agradeço ainda pela atenção prestada, pelos diversos conselhos valiosos na orientação e pelo incentivo que tornaram possível a construção desta Tese.

Agradeço também aos Professores que compõem a banca examinadora, Paulo de Melo Jorge Neto, Fabrício Carneiro Linhares, Francisco Gildemir Ferreira da Silva e Celina Santos de Oliveira, pela disponibilidade, atenção e contribuições para melhoria desta pesquisa.

Às minhas amigas de longa data, Nágela Costa Alves, Nardia Costa Alves, Patrícia Eugênia Monte de Sousa, Eliseuda Xavier Távora, Priscila Eugênia Monte de Sousa, Mônica Maria de Sousa Lima e Eloísa Luz.

Agradeço a Otoniel, Celina, Julyan e Cinthia, pelos conselhos valiosos e insights que me ajudaram na consecução deste trabalho.

Aos funcionários do Programa de Pós-graduação do Caen.

Aos demais amigos e colegas do Caen. Agradeço todos aqueles que me deram palavras de apoio, que mesmo não citados estão ao meu redor incentivando-me de maneira direta e indireta.

Agradeço ao Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) pelo fornecimento da base de dados identificada utilizado no último ensaio desta tese, primordial para a finalização deste estudo.

Agradeço pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio durante os quatro primeiros anos do doutorado. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta Tese é composta por três Ensaios que tentam aprofundar e compreender de forma teórica e empírica aspectos importantes sobre a dinâmica juvenil no mundo do trabalho. O Ensaio 1 busca investigar de forma inovadora, “como” e “até que ponto” as crenças e as práticas religiosas podem influenciar nos valores, opiniões, percepções e atitudes sociais dos jovens. Diante disto, esta pesquisa tem como objetivo compreender a importância da dedicação à prática religiosa sobre a motivação de busca por trabalho de jovens brasileiros, usando dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013. Para tanto, adotou-se uma estratégia empírica baseada no Modelo de Regressão Estendida (ERM), mais especificamente o *probit* com tratamento endógeno ordinal. Em grosso modo, as estimativas apontam que a religião melhora o incentivo de sair da total inatividade e procurar um engajamento ocupacional, principalmente entre os indivíduos com alta assiduidade religiosa. Em suma, as estimativas do modelo de efeito de tratamento médio mostram indícios de que a religiosidade tem efeitos benéficos no incentivo de busca por emprego, ou seja, observa-se que participar da religião de forma moderada em comparação a de nenhuma frequência eleva a chance de busca por trabalho em 28 pontos percentuais (p.p.). Para os jovens que participam com elevada intensidade em comparação a nenhuma participação, observou-se que a busca por emprego se eleva, em aproximadamente 53 p.p. O Ensaio 2, por sua vez, tem por objetivo investigar empiricamente os principais determinantes da saída do desemprego para uma ocupação ou desalento no Brasil nos períodos anterior e posterior a primeira aparição da Covid-19. A abordagem econométrica utilizada consiste em estimar, através do modelo de resposta binária, a probabilidade de um jovem inicialmente em situação de desemprego transitar para a posição final de ocupado ou de desalentado no último trimestre de 2018, 2019 e 2020, fazendo uso dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC), analisados separadamente. Com intuito de se obter uma análise mais rica do panorama econômico do Brasil, considera-se, além do grupo etário juvenil, a análise dos indivíduos em fase adulta. De forma adicional, objetivando-se verificar o impacto da pandemia na saída da desocupação para cada um dos status aqui já mencionados, realiza-se a decomposição não linear, com a finalidade de se observar os fatores responsáveis pelas diferenças de probabilidades no momento anterior e posterior a primeira aparição do vírus SARS-CoV-2. Os resultados da primeira parte da pesquisa, evidenciam-se que, para ambas as fases da vida, possuir o sexo masculino e ter ocupados no lar aumenta a probabilidade de sair do desemprego e arrumar uma ocupação. Ademais, observou-se que quanto maior o tempo de desemprego maior a dificuldade de encontrar uma atividade econômica. Já no segundo modelo que investiga a transição para o desalento, observou-se que residir na área urbana, independente da faixa etária, reduz a probabilidade de

transitar para o desalento, no momento de antes e pós eclosão pandêmica. No referente ao sexo do indivíduo, percebe-se no ano de 2020, que a probabilidade de entrar para inatividade se reduz entre os homens em fase de vida adulta. Salienta-se ainda que, no atual momento pandêmico a escolaridade tornou-se primordial para os jovens para a saída do desemprego e entrada em uma ocupação. Por sua vez, para os adultos, a qualificação educacional foi de suma importância somente para dirimir as chances de desalento, representando no momento pandêmico uma redução de aproximadamente 4 p.p. Por fim, as diferenças de probabilidade entre os anos 2019 e 2020 evidenciam uma queda de 16 p.p. na transição para uma ocupação para os jovens e 18 p.p. para os adultos. No tocante a transição para o desalento, achados evidenciaram uma queda na transição tanto para os jovens como para os adultos. Sugere-se que isso ocorra devido à redução do valor assim como do alcance do auxílio emergencial, assim como a existência de pequenos indícios de melhora do quadro epidemiológico juntamente com o aumento das vagas de trabalho no fim do ano possam ter incentivado a persistência da procura por trabalho. Por fim, o terceiro e último ensaio, tem como maior objetivo investigar a possível existência do efeito vizinhança na decisão dos jovens fortalezenses que não trabalham e não estudam, os comumente nomeados de geração “nem-nem”. Para isso, esta pesquisa inova ao utilizar os microdados do Cadastro Único (CadÚnico) do Governo Federal, com grande riqueza de informações para o ano de 2018, no qual foi possível obter a localização georeferenciada dos domicílios em situação de vulnerabilidade social. Com esta identificação foi possível utilizar o método *probit* espacial exposto Wilhelm e De Matos (2013) baseado no modelo proposto por LeSage et al. (2011), que visa estimar a situação de desolamento entre os jovens residentes da cidade de Fortaleza. Os resultados evidenciaram a necessidade de modelagem de efeito vizinhança, onde os jovens interagem e reforçam decisões de mercado de trabalho e estudo. Desta forma, os atributos familiares que favorecem ou inibem a desocupação, possuem efeitos diretos e indiretos sobre o subgrupo juvenil. Esse efeito de externalidade pode ser incorporado em políticas públicas que favoreçam ações integradas em grupos de jovens, para que o multiplicador social das boas decisões seja mais forte que o efeito reverso (vicioso).

Palavras-chave: Religião. Ocupação. Juventude. Efeito Vizinhança.

ABSTRACT

This Thesis is composed of three Essays that try to deepen and theoretically and empirically understand important aspects of youth dynamics in the world of work. Essay 1 seeks to investigate, in an innovative way, “how” and “to what extent” religious beliefs and practices can influence the values, opinions, perceptions and social attitudes of young people. In view of this, this research aims to understand the importance of the intensity of religious practice on the motivation of young Brazilians to search for work, using data from the 2013 National Health Survey (PNS). in the Extended Regression Model (ERM), more specifically the probit with ordinal endogenous treatment. Roughly speaking, estimates indicate that religion improves the incentive to come out of total inactivity and seek occupational engagement, especially among individuals with high religious attendance. In summary, the estimates of the average treatment effect model show evidence that religiosity has beneficial effects on the incentive to search for a job, that is, it is observed that participating in religion in a moderate way compared to no frequency increases the chance search for work by 28 percentage points (p.p.). For young people who participate with high intensity compared to no participation, it was observed that the search for a job rises, by approximately 53 p.p. The Essay 2, in turn, aims to empirically investigate the main determinants of leaving unemployment for an occupation or discouragement in Brazil in the periods before and after the first appearance of Covid-19. The econometric approach used consists of estimating, through the binary response model, the probability of a young person initially unemployed to move to the final position of occupied or discouraged in the last quarter of 2018, 2019 and 2020, using data from the National Continuous Household Sample Survey (PNADC), analyzed separately. In order to obtain a richer analysis of the economic scenario in Brazil, it is considered, in addition to the juvenile age group, the analysis of individuals in adulthood. Additionally, in order to verify the impact of the pandemic on the exit from unemployment for each of the statuses already mentioned here, the non-linear decomposition is performed, commonly used in order to observe the factors responsible for the differences in probabilities at the moment. before and after the first appearance of the SARS-CoV-2 virus. The results of the first part of the research show that, for both stages of life, being male and being employed at home increases the probability of leaving unemployment and finding a job. Furthermore, it was observed that the longer the period of unemployment, the greater the difficulty in finding an economic activity. In the second model that investigates the transition to despondency, it was observed that residing in urban areas, regardless of age group, reduces the probability of transitioning to despondency, before and after the pandemic outbreak. Regarding the sex of the individual, it can be seen in the year 2020 that the probability of entering into inactivity is reduced

among men in adulthood. It should also be noted that, in the current pandemic moment, schooling has become essential for young people to leave unemployment and enter an occupation. In turn, for adults, educational qualification was of paramount importance only to reduce the chances of discouragement, representing a reduction of approximately 4 p.p. at the time of the pandemic. Finally, the differences in probability between the years 2019 and 2020 show a drop of 16 p.p. in the transition to an occupation for young people and 18 p.p. for adults. Regarding the transition to despondency, findings showed a drop in transition for both young people and adults. It is suggested that this occurs due to the reduction in the value as well as the scope of emergency aid, as well as the existence of small signs of improvement in the epidemiological situation together with the increase in job vacancies at the end of the year, which may have encouraged the persistence of demand. for work. Finally, the third and final essay has as main objective to investigate the possible existence of the neighborhood effect in the decision of young people from Fortaleza who do not work and do not study, the commonly named “nem-nem” generation. For this, this research innovates by using microdata from the Single Registry (Cadúnico) of the Federal Government, with a great wealth of information for the year 2018, in which it was possible to obtain the georeferenced location of households in a situation of social vulnerability. With this identification, it was possible to use the spatial *probit* method by Wilhelm and De Matos (2013) based on the model proposed by LeSage et al. (2011), which aims to estimate the situation of desolation among young people residents of the city of Fortaleza. The results showed the need for modeling the neighborhood effect, where young people interact and reinforce labor market and study decisions. Thus, family attributes that favor or inhibit unemployment have direct and indirect effects on the youth subgroup. This externality effect can be incorporated into public policies that favor integrated actions in groups of young people, so that the social multiplier of good decisions is stronger than the reverse effect (vicious).

Keywords: Religion. Occupation. Youth. Neighborhood Effect.

LISTA DE FIGURAS

INTRODUÇÃO GERAL

Figura 1: Brasil- Situação ocupacional dos jovens de 15 a 29 anos por grupo de idade (%), 2015 .16	
Figura 2: Brasil-Proporção de “nem-nem” de 18 a 25 anos no ano de 2005 e 201516	

ENSAIO 1: ATIVIDADE RELIGIOSA MOTIVA OU ACOMODA OS JOVENS BRASILEIROS NA BUSCA POR EMPREGO?

Figura 2. 1: Brasil- Ranking das decisões29	
Figura 2. 2: Brasil- Resultados Potenciais Médios (%)34	

ENSAIO 2: TRANSIÇÃO OCUPACIONAL DOS JOVENS NA PANDEMIA

Figura 3. 1: Brasil-Evolução da desocupação (1ºTrimestre 2018 - 4º Trimestre de 2020).....49	
Figura 3. 2: Brasil- Percentual de transitaram por grupo etário (%).....61	

ENSAIO 3: EFEITO ESPACIAL DE VIZINHANÇA EM JOVENS “NEM-NEM” NA CIDADE DE FORTALEZA

Figura 4. 1: Fortaleza-Distribuição dos lares juvenis cadastrados no Cadúnico, 2018.....96	
Figura 4. 2: Fortaleza-Frequência de lares com jovens “nem-nem” por Bairro, 201897	
Figura 4. 3: Fortaleza- Concentração de domicílios com jovens “nem-nem”, 201898	
Figura 4. 4: Fortaleza- Densidade de crianças e idosos nos lares “nem-nem”, 2018.....106	

LISTA DE TABELAS

ENSAIO 1: ATIVIDADE RELIGIOSA MOTIVA OU ACOMODA OS JOVENS BRASILEIROS NA BUSCA POR EMPREGO?

Tabela 2. 1: Brasil-Distribuição de indivíduos por nível de assiduidade religiosa	28
Tabela 2. 2: Brasil- Características média dos jovens.....	31
Tabela 2. 3: Brasil- Efeito da Frequência Religiosa sobre a motivação por procurar emprego	35

ENSAIO 2: TRANSIÇÃO OCUPACIONAL DOS JOVENS NA PANDEMIA

Tabela 3. 1: Brasil- Análise Descritiva.....	62
Tabela 3. 2: Brasil- Efeitos marginais dos determinantes da transição para ocupação	64
Tabela 3. 3: Brasil- Efeitos marginais dos determinantes da transição para desalento	68
Tabela 3. 4: Brasil-Decomposição de probabilidade	72

ENSAIO 3: EFEITO ESPACIAL DE VIZINHANÇA EM JOVENS “NEM-NEM” NA CIDADE DE FORTALEZA

Tabela 4. 1: Fortaleza-Estatísticas descritivas dos lares para categoria “nem-nem” e “não nem-nem”	99
Tabela 4. 2: Fortaleza-Estimativas dos Modelos Econométricos.....	102
Tabela 4. 3: Fortaleza- Impacto do efeito vizinhança	104

APÊNDICE A

Tabela 1. A: Brasil-Estimação do modelo probit com tratamento endógeno ordinal	46
Tabela 1. B: Brasil-Teste de igualdade de coeficientes	47

APÊNDICE B

Tabela 1. C: Brasil- Importância das variáveis na decomposição da transição para ocupação	83
Tabela 1. D: Brasil- Importância das variáveis na decomposição da transição para desalento	84

LISTA DE QUADROS

ENSAIO 1: ATIVIDADE RELIGIOSA MOTIVA OU ACOMODA OS JOVENS BRASILEIROS NA BUSCA POR EMPREGO?

Quadro 3. 1: Brasil-Descrição das variáveis utilizadas.....57

ENSAIO 3: EFEITO ESPACIAL DE VIZINHANÇA EM JOVENS “NEM-NEM” NA CIDADE DE FORTALEZA

Quadro 4. 1: Fortaleza-Descrição das Variáveis.....95

APÊNDICE A

Quadro 1. A: Brasil- Variáveis do Modelo Estendido.....45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO GERAL	14
2 ENSAIO 1: ATIVIDADE RELIGIOSA MOTIVA OU ACOMODA OS JOVENS BRASILEIROS NA BUSCA POR EMPREGO?.....	18
2.1 INTRODUÇÃO	18
2.2 REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
2.3.1 <i>Modelo Empírico</i>	24
2.3.2 <i>Banco de Dados</i>	26
2.4 RESULTADOS.....	32
2.4.1 <i>Determinantes da Frequência Religiosa</i>	32
2.4.2 <i>Efeito de Tratamento</i>	34
2.5 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
APÊNDICE A.....	44
3 ENSAIO 2: TRANSIÇÃO OCUPACIONAL DOS JOVENS NA PANDEMIA.....	48
3.1 INTRODUÇÃO	48
3.2 OS EFEITOS DAS CRISES SOBRE O MERCADO DE TRABALHO	52
3.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	54
3.3.1 <i>Base de dados</i>	55
3.3.2 <i>Decomposição de Probabilidade</i>	58
3.4 RESULTADOS.....	60
3.5 CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
APÊNDICE B.....	82
4 ENSAIO 3: EFEITO ESPACIAL DE VIZINHANÇA EM JOVENS “NEM-NEM” NA CIDADE DE FORTALEZA	85
4.1 INTRODUÇÃO	85
4.2 REFERENCIAL TEÓRICO	88
4.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	91
4.3.1 <i>Modelo Econométrico Espacial</i>	91
4.3.2 <i>Descrição do Banco de Dados</i>	94
4.4 RESULTADOS DESCRITIVOS E ECONÔMICOS.....	95

<i>4.4.1 Características da Juventude “Nem-Nem”: Fatos Observados.....</i>	96
<i>4.4.2 Resultados Econométricos.....</i>	101
4.5 CONCLUSÃO	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
5 CONCLUSÃO GERAL.....	113
REFERÊNCIAS	115

1 INTRODUÇÃO GERAL

Desde os anos 2000 as análises sobre as questões relacionadas ao mercado de trabalho e educação juvenil vêm ganhando grande destaque no Brasil (RODRIGUES, *et al.*, 2018; SHIRASU e ARRAES, 2019; TILLMANN e COMIM, 2016; COSTA e ULYSSEA, 2014; CARDOSO, 2013; MONTEIRO, 2013; MENEZES FILHO, CABANAS e KOMATSU, 2013; CAMARANO *et al.*, 2004). O maior interesse em se estudar a temática advém dos elevados índices de inatividade laboral e de não frequência escolar entre os jovens, observado tanto no Brasil como também em diversos outros países.

Este fenômeno, chamado também de geração “nem-nem”, pode acarretar sérios problemas de médio e longo prazos, comprometendo seriamente, do ponto de vista socioeconômico, a sustentabilidade do crescimento e desenvolvimento do país, dado que a educação é vista por diversos economistas e sociólogos como o instrumento primordial que abre portas para a trajetória de ascensão social.

O afastamento simultâneo da escola e do mercado de trabalho podem ser fruto, no caso brasileiro, de diversos fatores, como: i) falta de experiência que pode dificultar a busca pelo primeiro emprego (LOURENÇO, 2002; TILLMANN e COMIM, 2016); ii) responsabilidade pelos afazeres domésticos e cuidados da família e irmãos pequenos (CIRÍACO, ANJOS JUNIOR e OLIVEIRA, 2018; TILLMANN e COMIM, 2016); iii) dificuldades de aprendizado e falta de motivação (TILLMANN e COMIM, 2016); iv) pouca perspectiva futura (CIRÍACO *et al.*, 2019); v) desinteresse (CIRÍACO *et al.*, 2019; SHIRASU, 2018); vi) desestruturação familiar e envolvimento com más companhias (SILVA JUNIOR e MAYORGA, 2019); vii) desalento (PEREIRA, ORELLANA e ARAGON, 2019); viii) baixa qualidade da educação (CARDOSO, 2013; MONTEIRO, 2013); ix) dificuldades em adequar o que foi visto em sala de aula com as habilidades impostas pelo mundo do trabalho (SHIRASU, 2018).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), em 2016, a proporção de indivíduos entre 15 e 29 anos que não estudavam e não estavam ocupados era de 21,8%. Percentual, inferior a 2018, no qual corresponde aproximadamente 23,0%. Esse patamar coloca o Brasil entre os piores colocados no ranking ao ser comparado com os países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e outros que também tiveram seus dados coletados no relatório *Education at a glance 2019*. O que é um quadro agravante, em um país de dimensões continentais como o Brasil, que apesar de ser rico em riquezas naturais, convive

diariamente lado a lado com a pobreza e a criminalidade. No caso deste último, ao ter em mente os dados sobre a violência, percebe-se que entre os 65 mil homicídios ocorridos no país em 2017, mais da metade vitimaram pessoas entre 15 e 29 anos (IDOETA, 2019).

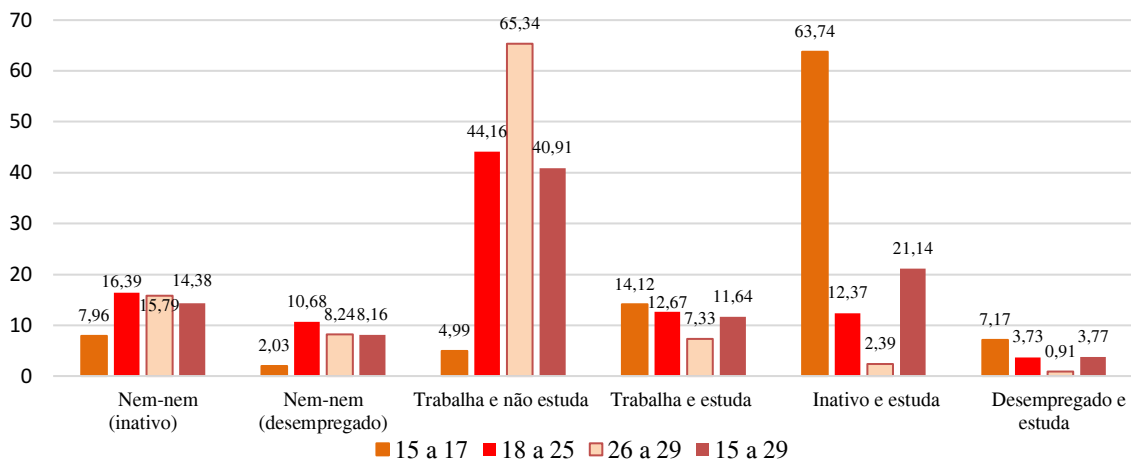
Cabe destacar que, apesar de existirem alguns estudiosos brasileiros que abordaram de maneira direta ou indireta a temática da educação e do trabalho (RODRIGUES, *et al.*, 2018; SHIRASU e ARRAES, 2019; TILLMANN e COMIM, 2016; COSTA e ULYSSEA, 2014; CARDOSO, 2013; MONTEIRO, 2013; MENEZES FILHO, CABANAS e KOMATSU, 2013), essa pauta ainda está longe de ser arrematada. Isso ocorre porque uma parte dos textos observados até o momento se restringem a observar os principais determinantes das decisões juvenis, ou então buscam averiguar os impactos das transferências governamentais (programa Bolsa família) e dos benefícios oriundos de pensões e aposentadorias.

Silva e Vaz (2020) apontam que as desigualdades de gênero, raça e renda tendem a marcar as trajetórias desses jovens. Ou seja, para os autores, o fato de ser mulher (em especial com filhos); ser pobre; ser de cor negra; ter baixo nível de escolaridade; e residir em lares com maior quantidade de crianças, ou outra pessoa que exige cuidados elevam de maneira expressiva as chances de um indivíduo se tornar inativo por um curto ou longo período de tempo. Ademais, as diversas combinações realizáveis de escolhas nesta fase da vida como se inserir na rede de ensino, trabalhar e formar uma família, tornam mais heterógeno e complexo vislumbrar um padrão etário rígido para os rotulados “nem-nem” (DIAS, 2016).

Diante disto, o foco central desta tese recai sobre um subgrupo específico de jovens, os indivíduos entre de 18 e 25 anos de idade, intervalo etário em que a permanência escolar não é obrigatória, colocando maior peso sobre o fator trabalho. Além do mais, conforme o Figura 1, baseado nos dados PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2015, verificou-se que nesta fase da vida a incidência de indivíduos que não participavam da rede de ensino e nem trabalhavam, sejam eles inativos ou desempregados no mercado de trabalho, era mais elevada em comparação as demais faixas etárias, representando 10,7% para os “nem–nem” que procuram uma ocupação e 16,4% para os “nem-nem” inseridos totalmente na inatividade.

Dado que no caso último, tal situação é considerada ainda mais delicada, é esboçada na Figura 2 a proporção espacial dos jovens “nem-nem” entre 18 e 25 inseridos na total inatividade por unidade federativa, para os respectivos anos de 2005 e 2015. Esses dados por estado são considerados fundamentais pois permitem verificar quais as localidades que possuem maiores persistência de tal problemática no Brasil após o decênio.

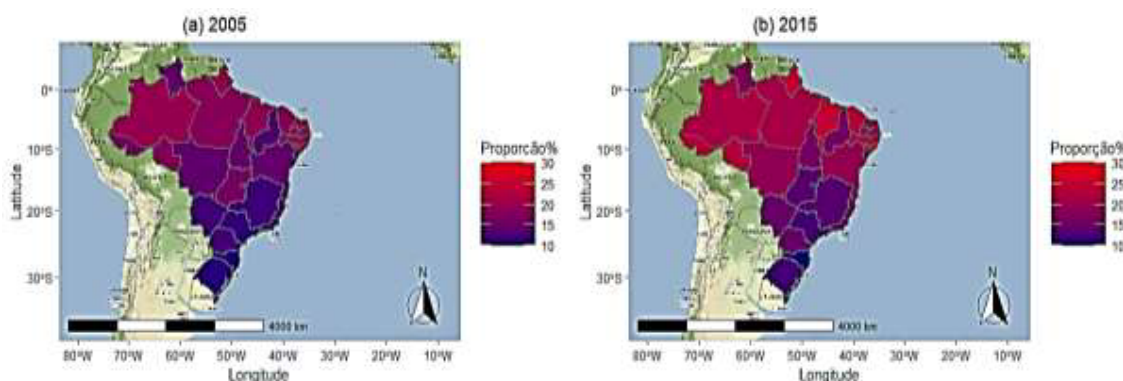
Figura 1: Brasil- Situação ocupacional dos jovens de 15 a 29 anos por grupo de idade (%), 2015



Elaboração própria a partir de dados da PNAD (2015). Nota¹:Expandido para população

Nota-se que em 2005 (figura a), as unidades federativas que registram maiores taxas de “nem-nem” inseridos na total inatividade no Brasil foram, Rio Grande do Norte, Alagoas e Amazonas, enquanto as menores foram verificadas em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. Em 2015 (figura b), as maiores taxas continuam sendo observadas nas regiões norte e nordeste, entre os estados com maiores proporções têm-se Alagoas, Maranhão, Amapá e Ceará enquanto as menores encontram-se em Santa Catarina, Distrito Federal e Rio Grande do Sul.

Figura 2: Brasil-Proporção de “nem-nem” de 18 a 25 anos no ano de 2005 e 2015



Elaboração própria a partir de dados das PNADs. Nota¹: Expandido para população. Nota²: *Stamen Map*.

Apesar das diversas possibilidades empíricas que abordem a temática da exclusão dos jovens no campo educacional e laboral, ainda é oneroso e complexo a adesão de políticas públicas capazes de alcançar todos aqueles que se encontram nessa condição. Devido, principalmente, a

grande heterogeneidade encoberta sobre a juventude “nem-nem”. Haja vista todos esses aspectos, esta tese se propõe a analisar a influência de determinados fatores de extrema importância associados a educação e a dinâmica do mercado de trabalho dos jovens, englobando três esferas não observadas ainda na literatura brasileira, como o impacto da recente crise em decurso, e outros novos enfoques, ainda não estudados como os efeitos da religião e das iterações sociais.

O primeiro ensaio da tese, intitulado de “Atividade religiosa motiva ou acomoda os jovens brasileiros na busca por emprego?” investiga “como” e “até que ponto” as práticas religiosas podem influenciar no esforço de busca por trabalho. Para tal fim, estima-se um modelo *probit* com tratamento endógeno ordinal para diferentes níveis de dedicação à prática religiosa, recorrendo aos dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS).

Já o segundo ensaio, intitulado de “Transição ocupacional dos jovens na pandemia”, busca investigar de maneira empírica os principais determinantes da saída do desemprego para a entrada na ocupação ou desalento no Brasil nos períodos anterior e posterior a primeira aparição da Covid-19. A abordagem econométrica consiste em estimar, através do modelo *logit*, a probabilidade de um jovem em posição inicial de desemprego transitar para a posição final de ocupado ou de desalentado no último trimestre de 2018, 2019 e 2020, fazendo uso dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC). De maneira adicional, com o objetivo de verificar o impacto da pandemia na saída da desocupação para cada um dos status aqui já supracitados, realiza-se a decomposição não linear, com o intuito de se observar os fatores responsáveis pelas diferenças de “*outcomes*” no momento anterior e posterior a primeira aparição do vírus SARS-CoV-2.

O terceiro e último ensaio, intitulado de “Efeito espacial de vizinhança em jovens “nem-nem” na cidade de fortaleza”, traz uma análise do possível efeito vizinhança, sobre a posição simultânea de não-estudo e não- trabalho dos jovens na cidade de Fortaleza. Para isso faz-se uso dos microdados identificados do Cadúnico, onde é possível o georeferenciamento dos domicílios, o que possibilita investigar até que ponto vizinhos individuais influenciam mutuamente uns aos outros, por meio de um modelo *probit* espacial.

Ressalta-se que, o maior intuito da presente tese é tecer novos insights e fornecer insumos importantes para o norteamento de políticas públicas relacionados ao tema em tela. Ademais, acredita-se que os ensaios aqui levantados possam abrir um amplo debate, tanto de criação como de reformulação de propostas para futura agenda de investigação, por parte de órgãos e agências multilaterais dedicadas à defesa dos direitos humanos, que visam mitigar o combate à exclusão social juvenil em diversas partes ao redor do mundo.

2 ENSAIO 1: ATIVIDADE RELIGIOSA MOTIVA OU ACOMODA OS JOVENS BRASILEIROS NA BUSCA POR EMPREGO?

2.1 INTRODUÇÃO

A religião é um elemento de suma importância para entender os desdobramentos de ordem histórica, econômica, política e social de uma nação. Para muitos é um assunto sobre o qual aborda opiniões divergentes, pois alguns a culpam pela guerra e pelo terrorismo, outros acreditam que ela é o único ponto positivo em um mundo cheio de percalços (MENTS, ROELOFSMA e TREUR, 2018).

A religiosidade e espiritualidade são conceitos multidimensionais que são utilizados de maneira intercambiável, mas que possuem construções distintas (TOVAR-MURRAY, 2011). Segundo Hill *et al.* (2000) a origem da palavra religião vem da raiz latina *religio*, que descreve a interação entre os seres humanos e uma força unificadora universal que aborda todos os aspectos das existências. Enquanto o significado da palavra espiritualidade é de origem latina *spiritus*, que significa "sopro da vida", ou *spiritulis*, "uma pessoa de espírito". As diferenças que separam o conceito de religião da espiritualidade é que o primeiro tende a basear-se em relações institucionais e sociais, já o segundo se manifesta na capacidade de um indivíduo de encontrar conforto no invisível (TOVAR-MURRAY, 2011).

Pesquisas identificaram alguns efeitos benéficos relacionados ao impacto da religião na população, tais como: i) menor propensão ao uso ou abuso de substâncias (BEHERE *et al.*, 2013; JOHNSON, SHEETS e KRISTELLER, 2008); ii) redução de práticas violentas (SALAS-WRIGHT *et al.*, 2014); iii) melhora no quadro de comportamentos antissociais e atos criminosos (BAIER e WRIGHT, 2001); iv) aumento do bem estar subjetivo (FENELON e DANIELSEN, 2016; LEWIS, MACGREGOR e PUTNAM, 2013; ABDEL-KHALEK, 2012); v) mitigação dos episódios de depressão, dificuldade de dormir, ansiedade, solidão e problemas emocionais (BEHERE *et al.*, 2013); vi) menor incidência de violência doméstica (ELLISON e ANDERSON, 2001); vii) proteção contra as tentativas de suicídio (LAWRENCE, OQUENDO e STANLEY, 2016; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2006).

Em relação ao comportamento psicossocial da espiritualidade, aponta-se a presença de um efeito protetor, proporcionando a maior coesão social, o sentimento de pertencer a um grupo, além de fornecer uma percepção de continuidade no relacionamento com amigos, familiares e outras comunidades (BEHERE *et al.*, 2013). Do ponto de vista da saúde mental, a religião pode fornecer

orientações muito necessárias, que podem ajudar as pessoas a planejar um curso para suas vidas, principalmente na juventude, fase marcada por muitas incertezas e questionamentos.

Contudo, acredita-se que a religião pode ser também uma fonte de acomodação e alienação, principalmente no mercado de trabalho (ÖHLMANN, 2021; CLARK e LELKES, 2005; GUIISO, SAPIENZA e ZINGALES, 2003). Clark e Lelkes (2005) chamam a atenção para os efeitos reversos da dedicação religiosa sobre mudança nas atitudes e comportamentos, estes observaram que os desempregados mais assíduos à igreja são menos dispostos a procurar ativamente por emprego, enquanto Guiso, Sapienza e Zingales (2003) observaram comportamentos mais racistas e pouco favoráveis à participação laboral feminina entre aqueles considerados mais religiosos.

A literatura empírica reconhece potencialmente o caráter endógeno da religião (ÖHLMANN, 2021; BENJAMIN et al. 2016; BUSER, 2015, MEREDITH, 2014). Recentemente, Öhlmann (2021) investigou o efeito da religiosidade no desempenho do mercado de trabalho usando uma abordagem que faz uso de variáveis instrumentais para controlar a endogeneidade da religião, no qual a pesquisa conclui que a intensidade da crença exerce influência nas atitudes e resultados do mercado de trabalho. Nesta mesma linha, Meredith (2014) investigou sobre a relação entre o status da força de trabalho e assiduidade a serviços religiosos, no qual observou um possível viés na relação entre o tempo gasto fora do mercado de trabalho versus atendimento religioso.

No campo da identificação causal pouco se sabe a respeito de “como” e “até que ponto” as crenças e as práticas religiosas influenciam os valores, opiniões, percepções e atitudes sociais dos jovens, principalmente diante de fenômenos como o desemprego e exclusão social. Dado que a juventude é uma etapa crucial para a formação educacional e profissional dos indivíduos, há uma crescente preocupação dos órgãos governamentais e entidades de pesquisa diante de uma parcela significativa de jovens estar afastada da rede de ensino formal e do mercado de trabalho, denominados pela literatura atual de geração “nem-nem”. Fenômeno este observado não só nas Américas, como também na região europeia (desenrolada com a crise econômica de 2008), no qual se propagou pelo continente sob a denominação de condição “Ni Ni”¹(CARDOSO, 2013).

Em 2012, havia no Brasil 4,3 milhões de jovens entre 18 e 25 anos fora da rede de ensino e inativos na força de trabalho, o que representa aproximadamente 17% dessa população segundo dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra a Domicílios). Autores como Ciríaco *et al.* (2019), Shirasu e Arraes (2019), Tillman e Comim (2016), Ciríaco (2015), Coles *et al.* (2002), Dorsett e Lucchino (2012), salientam as sérias consequências de médio e longo prazo decorrentes da

¹Sigla espanhola para a juventude que não estão nem na escola nem trabalhando.

problemática, como: maior probabilidade ao uso de drogas ilícitas, maternidade precoce, desemprego e envolvimento com o crime.

Diante da lacuna preexistente na literatura relacionada ao efeito das crenças sobre a juventude brasileira, o presente trabalho avança em relação aos demais ao buscar estimar o efeito da frequência a serviços religiosos sobre um subgrupo específico, os conhecidos “nem-nem”. Neste sentido o diferencial desta tese, é observar como a intensidade à dedicação religiosa pode incentivar na diferenciação de “esforço” pela procura por engajamento laboral entre dois tipos de subgrupos ocupacionais de “nem-nem”: i) os que participam da “PEA” (População Economicamente Ativa), e ii) “Inativos”. Logo nesta pesquisa considerou a relação *vis-à-vis* de indivíduos que apesar de não estarem estudando e trabalhando estão se esforçando na procura por trabalho, *versus* aqueles que estão totalmente inseridos no status da inatividade, ou seja, que simultaneamente não trabalham, nem estudam e muito menos procuram emprego. A justificativa para essa análise, consiste em entender o efeito direto da intensidade das práticas religiosas na diferenciação ocupacional destes indivíduos, com intuito de observar se a prática religiosa pode, ou não, modificar a atitude de busca por trabalho, permitindo uma análise mais rica, proporcionando uma visão mais ampla, em vistas a subsidiar o norteamo de políticas públicas.

Nesta pesquisa foi considerado a faixa etária de 18 a 25 anos, utilizando dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013— a escolha por esse banco de dados deve-se a inclusão de um módulo especial que contém algumas informações associadas à religião. Adicionalmente, neste estudo, levou-se em consideração o caráter endógeno da religião já mencionado por Öhlmann (2021) e Meredith (2014). Uma vez que se suspeita que fatores não observados que influenciam a intensidade de dedicação religiosa em um certo nível pode também afetar as chances de motivação na busca por emprego, por serem decisões consideradas temporalmente concorrentes, especifica-se a variável religião como tratamento endógeno, fazendo uso do modelo de regressão estendido (ERM) baseado em Öhlmann (2021). O intuito desta análise consiste em averiguar, em que medida, escolhas previamente não aleatórias associadas ao grau de intensidade religiosa podem impactar na motivação de busca por emprego dos jovens brasileiros.

Além dessa introdução, esta pesquisa está estruturada da seguinte maneira; na seção seguinte faz-se uma breve revisão da literatura sobre a temática; a terceira seção, apresenta-se a metodologia do banco de dados; na seção quatro são analisados os principais resultados, ressaltando e discutindo aspectos importantes do modelo econométrico e; na quinta seção são expostas as considerações finais.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nas últimas décadas, a religião tem despertado o interesse crescente de diversos economistas, cientistas políticos e sociólogos no mundo afora. As primeiras contribuições técnicas que aplicaram o raciocínio econômico e social para analisar o comportamento dos agentes sobre a religião vieram à tona a partir das obras de Adam Smith, Max Weber e Émile Durkheim (OLSON, 2019). De lá para cá, o campo do que agora é conhecido como Economia da Religião se expandiu de forma expressiva, abordando tanto estudos teóricos como também empíricos (OLSON, 2019; LEWIS, MACGREGOR e PUTNAM, 2013; MILOT e LUDDEN, 2009; TAN, 2006; NOLAND, 2005; GUIISO, SAPIENZA e ZINGALES, 2003; LIPFORD e TOLLISON, 2003; EWING, 2000; IANNACCONE, 1991).

Em um capítulo pouco comentado na obra intitulada “A riqueza das nações”, Adam Smith lançou as bases para uma teoria econômica das instituições religiosas. O autor enfatizou a importância da estrutura de mercado, descrevendo em detalhes as diferenças entre monopólios religiosos patrocinados pelo Estado e mercados religiosos competitivos (IANNACCONE, 1991). Outro dos principais pioneiros a abordar a influência da religião na economia foi Weber. Em seu livro, “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, o autor buscou descobrir como os valores religiosos e crenças podem influenciar na vontade e no desejo das pessoas para perseguir determinados tipos de hábitos e comportamentos que promovem o crescimento do capitalismo moderno (OLSON, 2019).

Em sua obra “As formas elementares da vida religiosa”, escrito em 1912, Durkheim expôs a sua teoria da integração social, sugerindo que a participação em uma organização religiosa está relacionada ao maior bem-estar. O autor indicou que a devoção a um grupo e participação em rituais comunitários, como cultos, ou atividades na igreja, ajudaria a melhorar o senso de anomia nos indivíduos. Ademais, em sua teoria ele ressalta o papel importante da religiosidade na legitimação e reforço nas normas da sociedade, fornecendo aos indivíduos diretrizes que incentivam comportamentos positivos (STOLZ *et al.*, 2013).

Segundo Guerriero (2012) as ideias básicas desenvolvidas por Durkheim demonstram de maneira aparente uma preocupação com a manutenção da ordem social. A saber que a solidariedade é fundamental para a existência da coesão social, é de suma importância a presença de representações coletivas, de uma moral coercitiva que estabeleça a consciência coletiva na sociedade. Diante disso, num primeiro instante, o autor preocupou-se com o estudo da instituição escolar e do ensino como formador dessa possível consciência comunitária sobre os agentes.

Para Olson (2019) a religião pode ser socialmente construída e reconstruída, assim como as suas influências que também podem ser transmitidas socialmente, por meio das congregações aos membros, dos pais aos filhos, entre amigos por meio de *networks* e, pelas características e atitudes religiosas das pessoas que vivem nessas mesmas comunidades. O autor ressalta que há um número crescente de estudos que demonstram que os tipos de grupos religiosos concentrados em uma área geográfica (por exemplo, a porcentagem de católicos) influenciam o comportamento e as atitudes de todas as pessoas que vivem lá, mesmo após controlar por outras características.

Nessa linha, Lewis, MacGregor e Putnam (2013) verificaram se as *networks* podem explicar a relação entre religiosidade e "comportamentos de vizinhança", tais como: votar, ser voluntário e doar para instituições de caridade. Par tal fim, foram ressaltados uma gama de estudos (PUTNAM e CAMPBELL, 2010; LAM, 2002; PARK e SMITH, 2000) que examinaram a associação entre religião e engajamento cívico, havendo um amplo consenso de que os indivíduos religiosos são mais engajados, tanto de maneira cívica como social, em relação aos seus pares menos religiosos. Os autores ressaltam ainda, os fatores positivos associados as *networks* como fonte de informação, incentivo e mecanismo subjacente de outros fenômenos, incluindo buscas de emprego bem-sucedidas, melhor estado de saúde e maior subjetividade de bem-estar.

Para Stroope (2012) a imersão social na comunidade leva os agentes ao alinhamento com as práticas e a ideologia do grupo por meio dos altos níveis de recompensas emocionais obtidas no curso da interação social. O autor ainda ressalta que as *networks* preexistentes dentro de grupos religiosos podem ser fundamentais, porque as relações e papéis sociais do grupo se infundem em uma força moral (ou de solidariedade) que assume significado sobrenatural (ver Berger (1967)).

Milot e Ludden (2009) analisaram os efeitos da importância da religião para os adolescentes das áreas rurais. Os resultados apontaram que a importância da religiosidade era superior para as mulheres. Adicionalmente, observou-se que aqueles que consideravam a religião mais importante em suas vidas detinham menores indícios de mau comportamento escolar e maior motivação. No que diz respeito a alta frequência religiosa, verificaram-se que estes possuíam notas mais elevadas.

Lechner e Leopold (2015) investigaram se a participação religiosa amortecia o impacto negativo do desemprego na satisfação com a vida usando dados longitudinais da Alemanha, e apresentaram duas conclusões centrais: *i*) a maior frequência de comparecimento religioso foi associada a menores quedas na satisfação com a vida; *ii*) aqueles que frequentavam serviços religiosos semanalmente estavam adaptados ao desemprego.

Os mesmos autores citados anteriormente ainda expõe que há boas razões para supor que a religião possa mitigar o impacto psicológico do desemprego devido a três fatores: *i*) as

comunidades religiosas podem servir como um canal de apoio social, ao qual os membros podem recorrer a conselhos e assistência em momentos de maior necessidade; *ii*) adicionalmente aos recursos sociais, a religiosidade também pode aprimorar recursos psicológicos que podem ajudar a lidar com o desemprego, como eficácia pessoal, otimismo e um senso de significado e propósito na vida que não tem relação com o sucesso material; *iii*) pode ajudar a expandir o repertório de enfrentamento dos agentes por vários comportamentos religiosos específicos (ou seja, se envolver em atividades de cunho religioso) que mudam o foco dos estressores ou os reavaliam como desafios mandados por Deus.

Entretanto, na literatura algumas pesquisas já observaram um possível efeito reverso da religiosidade (ÖHLMANN, 2021; CLARK e LELKES, 2005; GUIISO, SAPIENZA e ZINGALES, 2003). Öhlmann (2021) salientou que o engajamento religioso pode estar associado a resultados mais favoráveis no mercado de trabalho, porém além de determinado ponto, a prática a tais atividades poderia apresentar efeitos contrários. Clark e Lelkes (2005), corroboram com tal argumento e verificaram que os desempregados religiosos são menos propensos a procurar ativamente por emprego. Ademais, Guiso, Sapienza e Zingales (2003) averiguaram que pessoas mais assíduas tendem a ser menos favoráveis em relação à participação das mulheres trabalhadoras.

Öhlmann (2021) ressalta que apesar de existir no campo econômico diversas pesquisas que reconhecem a religião como um papel determinante sobre as atitudes e resultados econômicos, observou-se até agora que os resultados parecem fornecer aparentemente apenas indícios gerais. Segundo o autor, tais respostas parecem emergir a ideia de que as crenças religiosas influenciam as atitudes e o desempenho econômico de forma ambígua. Nos quais, segundo ele as direções e magnitudes dos efeitos da religião nas mentalidades e ações individuais dependem não somente da comunidade religiosa em questão, mais também do contexto social, econômico, político e cultural de cada nação.

Apesar da literatura possuir alguns estudos que abordem a relação da religião nos resultados do mercado de trabalho, verifica-se que não há estudos sobre os impactos da mesma sobre o público jovem. Portanto este estudo avança com relação a literatura por investigar como a religião pode ajudar os indivíduos em situação de vulnerabilidade laboral e educacional, os conhecidos “nem-nem”, a encontrar motivação para persistência na busca por trabalho, mesmo que suas experiências, crenças e identidades sejam distintas.

2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção discutem-se os procedimentos metodológicos associadas a pesquisa, discorrendo na primeira parte da seção sobre os métodos econométricos associados ao modelo empírico, e ressaltando as informações sobre a técnica de regressão estendida, mais especificamente, o modelo *probit* com tratamento endógeno ordinal. Finalmente, na última parte da seção ressalta-se a descrição do banco de dados.

2.3.1 Modelo Empírico

Para observar se há relação entre a intensidade da religião e a atitude de busca por trabalho, utiliza-se a equação (2.1), na qual se investiga a probabilidade de o jovem transitar da total inatividade e procurar um engajamento ocupacional. Para isso, considere:

$$y = \alpha + \gamma t + X' \beta + \varepsilon_p \quad (2.1)$$

Onde y é o resultado de interesse, nesse caso o incentivo em procurar emprego, t é uma variável categórica ordinal que representa os níveis de frequência às atividades de cunho religioso, X é um vetor de características de controle associadas as variáveis individuais, familiares e de localização e ε_p é o termo de erro. O coeficiente de interesse γ , representa o efeito dos diversos níveis de intensidade religiosidade na variável de resultado.

Entretanto, para estimar a equação (1), anteriormente citada, de maneira consistente, é de suma importância que o erro não seja correlacionado com a variável de interesse t , isto é, $Cov(t, \varepsilon_p) = 0$. Se a seleção do tratamento é apoiada em variáveis não observáveis a hipótese de não correlação com a variável de interesse deixa de ser válida e os resultados da estimação da equação passam a ser viesados (MESQUITA e SOUZA, 2018). Uma forma de corrigir tal problemática é encontrar uma variável instrumental para a intensidade religiosa que não seja correlacionada com o resultado, dado que determinada frequência a religiosidade pode estar relacionada com o nível de ociosidade do indivíduo.

Posto que, além das variáveis não observáveis que podem viesar os resultados, o tratamento entre os grupos pode também não ser aleatório, optou-se por realizar estimativas do tratamento com variável instrumental, fazendo uso do modelo *probit* com tratamento endógeno ordinal, como forma de tratar a possível endogeneidade da variável supracitada.

Os instrumentos utilizados (associados diretamente a variável de tratamento e que afeta indiretamente os resultados) referem-se as características de vizinhança e fatores socioemocionais. Mais especificamente no caso da primeira variável foi calculado o percentual de lares com adeptos a alta participação à religião no conglomerado de residência do indivíduo², admitindo que estes tenham comportamento de grupo (“paroquial”); enquanto o segundo se refere ao sentimento de baixa perspectiva ou depressão, que podem estimular o seu nível de assiduidade. Sem pormenores, a inclusão de tais instrumentos justifica-se por serem vistos como *proxies* para características não observadas quanto às decisões sobre frequência a religião dos indivíduos.

Diante deste ensejo, utiliza-se como equação auxiliar um modelo *probit* ordinal que aumentam a equação (2.1) anteriormente citada, com intuito de mitigar as preocupações referentes a possível endogeneidade. Tal equação é descrita como:

$$t = \delta z + X' \beta + \varepsilon_A \quad (2.2)$$

Em que z é um vetor de variáveis instrumentais; X um vetor de controles; δ e β representam os vetores de parâmetros e ε_A um termo de perturbação.

A metodologia aqui descrita nas equações (2.1) e (2.2) é denominada de modelo de regressão estendido (ERM), em que se aplica uma correção que explica o impacto de variáveis que afetam a atribuição e o resultado do tratamento, no qual permite testar se os não observáveis (ou seja, os dois termos de erros da equação auxiliar e principal) estão correlacionados, o que fornece uma visão adicional de que: se os erros não forem correlacionados, os resultados de regressão tradicional serão mais confiáveis do que o modelo estendido; no entanto, se os termos do erro estiverem correlacionados, obteremos uma previsão para a direção de qualquer viés de variável omitida (SAREL e DERMITAS, 2019).

Em seguida, após controlada a interdependência, avalia-se a hipótese básica desta pesquisa, que é averiguar o efeito da intensidade religiosa sobre a probabilidade de incentivo de busca por emprego. Colocando de outro modo, deseja-se observar se os jovens com algum nível de frequência religiosa são mais ou menos propensos a procurar trabalho comparados aos jovens que não frequentam à religião.

² Com relação ao recorte geográfico, os conglomerados são representados pelas unidades primárias de amostragem (UPA), os quais correspondem aos setores censitários ou conjuntos de setores censitários (quando esses setores contam poucos domicílios). Para maiores detalhes ver Souza-Júnior et al. (2015).

Essa análise pode ser conduzida por meio de uma estimativa conhecida como efeito de tratamento, que busca capturar a diferença entre o resultado esperado (probabilidade de procurar emprego) quando o tratamento ocorre, isto é, se o indivíduo decide frequentar atividades de cunho religioso, e o resultado esperado na situação em que o tratamento não ocorre (quando não frequenta). O efeito do tratamento pode ser representado matematicamente por $y_j - y_1$ que é a diferença do resultado esperado médio (*Potential-Outcome Means* – POM) se o indivíduo i receber o alguma dosagem do tratamento POM _{j} em vez do controle (nenhuma dosagem), POM₁. Para o grupo j , o efeito do tratamento condicionado em x_i e z_{ti} é:

$$TE_j(x_i, z_{ti}) = E(y_{ji} - y_{1i} | x_i, z_{ti}) = POM_j(x_i, z_{ti}) - POM_1(x_i, z_{ti}) \quad (2.3)$$

O efeito de tratamento médio (*Average Treatment Effect* – ATE) para o grupo j é dado por:

$$ATE_j = E\{TE_j(x_i, z_{ti})\} \quad (2.4)$$

Cabe destacar que, o diferencial da metodologia aqui proposta, está na correção que explica o impacto de variáveis que afetam a atribuição e o resultado do tratamento. Os ERMs são modelos de regressão para resultados contínuos, binários e ordenados que são obtidos por Máxima Verossimilhança (MV) e que também levam em consideração covariáveis endógenas (NEWHEY, 1987; GALÁRRAGA *et al.*, 2018), seleção de amostras (VAN DE VEN e VAN PRAGG, 1981) e atribuição de tratamento não aleatório (SAREL e DEMIRTAS, 2019); fornecendo uma estrutura única para lidar de forma simples com essas complicações de forma isolada ou em combinação.

2.3.2 Banco de Dados

Os dados aqui utilizados fazem parte da Pesquisa Nacional de Saúde de 2013 (PNS), organizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tal pesquisa é realizada através de uma amostra probabilística de domicílios, com o objetivo de produzir inferências sobre a situação do estado de saúde da população brasileira, coletando adicionalmente informações sobre rendimentos, educação e trabalho, entre outras. A escolha por esse banco de dados no presente estudo deve-se a inclusão de informações associadas a religião expostas no Módulo temático “M”, no qual possui um questionário sobre “outras características de trabalho e apoio social”.

Como já mencionado anteriormente o principal objetivo deste estudo é diferenciar os subgrupos de jovens “nem-nem”, verificando o efeito da intensidade a frequência religiosa sobre a motivação em procurar uma ocupação, diferenciando os jovens totalmente inativos no sistema educacional e laboral daqueles que apesar de não estarem trabalhando e estudando estão procurando participar da população economicamente ativa (PEA). Logo se assume valor igual a 1 para os indivíduos “nem-nem” que buscaram tomar alguma providência para conseguir trabalho, ou seja, se enquadram no subgrupo de desempregados, enquanto atribui-se 0 para aqueles com status totalmente inativo.

Na amostra foram selecionados lares cuja composição familiar existia pelo menos um jovem com idade de 18 a 25 anos, sem qualquer tipo de deficiência física e/ou intelectual. A escolha por esta faixa etária justifica-se por ser uma fase da vida em que a permanência escolar não é obrigatória, colocando maior peso no fator busca por emprego. Ademais, para alcançar os objetivos propostos, foram aplicados alguns recortes importantes como, por exemplo, excluir aqueles que não possuíam *status* de filho do cônjuge e/ou do responsável pelo domicílio. A inclusão deste recorte baseia-se no exposto por ROCHA (2008) e SARRIERA et al. (2000) ao ressaltar que a posição do jovem no núcleo familiar, no qual na maioria das vezes não é provedor da família, e sim um dependente, proporciona ou estimula uma maior instabilidade ocupacional, deixando-os mais vulneráveis a se enquadrar na geração “nem-nem”. Após todos esses filtros e exclusão das observações faltantes, a amostra final perfaz 793 observações.

No referente a variável de tratamento, propõe-se a utilização de múltiplas medidas de intensidade para referenciar as dosagens de dedicação religiosa, no qual é representada pela frequência nos últimos doze meses com que o indivíduo compareceu a cultos ou atividades religiosas, sem contar situações como casamento, batizado ou enterro. Os múltiplos valores que representam os níveis de intensidade de participação são definidos como se segue: *i*) nenhuma (não compareceu durante o ano); *iii*) moderada (compareceu anualmente até 2 a 3 vezes no mês); e *iv*) alta (de uma a mais vezes na semana).

A partir dos dados da PNS de 2013, com base na literatura exposta, foram elencadas para a equação de resultado um conjunto de variáveis explicativas para a posteriori análise empírica, a saber: faixa de idade, sexo, cor, educação (jovem e chefe), renda da família, crianças no lar, área e *dummies* para localização geográfica. Vale salientar que a seleção das referidas variáveis é consistente com outros achados na literatura especializada (SHIRASU e ARRAES, 2019; CIRÍACO

et al., 2019; REMY e VAZ, 2017; TILLMANN e COMIM, 2016; CARDOSO, 2013; MONTEIRO, 2013; MENEZES FILHO, CABANAS e KOMATSU, 2013).

No tocante a equação auxiliar, associada a assiduidade a religião, além das variáveis já mencionada anteriormente, introduziu-se variáveis de ordem comportamental (traumas) e de apoio social (religiosidade da vizinhança). O conjunto de variáveis explicativas pré-selecionadas levam em conta a literatura sobre o assunto (OLSON, 2019; IRFFI, CRUZ e CARVALHO, 2017; OLIVEIRA, CORTES e BALBINOTTO NETO, 2013; MILOT e LUDDEN, 2009). O Quadro 1.A, em anexo, apresenta uma descrição detalhada de cada variável selecionada nesta pesquisa.

A Tabela 2.1 apresenta a distribuição amostral dos jovens pré-selecionados por nível de assiduidade a religião, após o devido tratamento da base de dados, considerando de forma desagregada dois subgrupos da geração “nem-nem”, os que procuram trabalho (1º coluna), e inativos (2º coluna). Em linhas gerais, os dados apontam que de forma geral mais de 35 % dos jovens “inativos” participam de maneira elevada de atividades de cunho religioso, enquanto para aqueles que procuram trabalho, estes participam de forma mais elevada representando aproximadamente 39%. É percebido que a falta de participação religiosa é visivelmente superior entre os subgrupos de “nem-nem” inativos, representando 38%, enquanto aqueles que buscam um engajamento ocupacional estes representam somente 28%.

Tabela 2. 1: Brasil-Distribuição de indivíduos por nível de assiduidade religiosa

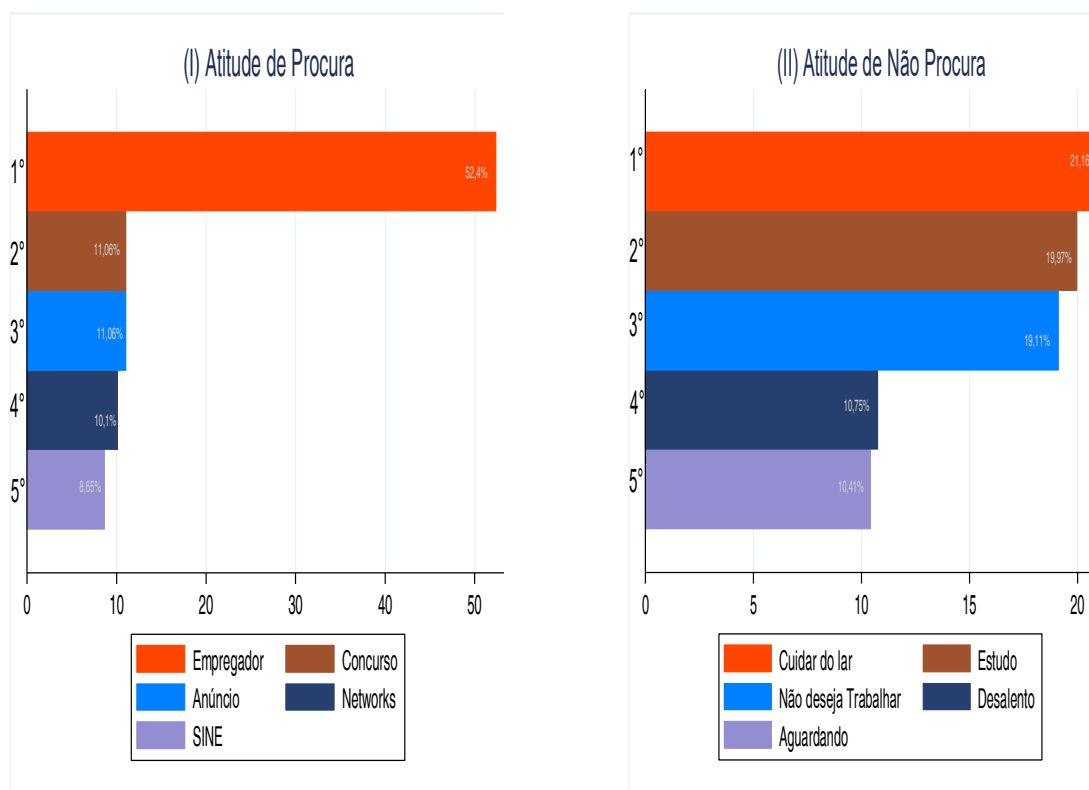
Frequência	Categorias de jovens “nem-nem”	
	Procura	Inativo
Nenhuma	28,30%	38,55 %
Moderada	33,02%	25,47%
Alta	38,68%	35,97%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNS de 2013.

Na figura 2.1 é realizada uma análise mais minuciosa da amostra, a fim de se obter pistas sobre as cinco principais atitudes realizadas de busca por emprego, e os cinco primeiros motivos para a não procura por engajamento ocupacional. Dentre as principais providências tomadas de busca por

trabalho, ressalta-se que aproximadamente 52% dos indivíduos entraram em contato com empregador, 11% colocaram ou responderam anúncio assim como também prestaram concurso público, 10% tentaram indicação por meio de networks (*ex*: amigos e familiares), e aproximadamente 9% consultaram agência municipal, estadual, ou o Sistema Nacional de Emprego (SINE) da cidade.

Figura 2. 1: Brasil- Ranking das decisões



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNS de 2013.

No referente ao motivo de não ir atrás de trabalho, o primeiro fator do ranking está associado ao cuidado do lar, o que já era esperado, pois a literatura (CIRÍACO, *et al.*, 2019; CARDOSO, 2013; MONTEIRO, 2013) expõe que o principal motivo para inatividade laboral, assim como também educacional dos jovens está associado aos afazeres domésticos e cuidado dos irmãos, parentes e filhos pequenos. O segundo lugar está relacionado ao fato de dedicar-se aos estudos, o que pode indicar que apesar de não estarem engajados no segmento educacional, estes podem estar se capacitando informalmente, ou em casa (por exemplo: estudando para vestibular ou concurso). O

terceiro e quarto motivo, é que o indivíduo não quer (19%), ou está desalentado (11%), totalizando juntos quase 30% dos jovens. Por fim, o último motivo, relaciona-se ao fato de que o indivíduo está aguardando a resposta de alguma medida tomada anteriormente representando aproximadamente 10%.

Por sua vez, a Tabela 2.2 dispõe a média amostral geral de cada variável explicativa associada a características individuais, familiares e de localização usada para determinar a motivação em alocar-se em atividades produtivas, comparando os dois tipos de subgrupos de jovens “nem-nem”: (a) Procura e (b) Inativo. O primeiro subgrupo corresponde àqueles indivíduos que apesar de não estarem trabalhando e estudando, estão procurando uma ocupação representados pela coluna (a). Já o segundo representam aqueles totalmente inativos, ou seja, os indivíduos que não trabalham, nem estudam e muito menos procuram um emprego expostos na coluna (b). Verifica-se que a categoria dos jovens “inativo” compõe a parcela com maior percentual de crianças no lar ao se comparar com os que procuram trabalho, representando aproximadamente 43%. No referente a renda, os jovens inativos e que não estudam, possuem maior renda *per-capita* familiar em comparação aos jovens que procuram uma atividade econômica, sugerindo que problemas financeiros estão associados a maior motivação de busca por engajamento ocupacional.

No tocante a raça, ao gênero e a educação do jovem; os não-brancos, as mulheres e os que possuem ensino médio constituem a maior parte dos dois grupos em análise. Quanto à faixa de idade percebe que somente a procura por emprego é maior entre o segmento etário de 20 a 22 anos, enquanto que a inatividade é maior entre os jovens de 18 a 19 anos. Em linhas gerais, percebe-se uma menor parcela com faixa de idade de 23 a 25 anos em comparação aos indivíduos mais novos na inatividade, o que já era esperado, pois a medida que se tornam mais velhos há naturalmente uma maior predisposição a engajar-se em atividades produtivas.

Por fim, no que diz respeito a região Nordeste, percebe-se que esta concentra-se o maior percentual de jovens que procuram emprego e inativos, o que de fato já era esperado, devido à grande dimensionalidade, e porte populacional que tendem a acentuar as disparidades locais preexistentes. Quanto a área, constata-se que 46% dos moradores da capital são mais propensos a dedicar-se a procura por trabalho enquanto que os jovens inativos estes representam aproximadamente 42%.

Tabela 2. 2: Brasil- Características média dos jovens

	(a) Procura	(b) Inativo
<i>Faixa etária</i>		
18 a 19	0,32	0,37
20 a 22	0,36	0,36
23 a 25*	0,32	0,27
<i>Educação do jovem</i>		
Analfabeto*	0,052	0,076
Fundamental	0,104	0,236
Médio	0,726	0,625
Superior	0,118	0,064
<i>Sexo</i>		
Homem	0,41	0,41
Mulher*	0,59	0,59
<i>Raça</i>		
Branco	0,36	0,33
Não Branco*	0,64	0,67
<i>Renda per capita</i>	339,8	442,38
<i>Escolaridade Chefe</i>		
Até fundamental incompleto*	0,491	0,515
Fundamental	0,193	0,129
Médio	0,255	0,256
Superior	0,061	0,099
<i>Criança no lar</i>		
Sim	0,31	0,43
Não*	0,69	0,57
<i>Área</i>		
Capital	0,46	0,42
Demais*	0,54	0,58
<i>Localização geográfica</i>		
Norte	0,19	0,31
Nordeste	0,37	0,33
Sul	0,07	0,06
Sudeste	0,24	0,21
Centro-Oeste*	0,13	0,09

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNS de 2013. Nota¹: Em variável binária a média equivale a proporção.

Nota²: * Corresponde a categoria omitida nas estimações

2.4 RESULTADOS

Esta seção apresenta os principais resultados e discussões do presente estudo, dada à estratégia empírica aqui adotada. Primeiramente, avaliaremos as estimativas dos coeficientes do modelo estendido de forma sucinta, em seguida tem-se a análise do efeito da intensidade religiosa sobre a busca por emprego de jovens brasileiros por meio do método do Efeito de Tratamento Médio.

2.4.1 Determinantes da Frequência Religiosa

A Tabela 1.A, em anexo, apresenta os resultados das estimações do *probit* estendido com tratamento endógeno ordinal, composto por duas equações, a principal e auxiliar. Ressalta-se que para almejar os objetivos propostos e facilitar o entendimento sobre os fatores que incentivam o indivíduo a procurar uma atividade econômica, considera-se como variável de interesse a relação vis-à-vis da juventude “nem-nem”, representados por aqueles indivíduos que apesar de não estarem trabalhando e estudando estão procurando uma ocupação *versus* aqueles totalmente inativos.

Ressalta-se que, devido ao fato da intensidade de participação religiosa ser especificada como tratamento, este automaticamente interage com cada uma das outras covariadas da equação principal, visando capturar as dissimilaridades preexistentes entre os diversos níveis de religiosidade. Cabe destacar que foram testados o modelo ERM “com” e “sem” termos de interação, contudo devido ao fato de que este primeiro se sobressai em relação ao último, observado por meio do Teste de Wald, optou-se por utilizar o modelo considerando a presença das interações. Em geral, a estimação dos parâmetros aqui conduzidos apresentou valores e significância estatística distintos entre os diversos níveis de dedicação religiosa. O teste de Wald, de forma geral, confirma a importância de se utilizar o modelo ERM com termos de interação, uma vez que se rejeita a hipótese de que os coeficientes das variáveis selecionadas da equação de resultado são iguais entre os níveis³.

A correlação estimada entre os termos de erros da equação principal e auxiliar em todos os modelos foram significativamente diferentes de zero ao nível de 1%, confirmando que a intensidade religiosa é endógena, reiterando-se a importância do método aqui utilizado ao invés do modelo *probit* univariado sem tratamento endógeno⁴. Por ser negativo, conclui-se que fatores não observáveis que

³ Os resultados do teste de Wald que testa a igualdade dos coeficientes entre os níveis (com e sem controles) são expostos no Anexo, na Tabela 1.B.

⁴ A significância estatística do coeficiente de correlação indica que o modelo ERM está corretamente especificado e que é preferível em relação as estimativas separadas do modelo da equação principal e auxiliar.

aumentam a intensidade religiosa tendem a diminuir a chance de o jovem procurar trabalho, o que já era esperado, pois acredita-se que a partir de determinado ponto, uma intensidade muito elevada da religião pode estar também associada ao menor tempo disponível para “procura” por trabalho.

Em linhas gerais, após controlar o efeito da variável de tratamento endógena por um conjunto de atributos, observa-se que os coeficientes estimados da frequência a religiosidade na equação principal indicam que aqueles que não frequentam a religião tendem a ter uma queda na motivação de procurar trabalho, enquanto que para a juventude que se dedica de forma moderada a variável não apresentou relevância estatística. Por conseguinte, observa-se que para aqueles com alta frequência a religião há maiores possibilidades de sair da total inatividade e buscar engajamento ocupacional, devido apresentar o parâmetro do coeficiente positivo e mais elevado que as demais dosagens de dedicação.

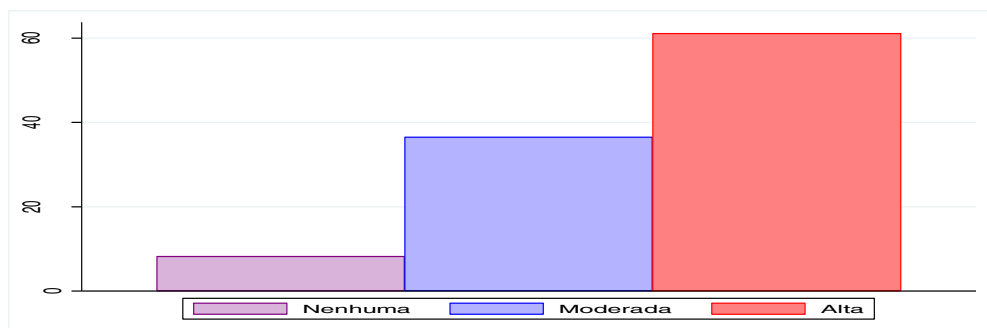
Em relação aos demais parâmetros dos coeficientes da equação principal e auxiliar salienta-se que, as análises das estimativas não parecem tão diretamente úteis, dada a complexidade da interpretação das variáveis de controle (individuais, familiares e locais) entre os diversos níveis de tratamento, sendo pouco interessantes para o presente estudo, no qual tem-se como maior propósito verificar os efeitos salutares da religião sobre a motivação de sair da total inatividade laboral e procurar por emprego. Destarte a estas fundamentações, parte-se para a análise do efeito de tratamento médio, expostos na próxima subseção.

2.4.2 Efeito de Tratamento

Como já reportado, o principal foco desta pesquisa é verificar o efeito da assiduidade religiosa sobre a probabilidade de procurar engajamento ocupacional. Para tanto, após considerada a influência dos respectivos controles (atributos individuais, familiares e de localização) e controlada a interdependência existentes entre as equações principal e auxiliar (*probit* com tratamento endógeno ordinal), realiza-se as estimações dos efeitos médios de tratamento, ou seja, o efeito da assiduidade religiosa sobre a motivação em procurar emprego.

Inicialmente, busca-se responder a seguinte indagação: O que aconteceria se todos os jovens da amostra não se dedicassem a religião? E se todos se dedicassem moderadamente? E se todos se dedicassem com alta frequência? Para alcançar tal fim, estima-se a probabilidade média da motivação de procurar trabalho para cada um desses contrafactuais. Na Figura 2.2, apresenta-se os resultados potenciais médios (POM) da juventude brasileira para os três níveis de intensidade⁵, no qual se observa que, de maneira geral, aqueles que participam de forma mais ativa das comunidades religiosas tendem a sentir-se mais motivados a procurar trabalho. Quando ninguém na população jovem frequenta a igreja, estima-se que 8,2% serão incentivados a dedicar-se exclusivamente a procurar trabalho, conseguinte para aqueles que se dedicam moderadamente estes representam 36,51% e por fim para aqueles mais religiosos, que participam semanalmente de atividades religiosas a motivação de procurar trabalho é visivelmente superior representando 61,07%.

Figura 2. 2: Brasil- Resultados Potenciais Médios (%)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNS de 2013.

⁵ Probabilidade média de procurar trabalho para cada um desses contrafactuais.

Na Tabela 2.3 são apresentadas as estimativas do Efeitos de Tratamento Médio (ATE), dada pela diferença entre esses POM. Notam-se que todos os efeitos médios associados à frequência religiosa apresentaram sinais positivos, sugerindo que, em grosso modo, a religião melhora o incentivo de sair da total inatividade e procurar trabalho. Em linhas gerais, as estimativas do Efeito de Tratamento Médio (ATE) apontam que, participar da religião de forma moderada em comparação a de nenhuma frequência aumenta-se a chance de busca por trabalho em 28 pontos percentuais (p.p.). Já para o indivíduo que participa com elevada intensidade em comparação a nenhuma participação, observou-se que a busca por emprego se eleva, em aproximadamente 53 p.p.

Tabela 2. 3: Brasil- Efeito da Frequência Religiosa sobre a motivação por procurar emprego

	Efeito de Tratamento Médio (ATE)		
	Coefficiente	Erro-Padrão	Intervalo de Confiança
Moderada x Nenhuma	0,2828***	0,0569	[0,1712; 0,3944]
Alta x Nenhuma	0,5285***	0,0986	[0,3352; 0,7218]

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNS de 2013. Nota¹ : Significância estatística *** p<0,01.

Como observado, as estimativas ressaltaram a existência de efeitos benéficos das frequências religiosas sobre a atitude dos indivíduos, corroborando com os argumentos expostos na literatura e com a análise descritiva preliminarmente realizada na seção anterior. Assim, os resultados apresentados neste trabalho sugerem que houve, de fato, um efeito positivo da religião sobre a busca por engajamento ocupacional do segmento juvenil brasileiro, principalmente entre os indivíduos mais religiosos.

2.5 CONCLUSÃO

A religião é um aspecto central da vida de muitas pessoas em todo o mundo, e sua influência no comportamento humano tem sido extensivamente estudada de muitas perspectivas diferentes. Sabendo disto, este estudo, de forma inovadora, teve como principal objetivo observar se existe uma possível relação entre religião e a motivação de participação no mercado de trabalho para juventude brasileira, avaliando o impacto da assiduidade religiosa sobre a atitude de sair a procura de um engajamento ocupacional.

Para tanto, usando dados da Pesquisa Nacional de Saúde, estimou-se um modelo de determinação de procura por trabalho considerando a intensidade religiosa como variável endógena. Destarte, que determinado nível de intensidade à religião pode estar associado ao nível de ociosidade do indivíduo, ocasionando um possível viés, utilizou-se o modelo de regressão estendido (*probit* com tratamento endógeno ordinal), permitindo assim estimar resultados potenciais médios a partir dos dados observados na amostra.

Na análise, foram encontradas evidências de melhora no incentivo de busca por engajamento ocupacional da juventude brasileira, principalmente entre os indivíduos com alta assiduidade religiosa. Em suma, as estimativas do modelo de efeito de tratamento médio mostraram indícios de que a religiosidade tende a ter efeitos benéficos no incentivo de busca por emprego. Ademais, os resultados dos efeitos médios potenciais associados à frequência religiosa apresentaram sinais positivos e crescentes, sugerindo que, em grosso modo, que a medida que a intensidade de dedicação religiosa se eleva maior o incentivo de sair da total inatividade e procurar trabalho. As estimativas do Efeito de Tratamento Médio (ATE) apontam que, participar da religião de forma moderada em comparação a de nenhuma frequência eleva a chance de busca por trabalho em 28 pontos percentuais (p.p.). Para os jovens que participam com elevada intensidade em comparação a nenhuma participação, observou-se que a busca por emprego se eleva, em aproximadamente 53 p.p.

Diante deste ensejo, ressalta-se a importância de se estudar a religião, e como se deriva seu papel nos resultados socioeconômicos e comportamentais. Logo, tentou-se nesta pesquisa preencher a lacuna preexistente, defendendo o valor de incluir a religião como categoria de análise no estudo do comportamento dos agentes, contribuindo para o trabalho empírico nessa área e, com isso, auxiliar a elaboração de outras pesquisas futuras sobre a temática.

Ressalta-se que perante da complexidade do tema, urge-se a necessidade de outras pesquisas sobre a temática no país, principalmente que envolvam dados dinâmicos que permitam acompanhar estes jovens ao longo do tempo e conhecer a fundo os principais fatores impactantes que possam afetar seu status ocupacional.

Por fim, salienta-se que este trabalho não visa encerrar as discussões sobre o assunto e nem tão pouco apresentar o desfecho final acerca da questão. Posto isto, busca-se encontrar não a fórmula que soluciona os seculares problemas advindos da inter-relação humana, e sim, pautar e otimizar a quantidade de respostas plausíveis e significantes para, com isso, auxiliar na compreensão de possíveis iniciativas a serem tomadas, a fim de que essas pessoas diante de um cenário acentuado de desemprego e exclusão social não recaiam no mundo das drogas ou marginalização, criando ações preventivas mais ajustadas, que seriam elaboradas por meio da utilização de informações menos obscuras sobre o comportamento da dinâmica da população juvenil na sociedade moderna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDEL-KHALEK, A. M. Associations between religiosity, mental health, and subjective well-being among Arabic samples from Egypt and Kuwait. **Mental Health Religion & Culture** 15: 741–58, 2012.

BAIER, C. J.; WRIGHT, B. R. E. If You Love Me, Keep My Commandments: A Meta-Analysis of the Effect of Religion on Crime. **Journal of Research in Crime and Delinquency** 38: 3–21, 2001.

BARBERÍA, J. L. Generación “ni-ni”: ni estudia ni trabaja. **El país**, v. 22, n. 6, 2009.

BEHERE, P. B.; DAS, A., YADAV, R.; BEHERE, A. P. Religion and mental health. **Indian Journal of Psychiatry**, 55(6):187, 2013.

BENJAMIN, D.; CHOI, J.; FISHER, G. Religious Identity and Economic Behavior. **Review of Economics and Statistics**, 98: 617–37, 2016.

BENJET, C.; HERNÁNDEZ-MONTOYA, D.; BORGES, G.; MÉNDEZ, E.; MEDINA-MORA, M. E.; AGUILAR-GAXIOLA, S. Jóvenes que ni estudian ni trabajan: salud mental, educación y empleo. **Salud Pública de México**, v. 54, n. 4, p. 410-417, 2012.

BERGER, P. L. **The Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion**. Garden City, NY: Doubleday, 1967.

BRYNER, J.; PARSONS, S. Social Exclusion and the Transition from School to Work: The Case of Young People Not in Education, Employment, or Training (NEET). **Journal of Vocational Behavior** 60, 289–309, 2002.

BUSER, T. The Effect of Income on Religiousness. **American Economic Journal: Applied Economics**, 7: 178–95, 2015.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? **Mercado de trabalho**, v. 53, p. 38, 2012.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L.; ANDRADE, A. Estão fazendo a transição os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? In: Ana Amélia Camarano. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 68, agosto de 2013.

CIRÍACO, J.S. **A situação ocupacional dos jovens no Brasil: 2002 a 2012**. Dissertação (Mestrado em Economia) -Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

CIRÍACO, J. S.; ANJOS JUNIOR, O. R.; OLIVEIRA, C. S. Fatores associados às escolhas ocupacionais das jovens mulheres baianas. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 8, p. 47,2018.

CIRÍACO, J. S.; OLIVEIRA, C. S. ; ANJOS JUNIOR, O. R. ; LINS, J. G. M.G . Os determinantes das escolhas ocupacionais das jovens mulheres das áreas rurais do sul do brasil. **Revista Brasileira de Economia de Empresas**, v. 19, p. 81-101, 2019.

CLARK, A.; LELKES, O. Deliver us from evil: Religion as insurance. **Papers on Economics of Religion**, 603, 1-36, 2005.

COLES, B.; HUTTON, S.; BRADSHAW, J.; CRAIG, G.; GODFREY, C.; JOHNSON, J. Literature Review of the Costs of being ‘Not in Education, Employment or Training’ at Age 16-18. **Department for Education and Skills, Research Report n° 347**, 2002.

DORSETT, R.; LUCCHINO, P. Snakes and ladders in the youth labour market. In: 26th Annual Conference of the European Society for Population Economics – ESPE, 2012, **Anais...** Bern, 2012.

DURKHEIM, E. **The elementary forms of the religious life**. Courier Dover Publications, 2012.

ELLISON, C.G.; ANDERSON, K. L. Religious Involvement and Domestic Violence among U.S. Couples. **Journal for the Scientific Study of Religion** 40: 269–86, 2001.

EWING, B.T. The Wage Effects of Being Raised in the Catholic Religion: Does Religion Matter? **American Journal of Economics and Sociology**, v. 59, n.3, 2000.

FENELON, A.; DANIELSEN, S. Leaving My Religion: Understanding the Relationship between Religious Disaffiliation, Health, and Well-being. **Social Science Research**, 2016.

FURLONG, A. Not a very NEET solution: representing problematic labour market transitions among early school-leavers. **Work, employment and society**, v. 20, n. 3, p. 553-569, 2006.

GALÁRRAGA, O.; RANA, A.; RAHMAN, M.; COHEN, M.; ADIMORA, A. A.; SOSANYA, O. ; HOLMAN, S.; KASSAYE, S.; MILAM, J. COHEN, J.; GOLUB , E.T.; METSCH L.; KEMPF,

M. The effect of unstable housing on HIV treatment biomarkers: an instrumental variables approach. **Soc Sci Med**, 2018.

GUERRIERO, S. A atualidade da teoria da religião de Durkheim e sua aplicabilidade no estudo das novas espiritualidades. **Estudos de religião**, 26 (42), 11-26, 2012.

GUISSO L; SAPIENZA, P.; ZINGALES, L. People's opium? Religion and economic attitudes. **Journal of Monetary Economics**., 50 (1), pp. 225-282, 2003.

GUTIÉRREZ, G. R. A.; MARTÍNEZ, K. I.; PACHECO, T. A. Y. Los jóvenes que no estudian ni trabajan en México. **Enseñanza e Investigación en Psicología**, v. 19, n. 2, 2014.

HILL, P. C.; PARGAMENT, K. I.; HOOD, R. W.; MCCULLOUGH, M. E.; SWYERS, J. P.; LARSON, D. B.; ZINNBAUER, B. J. Conceptualizing religion and spirituality: Points of commonality, points of departure. **Journal for the Theory of Social Behavior**, 30(1), 51–77, 2000.

IANNACCONE, L. The Consequences of Religious Market Structure: Adam Smith and the Economics of Religion. **Rationality and Society**, 3 (2): 156-177, 1991.

IRFFI, G.; CRUZ, M. S. ; CARVALHO, E. B. S. . Reasons for embracing a Religion: The case of Brazilian Women. **Revista Economia da ANPEC**, v. 18, p. 168-179, 2017.

JOHNSON, T. J.; SHEETS, V.L.; KRISTELLER, J. L. Identifying mediators of the relationship between religiousness/spirituality and alcohol use. **Journal of Studies Alcohol Drugs**, 69(1):160 – 70, 2008.

LAM, P.Y. As the Flocks Gather: How Religion Affects Voluntary Association Participation. **Journal for the Scientific Study of Religion**, 2002.

LAWRENCE, R. E.; OQUENDO, M. A.; STANLEY, B. Religion and suicide risk. **Archives of Suicide Research**, 20: 1–21, 2016.

LECHNER, C. M.; LEOPOLD, T. Religious Attendance Buffers the Impact of Unemployment on Life Satisfaction: Longitudinal Evidence from Germany. **Journal for the Scientific Study of Religion**, 54, 166–174, 2015.

LEWIS, V. A.; MACGREGOR, C. A.; PUTNAM, R. D. Religion, networks, and neighborliness: The impact of religious social networks on civic engagement. **Soc Sci Res**, vol. 42. no. 2. 331–346, 2013.

- LIM, C.; PUTNAM, R. D. Religion, Social Networks, and Life Satisfaction. **American Sociological Review**, v. 75. n. 6. 914–933, 2010.
- LIPFORD, J. W.; TOLLISON, R. D. Religious participation and income. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v.51, p.249–260, 2003.
- MAGUIRE, S.; RENNISON, J. Two years on: The destinations of young people who are not in education, employment or training at 16. **Journal of Youth Studies**, v. 8, n. 2, p. 187-201, 2005.
- MCINTOSH, W. A.; SYKES, D.; KUBENA, K. S. Religion and Community among the Elderly: The Relationship between the Religious and Secular Characteristics of Their Social Networks. **Review of Religious Research**, v. 44. n. 2. 109–125, 2002.
- MENEZES FILHO, N.A; CABANAS, P. H. F; KOMATSU, B. K. A Condição “Nem- nem” entre os Jovens é Permanente? **Policy Paper n.7**. São Paulo: Insper, 2013.
- MENTS, L. V.; ROELOFSMA, P.; TREUR, J. Modelling the effect of religion on human empathy based on an adaptive temporal–causal network model. **Comput. Soc. Netw.** 2018.
- MEREDITH, N. R. Religious Service Attendance and Labour Force Status: Evidence from Survey Data Using Count Data Methods. **Applied Economics**, v. 46, n. 34, p. 4242-4255, 2014.
- MESQUITA, S. P.; SOUZA, W. Child Labor and Family Structure: the role of divorce. **International Journal of Social Economics**, v. 45, p. 1453-1468, 2018.
- MILOT, A. S.; LUDDEN, A. B. The Effects of Religion and Gender on Well-Being, Substance Use, and Academic Engagement Among Rural Adolescents. **Youth and Society**, 40(3), 2009.
- MONTEIRO, J. Quem são os jovens nem-nem?: Uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho. **Texto de discussão**. FGV/ Ibre, n.34, set. de 2013.
- MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO NETO, F.; KOENIG, H. G. Religiousness and mental health: A review. **Revista Brasileira de Psiquiatria** 28: 242–50, 2006.
- NEWKEY, W. K. Efficient estimation of limited dependent variable models with endogenous explanatory variables. **Journal of Econometrics**, 36: 231–250, 1987.
- NOLAND, M. Religion and Economic Performance. **World Development** 33 (8): 1215–1232, 2005.

ÖHLMANN, P. Religion and Labor Market Performance: Is It What You Believe or How Much? **Religions**, 2021.

OLIVEIRA, L. L. S.; CORTES, R. X.; BALBINOTTO NETO, G. Quem vai à igreja? Um teste de regressão logística ordenada do modelo de Azzi-Ehrenberg para o Brasil. **Estudos Econômicos**, v. 43, p. 363-396, 2013.

OLSON, D. V. A. The Influence of Your Neighbors' Religions on You, Your Attitudes and Behaviors, and Your Community. **Sociology of Religion**, 2019.

PARK, J. Z.; SMITH, C. "To Whom Much Has Been Given...": Religious Capital and Community Voluntarism among Churchgoing Protestants. **Journal for the Scientific Study of Religion** 39: 272-286, 2000.

PEMBERTON, S. Tackling the NEET generation and the ability of policy to generate a 'NEET'solution—evidence from the UK. **Environment and Planning C: Government and Policy**, v. 26, n. 1, p. 243-259, 2008.

PUTNAM, R. D.; CAMPBELL, D. E. **American Grace. How Religion Divides and Unites Us**. New York: Simon/Schuster, 2010.

REMY, M. A. P. A.; VAZ, D. V. Fora da escola e do mercado de trabalho: o jovem -nem-nem- no estado do rio de janeiro. **Revista da Abet (online)**, v. 16, p. 119-139, 2017.

ROCHA, S. A inserção dos jovens no mercado de trabalho. Salvador: **Caderno CRH**, v.21, n.54, p.533- 550, 2008.

RODRÍGUEZ, E. Jóvenes que ni estudian ni trabajan en América Latina: entre la estigmatización y la ausencia de políticas públicas. **Umbrales**, v.1, n.22, p. 81-100, 2011.

SALAS-WRIGHT, C. P.; VAUGHN, M. G.; MAYNARD, B. R. Buffering Effects of Religiosity on Crime: Testing the Invariance Hypothesis across Gender and Developmental Period. **Criminal Justice and Behavior**, 2014.

SALVATORE, C.; RUBIN, G. The influence of religion on the criminal behavior of emerging adults. **Religions**, 9(5), 141, 2018.

SAREL, R.; DEMIRTAS, M. **Delegation in a multi-tier court system: are remands in the U.S. federal courts driven by moral hazard?** ILE Working Paper Series, n. 28, 2019.

SARRIERA, J. C.; CÂMARA, S. G.; BERLIM, C. S. Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um programa de inserção ocupacional para jovens desempregados. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n.1, 2000.

SHIRASU, M. R. ; ARRAES, R. A. Decisão dos Jovens Brasileiros: Trabalhar e/ou Estudar ou Nem-Nem. **Pesquisa e Planejamento Econômico (Rio de Janeiro)**, v. 49, p. 97-130, 2019.

SMITH, C.; DENTON, M. L. **Soul searching: The religious and spiritual lives of American teenagers**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2005.

SOUZA-JÚNIOR, P. R. B.; FREITAS, M. P. S.; ANTONACI, G. A. ; SZWARCOWALD, C. L. Desenho da amostra da Pesquisa Nacional de Saúde 2013. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, p. 207-216, 2015.

STATA CORP. **Stata Extended Regression Models Reference Manual**, Release 15, 2017. Disponível em: <<https://www.stata.com/manuals/erm.pdf>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

STOLZ, H. E; OLSEN, J. A.; HENKE, T. M.; BARBER, B. K. Adolescent Religiosity and Psychosocial Functioning: Investigating the Roles of Religious Tradition, National-Ethnic Group, and Gender. **Child Development Research**, 2013.

STROOPE, S. Social networks and religion: The role of congregational social embeddedness in religious belief and practice. **Sociology of Religion**. 2012.

TAN, J.H.W. Religion and social preferences: an experimental study. **Economics Letters**, 90 (1), pp. 60-67, 2006.

TILLMANN, E.A.; COMIM, F. Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil e a geração Nem-Nem. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 46, n. 2, pp. 47-78, 2016.

TOVAR-MURRAY, D. The multiple determinants of religious behaviors and spiritual beliefs on well-being. **Journal Spiritual Mental Health**;13(3):182-92, 2011.

VAN DE VEN, W. P. M. M.; VAN PRAGG, B. M. S. The demand for deductibles in private health insurance: A probit model with sample selection. **Journal of Econometrics**, 17: 229–252, 1981.

WEBER, M. **The Protestant ethic and the spirit of capitalism**. Translated by Talcott Parsons. New York, Charles Scribner, 1958.

YATES, S.; PAYNE, M. Not so NEET? A critique of the use of ‘NEET’ in setting targets for interventions with young people. **Journal of youth studies**, v. 9, n. 3, pp. 329-344, 2006.

APÊNDICE A

Quadro 1. A: Brasil- Variáveis do Modelo Estendido

Variável de Tratamento Endógeno (Intensidade Religiosa)	
	0 – Nenhuma ; 1 – Moderada; 2 – Alta
Variáveis Explicativas	
18 a 19 anos	1 para 18 a 19 anos e 0 caso contrário (Categoria Omitida: 23 a 25 anos)
20 a 22 anos	1 para 20 a 22 anos e 0 caso contrário
Sexo	1 para Homem e 0 para caso contrário
Cor	1 para Branco e 0 caso contrário
Fundamental	1 para jovem de Fundamental Incompleto e completo e 0 caso contrário (Categoria Omitida: Sem Instrução)
Médio	1 para jovem de Médio Incompleto e Completo e 0 caso contrário
Superior	1 para chefe com Superior Incompleto e Completo e 0 caso contrário
Fundamental Chefe	1 para chefe com Fundamental completo até Médio Incompleto e 0 caso contrário (Categoria Omitida: Inferior a Fundamental Completo)
Médio Chefe	1 para chefe com médio completo até superior incompleto e 0 caso contrário
Superior Chefe	1 para chefe com superior completo e 0 caso contrário
Renda	Renda do trabalho domiciliar (em dinheiro, produtos e mercadoria (R\$)) per capita
Criança	1 para Criança de menos de 11 anos no lar e 0 caso contrário
Vizinhança	Percentual de lares com religiosos de alta frequência no conglomerado
Traumas	1 para deprimido, se sentido pra baixo ou com baixa perspectiva e 0 caso contrário
Área	1 para capital e 0 caso contrário
Norte	1 para Norte e 0 caso contrário (Categoria Omitida: Centro-Oeste)
Nordeste	1 para Nordeste e 0 caso contrário
Sul	1 para Sul e 0 caso contrário
Sudeste	1 para Sudeste e 0 caso contrário

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 1. A: Brasil-Estimação do modelo probit com tratamento endógeno ordinal

Equação Principal (1)		Coefficiente	Erro Padrão	z	P> z
Sexo interação com:	Nenhuma	0,192	0,158	1,220	0,224
	Moderada	0,256	0,158	1,620	0,105
	Alta	0,077	0,143	0,540	0,590
Cor interação com:	Nenhuma	0,200	0,174	1,150	0,251
	Moderada	-0,0954	0,155	-0,610	0,539
	Alta	0,0378	0,147	0,260	0,798
18 a 19 anos interação com:	Nenhuma	0,256	0,211	1,210	0,228
	Moderada	-0,100	0,174	-0,580	0,564
	Alta	-0,436	0,199	-2,200	0,028
20 a 22 anos interação com :	Nenhuma	0,419	0,209	2,000	0,046
	Moderada	-0,284	0,176	-1,600	0,109
	Alta	-0,330	0,174	-1,890	0,059
Fundamental interação com :	Nenhuma	-0,368	0,305	-1,210	0,228
	Moderada	3,229	1410,3	0,000	0,998
	Alta	-0,225	0,325	-0,690	0,489
Médio interação com :	Nenhuma	-0,297	0,281	-1,050	0,293
	Moderada	3,656	1410,3	0,000	0,998
	Alta	0,174	0,291	0,600	0,550
Superior interação com :	Nenhuma	0,176	0,400	0,440	0,660
	Moderada	4,103	1410,3	0,000	0,998
	Alta	0,462	0,398	1,160	0,246
Fundamental Chefe interação com :	Nenhuma	0,174	0,233	0,750	0,456
	Moderada	-0,079	0,209	-0,380	0,704
	Alta	-0,265	0,188	-1,410	0,160
Médio Chefe interação com :	Nenhuma	0,0457	0,196	0,230	0,815
	Moderada	-0,111	0,181	-0,610	0,539
	Alta	-0,567	0,181	-3,130	0,002
Superior Chefe interação com :	Nenhuma	-0,333	0,321	-1,040	0,299
	Moderada	-0,166	0,347	-0,480	0,633
	Alta	-1,165	0,406	-2,870	0,004
Renda interação com	Nenhuma	-0,000	0,000	-1,090	0,276
	Moderada	-0,000	0,000	-0,060	0,550
	Alta	0,000	0,000	-0,420	0,674
Criança interação com :	Nenhuma	0,0883	0,156	0,570	0,572
	Moderada	-0,145	0,173	-0,850	0,393
	Alta	-0,288	0,161	-1,790	0,073
Área interação com :	Nenhuma	0,192	0,155	1,230	0,217
	Moderada	0,395	0,157	2,510	0,012
	Alta	-0,0377	0,149	-0,250	0,800
Norte interação com :	Nenhuma	-0,273	0,281	-0,970	0,331
	Moderada	-0,474	0,299	-1,580	0,114
	Alta	-0,745	0,296	-2,510	0,012
Nordeste interação com :	Nenhuma	-0,0200	0,270	-0,070	0,941
	Moderada	-0,404	0,273	-1,480	0,139
	Alta	-0,487	0,264	-1,840	0,066
Sul interação com :	Nenhuma	0,435	0,386	1,130	0,260
	Moderada	-0,195	0,362	-0,540	0,592
	Alta	-0,859	0,393	-2,180	0,029
Sudeste interação com :	Nenhuma	0,110	0,282	0,390	0,698
	Moderada	-0,0521	0,276	-0,190	0,851
	Alta	-0,306	0,296	-1,030	0,303
Intensidade à Frequência Religiosa :	Nenhuma	-1,642	0,415	-3,950	0,000
	Moderada	-3,552	1410,3	-0,000	0,998
	Alta	1,385	0,3691	3,750	0,000
Equação Auxiliar (2)		Coefficiente	Erro Padrão	z	P> z
Sexo		-0,077	0,0878	-0,880	0,380
Cor		-0,005	0,092	-0,060	0,954
18 a 19 anos		0,045	0,106	0,420	0,672
20 a 22 anos		0,152	0,104	1,450	0,147
Fundamental		-0,078	0,179	-0,440	0,660
Médio		0,201	0,166	1,210	0,227
Superior		0,114	0,236	0,480	0,629
Fundamental Chefe		0,287	0,122	2,340	0,019
Médio Chefe		0,236	0,106	2,210	0,027
Superior Chefe		0,152	0,180	0,840	0,398
Renda		-0,000	0,000	-2,010	0,045
Criança		-0,054	0,089	-0,610	0,543
Área		-0,146	0,087	-1,670	0,095
Norte		0,0681	0,155	0,440	0,661
Nordeste		0,140	0,154	0,910	0,364
Sul		0,195	0,217	0,900	0,370
Sudeste		-0,150	0,160	-0,930	0,350
Vizinhança		0,0051	0,002	2,480	0,013
Traumas		0,248	0,082	3,000	0,003
Corr ($\epsilon_{Auxiliar}$, $\epsilon_{Principal}$)		-0,810	0,150	-5,400	0,000

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNS de 2013.

Tabela 1. B: Brasil-Teste de igualdade de coeficientes

	Sem controles	Com controles
Prob> chi2	0,000	0,000

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PNS. Teste de igualdade de coeficientes (hipótese nula: Coeficientes iguais).

3 ENSAIO 2: TRANSIÇÃO OCUPACIONAL DOS JOVENS NA PANDEMIA

3.1 INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da gripe espanhola⁶, em 1918, nenhum outro surto de origem infecciosa teve impacto tão desastroso na economia global quanto a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 (causador da Covid-19), o qual levou milhares de pessoas ao confinamento e paralisação de suas atividades econômicas. Com o agravamento do cenário epidemiológico, algumas medidas de cunho restritivo, como o distanciamento social mais severo, o *lockdown*, foram adotadas em momentos de maiores picos da doença, passando a ser consideradas como ferramentas primordiais para frear o crescimento exponencial da contaminação pelo novo coronavírus, evitando assim sobrecarga no sistema de saúde, enquanto a corrida para a elaboração da vacina ainda estava em curso.

No Brasil, o primeiro caso importado da Covid-19 foi detectado no dia 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo, apenas dois meses após o primeiro alerta da presença da enfermidade disparar no território Chinês (COELHO *et al.*, 2020; OLIVEIRA *et al.*, 2020). Pouco tempo depois, em março de 2020, as maiores cidades brasileiras declararam transmissão comunitária do novo coronavírus⁷, levando as autoridades competentes a se confrontarem com o dilema de como equilibrar simultaneamente os custos no campo econômico com os da saúde diante da crise sanitária ocasionada pelo aumento do número de pessoas infectadas.

Neste período, observou-se o fechamento forçado de inúmeras creches, escolas e faculdades não só no Brasil como também em diversos outros países, interrompendo fortemente o processo de aprendizagem de bilhões de indivíduos, trazendo à tona outras formas de ensino já existentes, como a educação à distância (OCDE, 2020). Já no campo econômico, observou-se o fechamento dos setores chamados não essenciais como os de comércio, turismo, cultura e esporte (LIMA e ABREU, 2020). Tais estratégias afetaram de forma direta e drástica a economia e o mercado de trabalho brasileiro, produzindo um choque de oferta, tanto que várias empresas tiveram que reduzir ou suspender suas atividades e jornadas de trabalho (ORELLANA e ARAGÓN, 2020).

Mattei e Heinen (2020) ressaltam que a situação econômica brasileira é delicada, isso por que o Brasil iniciou 2020 com uma taxa de desemprego superior a 11%. Segundo Trovão (2020) a

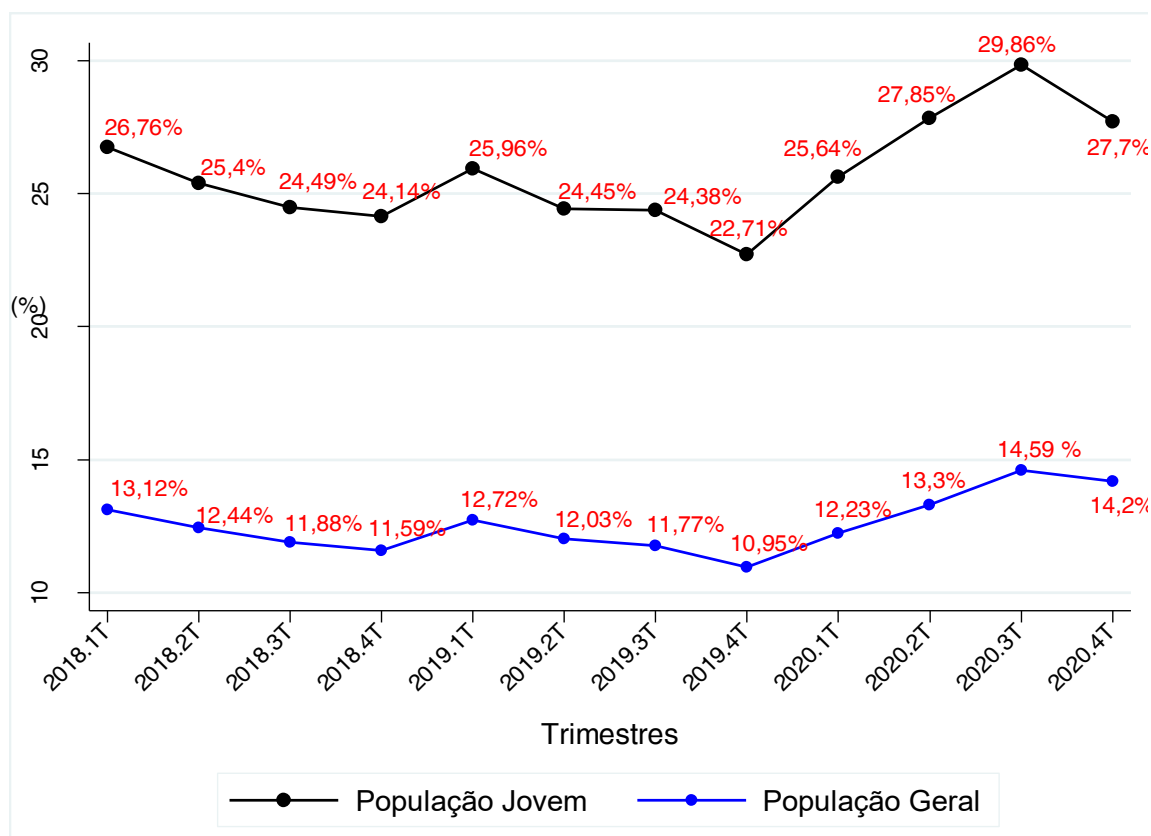
⁶ Os primeiros casos de gripe espanhola foram detectados inicialmente nos Estados Unidos, se espalhando pouco tempo depois ao redor do mundo, deixando aproximadamente 50 milhões de mortos.

⁷ Para maiores informações ver Cavalcante *et al.* (2020).

crise sanitária expõe de forma mais nítida a desigualdade preexistente no país, trazendo desafios expressivos para as políticas públicas, principalmente aquelas relacionadas à proteção social e à preservação do emprego e da renda.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), a taxa de desocupação brasileira no 4º trimestre de 2020 foi de aproximadamente 14,2%, correspondendo a um aumento de 3,3 pontos percentuais em comparação ao 4º trimestre de 2019, que apresentou uma taxa de 10,9%. No caso dos jovens, essas estimativas são ainda mais desanimadoras, isso por que a taxa de desocupação da população de 18 a 25 anos foi demasiadamente mais elevada do que a população em geral, representando 27,7% no 4º trimestre de 2020, enquanto o percentual referente ao mês de outubro a dezembro do ano anterior correspondia a aproximadamente 22,7%, conforme observado na Figura 3.1.

Figura 3. 1: Brasil-Evolução da desocupação (1ºTrimestre 2018 - 4º Trimestre de 2020)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PNADC. Nota²: Expandido para população

A rápida evolução do vírus alterou drasticamente o modo de vida das pessoas, aumentando a disseminação do medo e da incerteza futura, principalmente entre o segmento juvenil, o qual é mais vulnerável ao cenário de crise. Segundo a OIT (2020) o SARS-CoV-2 afetará os jovens de maneiras diferentes, dependendo de sua situação no mercado de trabalho, isso porque alguns enfrentarão dificuldades para conciliar a formação educacional com a necessidade de complementar a renda familiar. Enquanto outros vão enfrentar o desafio da busca pelo primeiro emprego em um mercado de trabalho de demanda severamente restrita. Ademais, acredita-se que muitos outros indivíduos enfrentarão empecilhos ainda maiores, que é a transição do trabalho irregular e informal para o emprego de carteira assinada.

Dado este cenário desanimador, promover ações para a juventude tornou-se um enorme desafio na agenda de investigação dos órgãos governamentais e entidades de pesquisa, especialmente em um país que além do preocupante quadro epidemiológico já convive historicamente com outras problemáticas como a evasão escolar (CASTELAR, MONTEIRO e LAVOR, 2012), desemprego (WROBLEVSKI e CUNHA, 2019; PEREIRA, ORELLANA e ARAGÓN, 2019; POCHMANN, 2018), concentração de renda (HOFFMANN e NEY, 2008; BARROS e MENDONÇA, 1995) e criminalidade (ANJOS JUNIOR *et al.*, 2018; CERQUEIRA e MOURA, 2014; CERQUEIRA e LOBÃO, 2004).

Segundo Reis e Aguas (2014) enfrentar longos períodos sem trabalho, pode influenciar na probabilidade de encontrar um emprego, e, também, na decisão de se retirar do mercado de trabalho em desalento. Tamesberger e Bacher (2020) ressaltam que enfrentar tal problemática durante à juventude, pode trazer sérias consequências de longo alcance para os indivíduos e sociedade como um todo, pois se acredita que experimentar tal situação desde cedo pode gerar cicatrizes duradouras em termos de planos de carreira e ganhos futuros, reduzindo assim as oportunidades de desenvolvimento profissional.

Na tentativa de preencher a lacuna sobre a temática em questão, usa-se a abordagem de Kelly e McGuinness (2015) que avaliaram como os perfis de determinados subgrupos na Irlanda, mais especificamente os desempregados, mudaram desde a recessão na Europa, assim como também seus respectivos padrões de transição do mercado de trabalho no período pré e pós Grande Recessão. Considerando-se a relevância do tema, este trabalho inova em relação ao anterior por avaliar a transição no mercado de trabalho em um momento totalmente atípico no mundo, a pandemia causada pelo novo coronavírus, dito por diversos estudiosos como uma “recessão” sem precedentes.

Frente a este novo cenário pandêmico, cabe o seguinte questionamento entorno do segmento jovem: *Quais os principais determinantes da transição do desemprego para o emprego? E para o desalento?* Eles são diferentes para outro grupo etário? A importância de cada determinante foi modificada durante a pandemia?

Para responder tal indagação, investiga-se de que forma as características individuais, familiares e locais estão relacionadas com a probabilidade de saída do desemprego para o emprego, bem como a saída do desemprego para o desalento. Com intuito de se obter uma análise mais rica do panorama econômico do Brasil, considera-se, além do grupo etário juvenil, a análise dos indivíduos em fase adulta (entre 30 e 59 anos).

Para tal fim, foram utilizados os microdados longitudinais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC) do ano de 2018, 2019 e 2020. Cabe destacar que a escolha deste banco de dados está na possibilidade de acompanhamento de um mesmo indivíduo ao longo dos trimestres, com intuito de observar as mudanças da dinâmica ocupacional no mercado de trabalho em cada ano separadamente.

Adicionalmente, objetivando-se verificar o impacto da pandemia na saída da desocupação para cada um dos status aqui já mencionados, realiza-se a decomposição não linear proposta por Yun (2004), comumente mais utilizado com objetivo de se observar os fatores responsáveis pelas diferenças de probabilidade no ano anterior e posterior a primeira aparição do vírus SARS-CoV-2 no Brasil.

Além desta introdução, este ensaio é composto por mais quatro seções. A segunda seção faz uma breve revisão da literatura sobre os principais estudos sobre a temática. A seção seguinte contempla os aspectos metodológicos do trabalho, descrevendo de forma sucinta a estratégia empírica e os dados da pesquisa. Em seguida, a quarta seção reporta-se sobre os resultados encontrados. Por fim, na última parte são tecidas as considerações finais.

3.2 OS EFEITOS DAS CRISES SOBRE O MERCADO DE TRABALHO

A literatura, em geral, aborda que a situação do desemprego é potencializada frente a choques exógenos que desaceleram a produção econômica, e que impactam de forma direta e indireta sobre o nível de emprego. Porém determinados subgrupos, como os jovens, são a camada social mais prejudicada, porque são mais sensíveis a essas conjunturas desfavoráveis (DAL BIANCO, BRUNO e SIGNORELLI, 2015; O'HIGGINS, 2012; O'HIGGINS, 2011; VERICK, 2009). Por esta razão, estudos recentes concentram esforços em analisar os efeitos das crises econômicas sobre o desemprego total e juvenil (KELLY e MCGUINNESS, 2015; BOERI, GARIBALDI e MOEN, 2013; BRADA e SIGNORELLI, 2012; MARELLI, PATUELLI e SIGNORELLI, 2012).

As crises financeiras causam problemas sobre a geração de emprego e pioram o processo de transição da escola para o mercado de trabalho. Na crise a demanda por trabalho diminui e os jovens que buscam migrar da situação de estudante para empregado encontram um mercado de trabalho com excesso de oferta de mão de obra e menor quantidade de vagas, podendo esses se tornarem uma “geração perdida” (SCARPETTA, SONNET e MANFREDI, 2010).

Os jovens sofrem mais com os efeitos da recessão e do desemprego (NICO, 2012; OLIVEIRA e CARVALHO, 2010) porque em períodos de desaceleração da economia são os primeiros a perderem os seus empregos e os últimos a serem contratados, quando na recuperação do crescimento econômico. A condição do jovem no mercado de trabalho impacta inclusive sobre aqueles com bom nível de instrução e conhecimento técnico (MATEESCU e NEAGU, 2014), sobretudo quando há pouca ou nenhuma experiência profissional anterior (PEREIRA e ORELLANA, 2018; REIS, 2015; LOURENÇO, 2002).

Em geral, os indivíduos mais novos enfrentam condições ruins no trabalho comparativamente aos demais trabalhadores, estando expostos a salários mais baixos (LOURENÇO, 2002), subcontratação e trabalho informal (CHOUDHRY, MARELLI e SIGNORELLI, 2012), insegurança e instabilidade no trabalho (ROCHA, 2008; SARRIERA, CÂMARA e BERLIM, 2000) e maior exposição a contratações temporárias (BĂLAN, 2014; BOOTH, FRANCESCONI e FRANK, 2002).

O desempenho do mercado de trabalho depende das mudanças macroeconômicas (BOERI, GARIBALDI e MOEN, 2013; MARELLI, PATUELLI e SIGNORELLI, 2012; BRADA e SIGNORELLI, 2012), porém, há outras características individuais que também podem impactar a empregabilidade como, por exemplo, raça (MENEZES e CUNHA, 2013; CORCORAN e

PARROTT, 1992), idade (VERICK, 2009), sexo (WROBLEVSKI e CUNHA, 2019; REIS, 2015; ARAÚJO e ANTIGO, 2016; REIS e AGUAS, 2014, SAMPAIO, 2012; JAMES, 1999), maternidade precoce (SIRNIÖ, KAUPPINEN e MARTIKAINEN, 2017), nacionalidade (KELLY e MCGUINNESS, 2015), educação (PEREIRA, ORELLANA e ARAGÓN, 2019; WROBLEVSKI e CUNHA, 2019; SIRNIÖ, KAUPPINEN e MARTIKAINEN, 2017; ARAÚJO e ANTIGO, 2016; KELLY *et al.*, 2015; KELLY e MCGUINNESS, 2015; REIS e AGUAS, 2014), experiência profissional (PEREIRA, ORELLANA e ARAGÓN, 2019; PEREIRA e ORELLANA, 2018; REIS, 2015; LOURENÇO, 2002), dentre outros.

Segundo Kelly e Mcguinness (2015), os efeitos da crise elevaram a taxa de desemprego global da Irlanda de 4,6% em 2006 para 15% em 2012. O mesmo ocorreu com a taxa de desemprego juvenil que subiu de 9,9% para 33% no mesmo período. Os autores argumentam que apesar dos elaboradores de políticas públicas já saberem sobre as taxas de desemprego dos jovens, pouco se sabe sobre os perfis desses grupos e como seus padrões de transição mudaram desde a recessão mundial iniciada no ano de 2008.

A literatura mostra também que a taxa de transição do desemprego para o emprego caiu drasticamente entre 2006 e 2011 na Irlanda, mas a taxa de transição do emprego ao desemprego aumentou. Os jovens possuem menores probabilidades de sair do desemprego no período, ao mesmo tempo, possuem um risco menor de se tornarem desempregados. Finalmente, a educação dos irlandeses se tornou um fator importante para reduzir o risco de desemprego desde a recessão de 2008 (BERGIN, KELLY e MCGUINNESS, 2015).

No Brasil, estudos mostram que a duração do emprego se relaciona com as características dos trabalhadores e com os ciclos econômicos (WROBLEVSKI e CUNHA, 2019). Além disso, há outros fatores, como por exemplo, a faixa de idade (e. g. 16 a 29 anos de idade), a experiência e a educação que tendem a impactar na transição do desemprego para o emprego, assim como na transição do desemprego para a inatividade. Os jovens são os que enfrentam maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho, comparativamente aos adultos de 30 a 55 anos. Além disso, a duração do desemprego é menor para jovens do sexo masculino, chefes de família e que possuem pós-graduação (PEREIRA, ORELLANA e ARAGÓN, 2019).

Quanto à cor, a literatura possui opiniões divergentes sobre a probabilidade de participação no mercado de trabalho. Menezes e Cunha (2013) ressaltam a existência de seletividade quando se observa o fator cor da pele, uma vez que se observa que a mão de obra branca possui maior propensão de saírem do desemprego e conseguir uma atividade ocupacional. Este resultado diverge de Scherer *et al.* (2017) que, sugere que os não brancos têm um risco maior de saída para a ocupação, dando

indícios que este subgrupo pode ser mais propenso a aceitar de forma mais rápida a oferta de vaga de trabalho devido principalmente à maior vulnerabilidade no lado econômico e social.

Destarte a todas estas informações, é importante entender também que o desemprego e inatividade são fenômenos que tendem a afetar de forma distinta a força de trabalho conforme as características de ordem pessoal, familiar e demográfica. Portanto, jovens residentes de áreas urbanas do Brasil, por exemplo, são os mais atingidos. Adicionalmente, a probabilidade de inatividade é maior entre jovens que estudam e que ocupam a posição de cônjuge no lar; porém, a probabilidade de desemprego tende a reduzir à medida que aumenta o nível experiência do indivíduo (CUNHA, ARAÚJO e LIMA, 2011).

Inserir indivíduos mais jovens no mercado de trabalho é algo difícil (PEREIRA e ORELLANA, 2018). A situação pode piorar diante de choques externos como, por exemplo, a crise devido a pandemia da Covid-19. No Brasil os efeitos da pandemia sobre o mercado foram contundentes. Nesse caso, a probabilidade de conseguir um emprego em 2020 aumenta com o tempo de desemprego, sobretudo para grupos vulneráveis como, por exemplo, jovens e mulheres, apresentando maior probabilidade de ficarem desempregados com a pandemia (ORELLANA e ARAGÓN, 2020).

A pesquisa proposta, estuda a transição no mercado de trabalho brasileiro frente a crise sanitária do novo coronavírus, pois trata-se de um momento atípico no mercado de trabalho. Emprega-se a abordagem utilizada por Kelly e McGuinness (2015) quando analisa os perfis de determinados subgrupos na Irlanda e seus padrões de transição no mercado de trabalho no pré e pós grande recessão. Além disso, avança-se em relação ao trabalho de Orellana e Aragón (2020) porque agora já se tem dados mais completos de empregados, desempregos e inativos no atual cenário de crise pandêmica.

3.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, inicialmente, abordam-se os procedimentos metodológicos relacionados à presente pesquisa, percorrendo de forma sucinta sobre o tratamento do banco de dados e o método econométrico usado, representado pelo modelo *logit* e em seguida se realiza a decomposição de probabilidade desenvolvida por Yun (2004), que é uma extensão aplicada do modelo de decomposição de Oaxaca-Blinder.

3.3.1 Base de dados

O trabalho utiliza os microdados longitudinais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC) de todo o território nacional. A escolha da referida base está no fato de permitir acompanhar um mesmo indivíduo ao longo do tempo. Na pesquisa, emprega-se uma avaliação da transição no mercado de trabalho no quarto trimestre⁸ de um mesmo ano e compara esse processo com o de outros anos com vistas a observar quais os fatores mais impactam na transição ocupacional dos agentes. Portanto, empregam-se os anos 2018 e 2019 (antes da pandemia) comparativamente a situação durante o ano de 2020 (pandemia)

Os dados possibilitam acompanhar, o movimento de saída (ou não) da situação de desemprego em um período inicial (t_0 – primeira entrevista/onda do ano), para um estado de ocupação ou de desalento em um período posterior (t_1 – último trimestre do ano). Dado que o presente banco de dados ainda não apresenta um identificador longitudinal para os indivíduos de uma família, foi construído um identificador individual com base no pareamento das informações associadas ao código do domicílio (UPA, V1008 e V1014) com as características de cada morador, tais como: data de nascimento (dia, mês e ano), sexo e cor.

Além de avaliar o impacto de alguns condicionantes nas mudanças (ou não) das trajetórias ocupacionais juvenis, realizou-se de forma adicional, a análise da trajetória também dos indivíduos em ciclo de vida adulta, com o intuito de comparar resultados, verificando se os condicionantes de transição para jovens são de fato diferenciados. Portanto, a pesquisa analisa dois subgrupos etários distintos: i) jovens com faixa etária entre 18 e 25 anos; e ii) adultos com idade entre 30 e 59 anos.

Dessa forma, para ambas fases da vida analisa-se a transição do indivíduo em um mesmo ano, comparando-se esses resultados antes e depois do início da pandemia. Especificamente, avalia-se a situação final do indivíduo no mercado de trabalho no último trimestre de cada ano – 2018, 2019 e 2020 –, comparativamente a sua situação de entrada nesse mercado no mesmo ano. Dado o exposto, o indivíduo torna-se apto a participar dessa análise a partir do momento que realiza sua primeira entrevista, podendo ser no 1º, 2º ou 3º trimestre.

Operacionalmente, a primeira e segunda estimação, representam a janela anterior ao surgimento da crise pandêmica, referem-se, na devida ordem, à posição final do indivíduo no mercado de trabalho nos anos de 2018 e 2019, ou seja, no quarto trimestre de cada ano. A última

⁸ A PNAD Contínua adota um esquema de entrevista 1(2)-5, isto é, o domicílio é entrevistado e após isso, ocorre uma pausa de dois meses seguidos até que se realize uma nova entrevista, no qual essa sequência é realizado no total de cinco vezes.

estimação, condiz a situação final do entrevistado no quarto trimestre de 2020, após a primeira aparição da Covid-19.

Cabe destacar, que as variáveis explicativas (Quadro 3.1) selecionadas no modelo econométrico para cada ano estão em termos do último trimestre, exceto a variável “tempo” –, este último compreende ao acompanhamento da busca por trabalho do indivíduo em posição inicial de desemprego (1° entrevista) em meses até o quarto trimestre⁹. Além disso, foram excluídos da amostra os indivíduos com duração de desemprego superior a 72 meses, no intuito de mitigar um possível viés nas estimativas.

Ainda sob os aspectos metodológico, ressalta-se que o foco da presente pesquisa são as transições a partir de um *status* inicial de desocupação, logo se realizou o acompanhamento dos desempregados, que transitaram (ou não) após sua 1° entrevista da situação de desemprego para condição, no fim do último trimestre de, (I) ocupado e (II) desalentado. Logo, a variável dependente possui origem dicotômica, em que se atribui o valor de “um” para os indivíduos que saíram do *status* de “desempregado” e conseguiram uma ocupação e “zero” caso permaneceram no *status* de desemprego. De forma análoga, na segunda análise, observa-se a transição da desocupação para o desalento, onde se atribui o valor “um” para aqueles que saíram do *status* de “desempregado” e passaram para a condição de desalentado e “zero” se permaneceram no *status* de desemprego.

Para analisar os condicionantes da transição do desemprego para os jovens e adultos no Brasil, utiliza-se o modelo de resposta binária, o modelo *logit*¹⁰. A equação (3.1) representa a probabilidade de transitar, dado o conjunto de atributos especificados a seguir:

$$P_i = F(Y_i) = F(\alpha + BX_i) = \frac{1}{1 + e^{-(\alpha + BX_i)}} \quad (3.1)$$

Onde: P_i denota a probabilidade do indivíduo sair da situação inicial de desemprego para cada um dos *status* aqui já mencionados anteriormente; X_i é o vetor de variáveis explicativas do indivíduo i , B é o vetor de parâmetros associado a X_i ; Y_i é um índice contínuo teórico determinado pelas variáveis explicativas, representado por $Y_i = \alpha + BX_i$.

A variável dependente (Y) é uma *dummy* indicadora (binária) que assume o valor 1 se o mesmo mudou de *status*, e 0 em caso contrário. As variáveis explicativas contidas em X denotam o conjunto de atributos relativos às características pessoais, do lar e de localização regional do

⁹ Para aqueles que permaneceram no desemprego no último trimestre do ano, observa-se somente o tempo de procura declarado em meses nesse mesmo trimestre. Já para aqueles que não estavam na posição de desemprego no quarto trimestre, observa-se a quantidade de meses antes da última mudança de *status*.

¹⁰ Para maiores informações sobre o modelo *logit* ver Almeida e Fauvelle (2013).

indivíduo i . A seguir, descreve-se de forma sucinta, as variáveis selecionadas no modelo econométrico que será estimado posteriormente:

Quadro 3. 1: Brasil-Descrição das variáveis utilizadas

Variáveis	Descrições
Características individuais	
Idade	Aferida em anos de vida
Branca	<i>Dummy</i> para a cor do indivíduo (1- Branca; 0- caso contrário)
Homem	<i>Dummy</i> para sexo do indivíduo (1-Homem; 0 - Mulher)
Tempo	Acompanhamento até o fim de cada janela de tempo analisada, do tempo de duração do desemprego do indivíduo em meses.
Chefe(a)	<i>Dummy</i> para o indivíduo que é chefe (1-sim; 0- caso contrário)
Cônjuge(a)	<i>Dummy</i> para o indivíduo que é esposa(o) da pessoa de referência do domicílio (1-sim; 0- caso contrário)
Filho(a)	<i>Dummy</i> para o indivíduo com status de filho ou enteado do responsável pelo domicílio (1-sim; 0- caso contrário)
Demais*	<i>Dummy</i> para o indivíduo com outro status no domicílio (1-sim; 0 caso contrário)
13 anos ou mais de estudo	<i>Dummy</i> escolaridade do indivíduo igual ou acima de 13 anos (1-sim; 0- caso contrário)
Composição do Lar	
Nº de crianças	Número de crianças no domicílio com idade até 9 anos
Nº de ocupados	Número de ocupados no lar, removendo o indivíduo de referência nessa contagem
Características Locais	
Norte*	1 se reside no Norte e 0 caso contrário
Centro-Oeste	1 se reside no Centro-Oeste e 0 caso contrário
Nordeste	1 se reside no Nordeste e 0 caso contrário
Sul	1 se reside no Sul e 0 caso contrário
Sudeste	1 se reside no Sudeste e 0 caso contrário
Urbana	1 se reside na zona urbana e 0 caso contrário

Fonte: Elaboração própria. Nota: *Corresponde a Categoria Omitida nas estimações.

3.3.2 *Decomposição de Probabilidade*

O interesse maior da presente pesquisa é investigar os fatores que mais contribuíram, na respectiva janela de tempo, na transição do desemprego para o emprego, e da transição do desemprego para o desalento no Brasil. Para alcançar os objetivos propostos, empregou-se a técnica desenvolvida por Yun (2004), que tem por objetivo decompor a diferença de probabilidades em dois grupos, considerando a contribuição de diferenças entre as covariadas (diferença em fatores observáveis) e a diferença entre os coeficientes (diferença entre os comportamentos dos grupos, que expressam as variações sobre os fatores não observáveis). Tal métrica, aqui utilizada, é uma extensão aplicada a modelos de resposta binária do tradicional modelo de decomposição de *Oaxaca-Blinder*, considerando pesos consistentes para a contribuição de cada característica observada e cada efeito de coeficiente (MESQUITA e RAMALHO, 2015).

Segundo Oliveira *et al.* (2019) a vantagem na utilização do método de Yun (2004) está no fato de ser possível a computação da importância de cada característica sobre a diferença global das probabilidades entre dois grupos, como também, na possibilidade de correção da sensibilidade ao se escolher a categoria de referência quando se faz uso de covariadas binárias para múltiplas categorias no modelo¹¹. A correção desta sensibilidade é realizada tomando-se a média das estimativas obtidas pela permuta entre os grupos de referência. Tal procedimento, assim como exposto por Oliveira *et al.* (2019), é equivalente a uma normalização que busca identificar o intercepto e os coeficientes de um conjunto de variáveis binárias, incorporando os grupos de referência.

Para tornar mais claro a metodologia proposta, considera-se inicialmente, a 1^o especificação representada por $\Delta_{(2020 \text{ e } 2019)}$, que expõem a diferença média de probabilidade de transição final no momento anterior e posterior a primeira aparição do surto epidemiológico, correspondente ao período de 2020, representada pelo grupo A, e 2019 designado pelo grupo B, já estimado pelo modelo *logit* (Equação 3.1). De forma análoga, como análise de robustez, a 2^o especificação $\Delta_{(2019 \text{ e } 2018)}$, realiza em um outro instante o diferencial entre outros dois pontos do tempo dado pelo período de 2019 e 2018, que na devida ordem, também representará o grupo A e B, conforme descrito na equação a seguir:

¹¹ Yun (2004) busca superar o problema de identificação associado à escolha de uma categoria de referência quando se usa variáveis *dummies* entre os preditores.

$$\Delta_{(A \text{ e } B)} = \overline{Y}_A - \overline{Y}_B = \underbrace{\{\overline{F(X_A \beta_A)} - \overline{F(X_B \beta_A)}\}}_{\text{Diferença em Atributos Observados (E)}} + \underbrace{\{\overline{F(X_B \beta_A)} - \overline{F(X_B \beta_B)}\}}_{\text{Diferença nos Coeficientes (C)}} \quad (3.2)$$

Onde: \overline{Y}_A e \overline{Y}_B são as médias de probabilidade do grupo A e do grupo B, respectivamente; $\overline{F(X_A \beta_A)}$ corresponde à média de probabilidade predita considerando as características no grupo A e parâmetros estimados do mesmo grupo A; $\overline{F(X_B \beta_A)}$ é a média de probabilidade com características do grupo B e parâmetros estimados do grupo A, no qual fornece a probabilidade contracfactual do indivíduo do grupo B transitar do desemprego para outro *status* caso estivesse no grupo A; $\overline{F(X_B \beta_B)}$ corresponde à média de probabilidade predita considerando características do grupo B e parâmetros estimados do mesmo grupo.

Especificamente, a equação (3.2) mensura o diferencial de probabilidade da variável de resultado (a transição do desemprego) entre os grupos A e B, no qual é subdividido em duas parcelas. Com base no exposto por Mesquita e Ramalho (2015), a primeira parcela ressalta as diferenças em atributos observadas (E) – diferença justificada –, ao passo que a segunda parcela da respectiva equação busca captar o componente da diferença de probabilidade imputada à desigualdade entre características não observadas – relacionada com o efeito pandemia –, isto é, dada pela mudança de comportamento no perfil dos indivíduos analisados nos dois grupos, comum em períodos de recessões, captado pelo coeficiente (C).

Objetivando-se obter pesos, de forma apropriada, para contribuição de cada atributo e coeficiente na diferença de probabilidade intergrupo, avalia-se primeiramente a função de densidade normal acumulada na média das características observadas para cada grupo; na sequência, usa-se uma aproximação de Taylor de 1ª ordem para obtenção da equação de decomposição com pesos específicos para cada atributo observado e coeficiente estimado, representado por:

$$\overline{Y}_A - \overline{Y}_B = \sum_{k=1}^k W_{\Delta_x}^k \{\overline{F(X_A \beta_A)} - \overline{F(X_B \beta_A)}\} + \sum_{k=1}^k W_{\Delta_\beta}^k \{\overline{F(X_B \beta_A)} - \overline{F(X_B \beta_B)}\} \quad (3.3)$$

Onde, $W_{\Delta_x}^k = \frac{(\overline{X_A^k} - \overline{X_B^k}) \hat{\beta}_A^k}{(\overline{X_A} - \overline{X_B}) \overline{\beta}_A}$ corresponde ao peso da característica k sobre a explicação da diferença de probabilidade justificada pelo hiato de atributos observados entre os respectivos grupos considerados; e $W_{\Delta_\beta}^k = \frac{(\hat{\beta}_A^k - \hat{\beta}_B^k) \overline{X_B^k}}{(\hat{\beta}_A - \hat{\beta}_B) \overline{X_B}}$ corresponde a importância do coeficiente k na explicação da diferença de probabilidade dada pela a inequidade dos coeficientes estimados dos grupos; onde

$\sum_{k=1}^K W_{\Delta x}^k = \sum_{k=1}^K W_{\Delta \beta}^k = 1$ ressalta que a soma dos respectivos pesos totaliza 1; $\widehat{\beta}_A$ e $\widehat{\beta}_B$, na devida ordem correspondem aos vetores de parâmetros estimados, respectivamente, para o grupo A e B; X_A e X_B representam as matrizes com características médias dos grupos A e B; X_A^k e X_B^k representam as médias de atributos k para os grupos supracitados; por fim $\widehat{\beta}_A^k$ e $\widehat{\beta}_B^k$ correspondem aos coeficientes estimados para os grupos no que se refere à característica k.

3.4 RESULTADOS

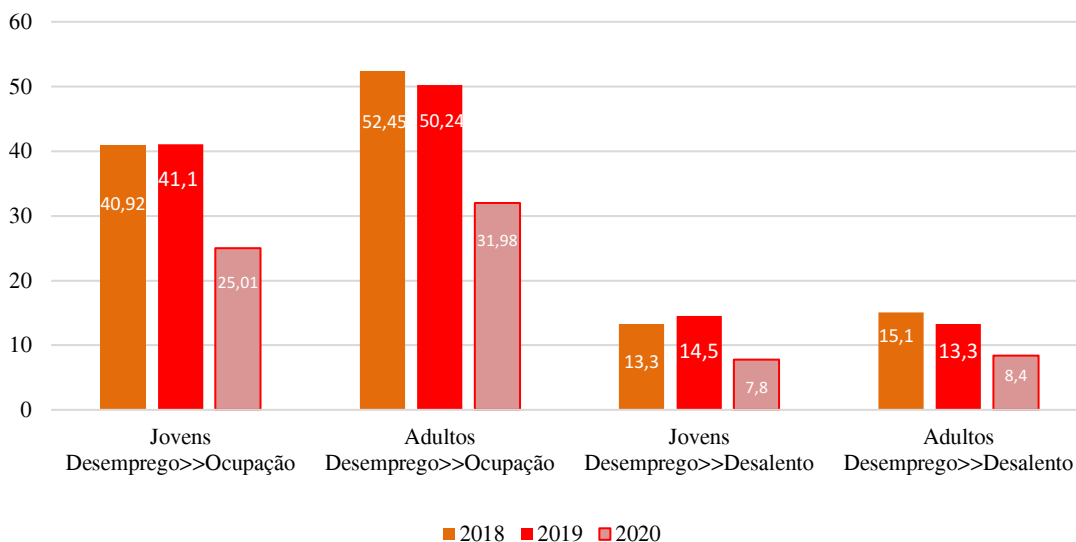
Nesta seção são apresentados os principais resultados do estudo, subdivididas em quatro partes: (i) análise descritiva dos dados; (ii) resultados dos efeitos marginais do modelo econométrico dos determinantes das transições do estado de desocupação para o de ocupação; (iii) resultados dos efeitos marginais da transição da desocupação para o estado de desalento; (iv) discutem-se as principais estimativas da decomposição multivariada proposta por Yun (2004).

3.4.1 Característica da Amostra

A Figura 3.2 ilustra, após o devido tratamento do banco de dados e exclusão das observações faltantes, o percentual de jovens e adultos que transitaram da condição inicial de desemprego para a posição final no mercado de trabalho de ocupado e desalentado, nos três períodos. Os dados indicam que antes da crise pandêmica, períodos de 2018 e 2019, o percentual de jovens que estavam em condição de desocupação e que conseguiram arrumar uma ocupação era correspondente, na devida ordem, a 40,9% e 41,1%. Por sua vez, os indivíduos em fase de vida adulta com 52,4% e 50,2% mostram valores bem mais elevados para o mesmo período de tempo. Para o período de 2020 ambos os subgrupos etários reduziram quase pela metade a taxa de transição, 25% para os mais novos e para os mais velhos 31,9%.

Por seu turno, a transição de jovens e adultos para o desalento no período de 2018 e 2019 possuem percentuais próximos, porém, chama-se a atenção a elevada queda no desalento no período de 2020 comparativamente aos demais períodos observados, isso para ambas as faixas etárias.

Figura 3. 2: Brasil- Percentual de transitaram por grupo etário (%)



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC.

A Tabela 3.1 descreve as estatísticas descritivas do banco de dados, separadamente para os modelos de transição para a ocupação e para o desalento. Ressalta-se que após todos os filtros e exclusão das observações faltantes (*missings values*), considerando conjuntamente o lapso antes e depois do surgimento da crise sanitária, o banco perfaz um total de 6.383 observações correspondente a amostra de jovens e 8.735 observações para a amostra de adultos na primeira especificação, na qual analisa transição para o emprego. Enquanto na segunda especificação, que considera a possível mudança para o desalento, o mesmo totaliza, 4.591 observações para o primeiro grupo etário e 5.359 observações para o último.

A média de idade dos jovens com saída do desemprego para situação de ocupação é por volta de 21 anos e dos adultos 41 anos. Além disso, aproximadamente metade dos indivíduos são do sexo masculino, sendo pouco mais de 30% de cor branca, com tempo médio tempo inicial de desocupação de pouco mais de 13 meses, cerca de 18% dos jovens e 20% dos adultos apresentam 13 anos ou mais de estudo, com pelo menos 1 morador em média ocupado no lar, residente em lares que possuem um menor número de crianças (média acima de 0,40), 72% dos jovens e 20% dos adultos possuem *status* de filho e, por fim, pouco mais de dois terço dos lares são localizados na zona urbana, em sua maioria residentes no Sudeste e Nordeste.

Tabela 3. 1: Brasil- Análise Descritiva

	Transição para ocupação											
	Jovem						Adulto					
	2018		2019		2020		2018		2019		2020	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Idade	21,323	2,202	21,200	2,218	21,293	2,237	40,980	7,950	40,903	8,107	41,560	7,951
Chefe(a)	0,089	0,284	0,092	0,288	0,107	0,310	0,504	0,500	0,496	0,500	0,505	0,500
Cônjuge(a)	0,062	0,241	0,055	0,228	0,037	0,189	0,244	0,430	0,258	0,438	0,260	0,439
Filho(a)	0,728	0,445	0,733	0,443	0,698	0,459	0,200	0,400	0,198	0,399	0,182	0,386
Branca	0,317	0,466	0,324	0,468	0,329	0,470	0,344	0,475	0,331	0,471	0,339	0,474
Homem	0,523	0,500	0,477	0,500	0,540	0,499	0,523	0,500	0,482	0,500	0,502	0,500
13 anos ou mais de estudo	0,178	0,383	0,195	0,397	0,190	0,392	0,198	0,399	0,205	0,404	0,203	0,403
Nº de crianças	0,403	0,706	0,400	0,701	0,410	0,776	0,460	0,738	0,455	0,726	0,450	0,731
Nº de ocupados	1,313	0,965	1,353	0,977	1,132	0,940	0,820	0,823	0,812	0,794	0,703	0,760
Tempo	13,361	13,590	13,465	14,160	13,129	13,201	13,255	14,770	14,161	16,300	13,392	15,271
Urbana	0,829	0,376	0,847	0,360	0,849	0,359	0,827	0,378	0,849	0,358	0,859	0,348
Centro-Oeste	0,073	0,260	0,093	0,291	0,095	0,293	0,078	0,269	0,085	0,278	0,104	0,306
Nordeste	0,294	0,455	0,290	0,454	0,305	0,460	0,289	0,454	0,310	0,462	0,266	0,442
Sul	0,109	0,312	0,126	0,332	0,100	0,300	0,124	0,330	0,111	0,315	0,099	0,298
Sudeste	0,400	0,490	0,369	0,483	0,352	0,478	0,404	0,491	0,378	0,485	0,395	0,489

	Transição para desalento											
	Jovem						Adulto					
	2018		2019		2020		2018		2019		2020	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Idade	21,290	2,234	21,124	2,220	21,250	2,219	41,060	7,955	40,973	8,362	41,480	8,040
Chefe(a)	0,084	0,278	0,077	0,267	0,090	0,287	0,471	0,499	0,493	0,500	0,483	0,500
Cônjuge(a)	0,059	0,236	0,051	0,220	0,035	0,183	0,248	0,432	0,246	0,431	0,262	0,440
Filho(a)	0,730	0,444	0,758	0,428	0,719	0,450	0,225	0,418	0,209	0,406	0,203	0,402
Branca	0,288	0,453	0,297	0,457	0,310	0,463	0,345	0,475	0,309	0,462	0,334	0,472
Homem	0,498	0,500	0,460	0,499	0,537	0,499	0,456	0,498	0,424	0,494	0,467	0,499
13 anos ou mais de estudo	0,162	0,369	0,168	0,374	0,172	0,377	0,200	0,400	0,199	0,399	0,198	0,399
Nº de crianças	0,427	0,745	0,401	0,696	0,440	0,818	0,426	0,714	0,454	0,746	0,451	0,766
Nº de ocupados	1,209	0,924	1,233	0,942	1,079	0,878	0,758	0,799	0,742	0,724	0,660	0,740
Tempo	15,370	14,164	15,350	14,851	14,510	14,070	17,165	16,217	17,522	17,500	15,340	15,661
Urbana	0,806	0,395	0,824	0,381	0,846	0,361	0,823	0,382	0,832	0,374	0,851	0,356
Centro-Oeste	0,054	0,226	0,089	0,285	0,087	0,282	0,061	0,241	0,079	0,270	0,091	0,288
Nordeste	0,322	0,467	0,337	0,473	0,323	0,468	0,301	0,459	0,337	0,473	0,293	0,455
Sul	0,081	0,272	0,097	0,296	0,089	0,285	0,096	0,294	0,095	0,294	0,089	0,285
Sudeste	0,402	0,490	0,358	0,479	0,352	0,478	0,448	0,497	0,383	0,486	0,386	0,487

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC. Nota¹: DP corresponde ao Desvio-Padrão.

Por sua vez, a segunda especificação analisa a transição para o desalento. Os dados indicam que a média de idade das pessoas da amostra é por volta de 21 anos para os jovens e 41 anos para adultos. Além disso, 50 % dos jovens e 45% dos adultos são do sexo masculino, cerca de um terço declarados de cor branca, com tempo médio de procura por emprego de pouco mais de 15 meses, com 16% da juventude e 20% dos adultos possuindo 13 ou mais de anos de escolaridade, com pelo menos 1 morador ocupado no domicílio, inserindo em famílias com uma menor quantidade de crianças (média de pouco mais de 0,40), com 70% ou mais dos jovens e 20% dos adultos com *status* de filho, moradores da área urbana (aproximadamente 80%) e localizados em sua maioria no Sudeste e Nordeste.

3.4.2 Transição da desocupação para a ocupação

Na Tabela 3.2, considera-se o modelo de transição para o status de ocupação. Em linhas gerais, observou-se que a variável idade, independente do grupo etário, não apresentou em nenhum dos períodos analisados relevância estatística sobre a probabilidade de conseguir uma ocupação. Quanto às demais variáveis, estas foram significativas a nível de 1%, 5% ou 10%.

Os resultados mostram que ser homem aumenta a probabilidade de sair do desemprego e conseguir uma ocupação, ratificando os demais trabalhos observados na área (WROBLEVSKI e CUNHA, 2019; ARAÚJO e ANTIGO, 2016; REIS, 2015; REIS e AGUAS, 2014, SAMPAIO, 2012). Ademais, este efeito é relativamente superior para indivíduos em ciclo de vida adulta. Na transição de 2020, por exemplo, há evidências que a probabilidade de transitar do desemprego para o emprego representa um incremento de aproximadamente 7,8 pontos percentuais (p.p.) para homens adultos comparativamente as mulheres.

Tudo leva a acreditar que isso ocorre porque as medidas de contenção do surto epidemiológico repercutiram sobre o aumento nos cuidados infantis e nas tarefas domésticas, dado o fechamento das creches e escolas, impossibilitando de terceirizar a responsabilidade (*ex*: avós), sobretudo, aumentando o fardo feminino (FARRÉ *et al.*, 2020).

Os dados expressam relação direta entre o tempo de desemprego e a dificuldade de conseguir emprego. Logo, quanto maior o tempo de desemprego maior a dificuldade de conseguir emprego, representando independente do período e grupo, uma queda superior 0,6 p.p. na saída do desemprego para uma ocupação.

Tabela 3. 2: Brasil- Efeitos marginais dos determinantes da transição para ocupação

	(i) Jovem			(ii) Adulto		
	2018	2019	2020	2018	2019	2020
<i>Características individuais</i>						
Idade	0,007 (0,005)	0,004 (0,005)	0,006 (0,005)	-0,000 (0,001)	0,000 (0,001)	-0,002 (0,001)
Branca	0,039* (0,023)	0,005 (0,024)	0,038* (0,023)	0,000 (0,020)	0,031 (0,020)	-0,013 (0,022)
Homem	0,068*** (0,020)	0,063*** (0,021)	0,014 (0,021)	0,081*** (0,017)	0,115*** (0,018)	0,078*** (0,019)
Tempo	-0,008*** (0,001)	-0,006*** (0,001)	-0,007*** (0,001)	-0,007*** (0,001)	-0,006*** (0,001)	-0,007*** (0,001)
Chefe	0,103** (0,043)	0,089** (0,045)	0,101*** (0,038)	0,061 (0,039)	0,145*** (0,042)	0,036 (0,043)
Cônjuge	0,074 (0,048)	0,060 (0,052)	0,085 (0,055)	0,063 (0,040)	0,160*** (0,044)	0,004 (0,045)
Filho	-0,002 (0,030)	-0,072** (0,031)	-0,048* (0,028)	-0,019 (0,042)	0,104** (0,045)	-0,089* (0,048)
13 anos ou mais de estudo	0,005 (0,027)	0,028 (0,027)	0,065** (0,026)	0,008 (0,022)	0,009 (0,022)	0,023 (0,025)
<i>Características do lar</i>						
Crianças	-0,007 (0,014)	0,003 (0,015)	-0,038** (0,015)	0,026** (0,012)	0,009 (0,013)	-0,004 (0,013)
Número de ocupados	0,052*** (0,010)	0,070*** (0,011)	0,054*** (0,011)	0,030*** (0,010)	0,059*** (0,011)	0,045*** (0,012)
<i>Características Locais</i>						
Urbana	-0,013 (0,026)	-0,025 (0,028)	-0,105*** (0,027)	-0,054** (0,023)	-0,048* (0,025)	-0,063** (0,027)
Centro-Oeste	0,167*** (0,044)	-0,048 (0,044)	0,013 (0,041)	0,049 (0,040)	-0,062 (0,040)	0,058 (0,038)
Nordeste	0,114*** (0,033)	-0,006 (0,035)	-0,025 (0,033)	-0,000 (0,031)	-0,029 (0,030)	0,012 (0,032)
Sul	0,160*** (0,042)	0,067 (0,043)	0,003 (0,042)	0,028 (0,037)	-0,006 (0,038)	0,046 (0,041)
Sudeste	-0,002 (0,033)	-0,052 (0,034)	-0,047 (0,033)	-0,108*** (0,029)	-0,080*** (0,029)	0,000 (0,031)

Fonte: Elaboração com base nos dados da PNAD Contínua. Nota¹: Efeito marginal obtido pelo método delta. Nota²: Significância estatística *** p<0,01, **p<0,05 e *p<0,1. Nota³: Categoria Omitida: Não Branca, Mulher, Demais moradores, 0 a 12 anos de estudo, Rural, Norte.

Para Taris, Heesink e Feij (1995), o tempo de procura por trabalho está relacionado com a duração do desemprego. Os autores acreditam que se alguém está desempregado há muito tempo, as chances de encontrar um emprego são relativamente baixas, devido aos seguintes pontos: *i*) no lado comportamental, os empregadores podem considerar isso um indicativo de que uma pessoa não está suficientemente motivada para o trabalho; *ii*) do ponto de vista econômico, as empresas estão menos interessadas em contratar indivíduos em desemprego de longa duração devido aos custos relativamente altos de treiná-los.

As estimativas mostram que os jovens com status de chefe possuem maior probabilidade de transitar para uma ocupação em comparação aos demais moradores, representando no último período um incremento superior a 10 p.p. Já no público adulto, este efeito foi significativo para o chefe e para o cônjuge, porém somente para o período de 2019, representando um incremento de pouco mais de 14 p.p. para o responsável pelo domicílio e 16 p.p. para o seu respectivo companheiro.

Ainda sobre a condição no lar, no referente ao momento antes da covid, para indivíduos com *status* de filho no domicílio a probabilidade de transitar para o emprego é superior para os indivíduos adultos, representando um incremento de aproximadamente de 10 p.p. em 2019. Contudo, chama-se a atenção para o momento do atual surto pandêmico, no qual se observa que independente do ciclo de vida do indivíduo, ter a condição de filho reduz a transição para o emprego, possuindo a probabilidade de aproximadamente 9 p.p. para os adultos e 5 p.p. para os jovens.

A educação só foi significativa para explicar a mobilidade dos jovens com foco no ano de 2020. Em linhas gerais, os jovens mais escolarizados possuem maior probabilidade de encontrar uma ocupação em comparação aos menos escolarizados, representando um incremento de 6,5 p.p. Além dos mais, os jovens de cor branca são mais propensos a sair da desocupação e encontrar um engajamento ocupacional, representando um incremento de cerca 3,8 p.p. tanto em 2018 quanto em 2020, corroborando com o exposto por Menezes e Cunha (2013), ao ressaltar que no campo do mercado de trabalho, a mão de obra branca é mais propensa conseguir uma atividade ocupacional.

No tocante as características do lar, representados pelo número de ocupados, observou-se de maneira geral que ter um maior número de trabalhadores na família afeta de maneira positiva na probabilidade de o jovem conseguir um engajamento ocupacional, evidenciando notadamente a influência dos efeitos da interação dos indivíduos pertencentes ao mesmo núcleo familiar na decisão de permanecer ou não fora do mercado de trabalho. Já no que diz respeito a ter crianças no lar, estes apresentaram efeitos significativos somente no período da pandemia para os jovens, representando uma queda na transição para uma ocupação de aproximadamente 3,8 p.p., enquanto para os adultos

esta variável apresentou relevância estatística somente em 2018, representado um aumento de aproximadamente de 2,6 p.p.

Em linhas gerais, notou-se que residir na área urbana impacta negativamente a transição para a ocupação. Para os jovens, o efeito foi significativo somente no momento pós-eclosão pandêmica, com queda de 10,5 p.p. Já para os adultos, o efeito foi significativo em todos os momentos analisados, porém, com queda mais acentuada no período da pandemia, correspondendo a 6,3 p.p. Finalmente, para o público adulto residir no Sudeste tende a reduzir a probabilidade de transitar para uma atividade econômica nos anos anteriores à crise viral. Já para os jovens, residir na região Nordeste, Sul e Centro-Oeste eleva a probabilidade de conseguir um engajamento ocupacional, sendo este efeito significativo somente em 2018.

3.4.3 Transição da desocupação para o desalento

Na Tabela 3.3 apresenta-se a estimação do modelo de saída da desocupação para entrada no desalento. Nesse caso, observou-se que a variável cor, independente do grupo etário, não apresentou em nenhum dos períodos analisados relevância estatística sobre a probabilidade de entrar para o desalento, porém às demais foram significativas a 1%, 5% ou 10%.

Em linhas gerais, no que diz respeito a condição no domicílio verificou-se que as mesmas não apresentaram relevância estatística, exceto para os adultos no ano de 2019, no qual observou-se que indivíduos com status de chefe, cônjuge e filho são mais propícios a entrar para inatividade, em relação aos moradores com outra posição na esfera domiciliar. Cabe ainda salientar que este efeito foi mais impactante para aqueles com posição de filho e de cônjuge na residência, representando na devida ordem, um incremento de 10,5 p.p. e 9,1 p.p.

No referente a escolaridade do jovem, apesar de não ser significativo em todos os períodos, percebe-se de maneira geral que os mais escolarizados possuem menor probabilidade de entrar na inatividade em relação aqueles menos qualificados, a exemplo do observado no ano de 2019. Já para os adultos, percebe-se que independente do período analisado a qualificação educacional foi primordial para dirimir as chances de desalento, representando no último ano uma redução de aproximadamente 5 p.p. Tal resultado está em consonância com os achados de Pereira, Orellana e Aragón (2019), ao ressaltar em sua pesquisa que os mais escolarizados têm maiores possibilidades de se engajar no mercado de trabalho e menor risco de entrar na inatividade.

No referente as variáveis sexo e número de ocupados, verifica-se que as mesmas se mostraram significativa somente para os adultos e em alguns pontos do tempo. Em linhas gerais, no referente ao fato de ser homem, observa-se que a probabilidade de sair do desemprego e desalentar reduz em aproximadamente em 5,6 p.p. no ano de 2018 e 3,5 p.p. em 2020. Enquanto que para a variável número de ocupados, observa-se que a probabilidade de desalentar se reduz em aproximadamente 3,7 p.p. para cada membro adicional ocupado no lar em 2018.

A variável idade, apresentou relevância estatística somente entre os adultos. Em linhas gerais, os coeficientes apresentaram efeito positivo na probabilidade de transitar, evidenciando que os indivíduos com maior idade possuem maiores riscos de entrar na inatividade por motivo de desalento, representando um incremento de aproximadamente 0,4 p.p. em 2018 e 2019. Já no tocante a ter crianças, observa-se que a mesma foi significativa somente em alguns pontos do tempo anterior a pandemia, evidenciando que a probabilidade de transitar para o desalento independente da fase da vida é de aproximadamente 2 p.p.

No referente ao tempo de desemprego, observa-se que de maneira geral a mesma não apresentou relevância estatística, exceto para o ano de 2018 na estimação para o público jovem. Tal variável apresentou efeito negativo, porém ínfimo, representando uma queda de 0,2 p.p. para cada mês adicional na procura por trabalho,

Por fim, no tocante a localização geográfica, apesar de não ser significativo em todos os pontos no tempo, percebe-se de maneira geral que em 2020 a probabilidade de transitar para a inatividade é menor para moradores da região Sudeste e Sul, sendo este efeito somente impactante para o subgrupo etário adulto. Com respeito a residir na área urbana, verificou-se uma relação negativa na probabilidade de transitar para o desalento, no momento de antes e pós eclosão pandêmica, tanto para estimações dos jovens como para de adultos. Acredita-se que isso ocorra devido as áreas urbanas contar geralmente com maior atração de pessoas em busca de oportunidades de emprego aumentando assim o acirramento na concorrência da procura por engajamento ocupacional, reduzindo as chances de entrar para total inatividade.

Tabela 3. 3: Brasil- Efeitos marginais dos determinantes da transição para desalento

	(i) Jovem			(ii) Adulto		
	2018	2019	2020	2018	2019	2020
<i>Características individuais</i>						
Idade	-0,003 (0,004)	-0,004 (0,004)	-0,001 (0,003)	0,004*** (0,001)	0,004*** (0,001)	0,000 (0,001)
Branca	0,005 (0,020)	-0,036 (0,023)	0,002 (0,017)	0,005 (0,019)	-0,019 (0,020)	-0,012 (0,016)
Homem	0,021 (0,016)	0,028 (0,018)	0,001 (0,015)	-0,056*** (0,017)	-0,009 (0,016)	-0,035** (0,014)
Tempo	-0,002*** (0,001)	-0,000 (0,001)	0,000 (0,000)	0,000 (0,000)	0,000 (0,000)	-0,000 (0,000)
Chefe	0,009 (0,033)	0,039 (0,039)	-0,006 (0,032)	-0,033 (0,038)	0,084* (0,046)	-0,009 (0,033)
Cônjuge	-0,025 (0,039)	-0,008 (0,046)	0,033 (0,037)	0,023 (0,038)	0,091* (0,047)	-0,004 (0,033)
Filho	-0,007 (0,023)	0,013 (0,027)	0,004 (0,021)	0,013 (0,040)	0,105** (0,048)	0,004 (0,034)
13 anos ou mais de estudo	-0,036 (0,027)	-0,154*** (0,040)	0,013 (0,020)	-0,068*** (0,025)	-0,050** (0,025)	-0,047** (0,022)
<i>Características do lar</i>						
Crianças	0,020** (0,010)	0,009 (0,012)	0,005 (0,009)	0,021* (0,011)	0,018* (0,010)	0,004 (0,008)
Número de ocupados	-0,014 (0,009)	0,002 (0,009)	0,001 (0,008)	-0,037*** (0,012)	0,003 (0,011)	-0,010 (0,010)
<i>Características Locais</i>						
Urbana	-0,089*** (0,017)	-0,087*** (0,019)	-0,079*** (0,016)	-0,120*** (0,017)	-0,134*** (0,016)	-0,082*** (0,015)
Centro-Oeste	-0,082* (0,047)	-0,082* (0,042)	-0,009 (0,034)	-0,029 (0,042)	-0,046 (0,041)	-0,051 (0,033)
Nordeste	0,045** (0,022)	0,050* (0,026)	0,031 (0,023)	0,053* (0,028)	0,052*** (0,026)	0,028 (0,019)
Sul	-0,051 (0,037)	-0,059 (0,041)	-0,023 (0,037)	-0,105** (0,044)	-0,016 (0,037)	-0,068* (0,038)
Sudeste	-0,156*** (0,029)	-0,112*** (0,031)	-0,018 (0,025)	-0,081*** (0,030)	-0,072*** (0,029)	-0,055** (0,022)

Fonte: Elaboração com base nos dados da PNAD Contínua. Nota¹: Efeito marginal obtido pelo método delta. Nota²: Significância estatística *** p<0,01, **p<0,05 e *p<0,1. Nota³: Categoria Omitida: Não Branca, Mulher, Demais moradores, 0 a 12 anos de estudo, Rural, Norte.

3.4.4 *Decompondo as Diferenças de Probabilidade da Transição*

A Tabela 3.4 apresenta os resultados obtidos a partir da decomposição da diferença de probabilidade, proposta por Yun (2004), considerando a transição do status inicial de desemprego para uma ocupação, e em seguida a mudança ocupacional da situação inicial de desemprego para o desalento, levando em consideração o diferencial entre duas janelas de tempo para dois grupos etários distintos: (i) jovens e (ii) adultos. A primeira janela de tempo $\Delta_{(2020 \text{ e } 2019)}$ corresponde as diferenças de probabilidade de transição ocupacional no último trimestre de 2020 e 2019, enquanto a segunda $\Delta_{(2019 \text{ e } 2018)}$ corresponde ao mesmo trimestre, porém considerando o ano de 2019 e 2018. Salienta-se que, a seleção do diferencial dos momentos de tempo aqui utilizados, possibilitará uma visão mais rica, uma vez que proporcionará observar a dinâmica ocupacional brasileira no mercado de trabalho frente as transformações econômicas internas e externas.

Especificamente no primeiro modelo, que analisa a transição para uma ocupação, observa-se que após levar em consideração os efeitos das características de ordem individual, familiar e de localização, os resultados mostram uma diferença negativa de probabilidade de transitar para uma ocupação para os jovens em aproximadamente 16 p.p. entre os momentos de 2020 e 2019, sugerindo que após o surgimento da atual crise pandêmica o jovem possuía relativamente uma probabilidade menor de sair do desemprego e conseguir uma atividade no mercado de trabalho em comparação ao momento anterior ao surgimento da crise ocasionada pelo novo coronavírus. Este comportamento se repete, porém em maior magnitude, entre os indivíduos adultos, representado uma queda de 18 p.p.

Como análise de robustez, ao se comparar com a decomposição do período entre 2019 e 2018, observa-se que esse diferencial não apresentou relevância estatística para o segmento juvenil, enquanto que para os adultos apesar do efeito ser significativo o impacto na respectiva janela de tempo foi atribuído somente a características observáveis. Ademais, quando se observa o diferencial total, percebe-se que a magnitude deste efeito no respectivo período foi muito aquém em comparação com a decomposição de 2020 e 2019, sugerindo que tal mudança abrupta dos dois lapsos temporais analisados de $\Delta_{(2020 \text{ e } 2019)}$ e $\Delta_{(2019 \text{ e } 2018)}$, possa estar relacionado de forma direta e indireta com os efeitos oriundos do atual cenário pandêmico.

Ressalta-se ainda que boa parte do hiato de probabilidade entre os períodos de 2020 e 2019 se deve, em quase sua totalidade, pelas diferenças sobre os fatores não observados representados pela diferença do comportamento (C) ao longo dos períodos, no momento “pré” e “pós” Covid-19, representando efeito negativo e significativo de aproximadamente 15,01 p.p. para os jovens e 18,3 p.p. para os adultos. Destarte ainda sobre a parte não explicada, implica-se dizer que se ambos os

momentos analisados, 2020 e 2019, apresentassem o mesmo comportamento em termos de atributos não observados (C), o hiato de probabilidade aumentaria em cerca de 15,01 p.p. para a juventude e 18,3 p.p. para os adultos, evidenciando que a diferença de probabilidade de conseguir uma ocupação e sair do desemprego é determinada principalmente por distintos comportamentos na janela de tempo, que podem estar associados a presença de condicionantes de cunho estrutural atrelado ao cenário interno e externo, advindos da pandemia do novo coronavírus.

Cabe destacar que os fatores imputados pelas características não observáveis que mais justificam essa diferença de transição para ocupação entre os períodos, estão relacionados para os jovens com o fato de ter crianças (11,18%), tempo de desemprego (23,69%) e residir na área urbana (49,89%), enquanto que para os adultos as variáveis mais impactantes estão relacionadas com possuir o status de demais moradores da casa (9,08%) e residir no Norte (3,71%), como exposto na Tabela 1.C em anexo. Logo, no caso específico da juventude, se a média de crianças no lar, tempo do desemprego e de moradores da área urbana fossem à mesma no período de 2019 e 2020, a diferença de probabilidade de transitar para uma ocupação entre esses períodos seria aumentada, na devida ordem em 1,8 p.p., 4 p.p. e 8 p.p. Já para aqueles que se encontram na fase adulta, observa-se que se a média das variáveis associadas a morar no Norte e de ter o status de demais morador do lar nos dois pontos do tempo considerados registrasse o mesmo comportamento, o hiato médio de probabilidade de conseguir uma ocupação entre esses anos aumentaria, nessa mesma ordem, em respectivamente 0,7 p.p. e 1,7 p.p.

Já no tocante a diferença atribuída aos atributos médios observados, entre 2020 e 2019, verificou-se que este obteve significância estatística somente para a juventude, representando um menor peso em comparação a diferença dos não observáveis representando a importância de 6,09%, sugerindo então que, se os dois anos considerados apresentassem atributos médios iguais, a diferença de probabilidade de transitar aumentaria em cerca de 1 p.p. No tocante as características observadas entre os jovens que mais explicam essa diferença de probabilidade de saída do desemprego e entrada na ocupação entre os períodos são as variáveis ocupados no lar (10,86%), tempo de desemprego (-2,21%) e ter *status* de demais morador (-2,58%). Explicando de uma forma mais clara, os resultados sugerem que, se a diferença relacionado a ideia do indivíduo ter o maior número de ocupados no domicílio entre os períodos fossem eliminados, a diferença de probabilidade de transitar para uma atividade econômica entre tais grupos aumentaria em cerca de 1,8 p.p. para cada membro adicional que está ocupado na residência. O mesmo pode ser evidenciado no caso em que fossem exauridas as diferenças intergrupos em termos de tempo de desocupação e ter a condição domiciliar de demais

morador, correspondente para ambas variáveis a uma redução de 0,4 p.p., na saída da desocupação para entrada em uma atividade econômica.

Após essa primeira análise, partisse então para o segundo modelo, que observa o diferencial de transição para o desalento, a saber: $\Delta_{(2020 \text{ e } 2019)}$ e $\Delta_{(2019 \text{ e } 2018)}$. Em linhas gerais, observa-se que entre 2020 e 2019, independente do grupo etário analisado, o diferencial da janela de tempo apresenta relevância estatística, representando uma queda na probabilidade de entrada no desalento em 6,7% para os jovens e 4,8% para os adultos. Independente da faixa de idade, averigua-se que boa parte dessa diferença estão associados aos atributos médios não observados, com importância de 94,75% para os jovens e 88,69% para os adultos. As características não observadas que mais explicam essa diferença de probabilidade de saída do desemprego e entrada na inatividade entre 2020 e 2019, para os adultos, são as variáveis idade e sexo com importância de 259,38% e 31,55%, como pode ser observada na Tabela 1.D em anexo. Já para os jovens somente a variável correspondente ao nível de escolaridade representou relevância estatística entre os fatores não observados, correspondente a importância de -54,31%.

Acredita-se que este comportamento geral de queda da saída da desocupação para entrada no desalento em $\Delta_{(2020 \text{ e } 2019)}$, pode estar associado aos pequenos sinais de melhora do cenário epidemiológico e a sazonalidade advinda do crescimento de posto de trabalho no fim do ano, impulsionando assim a procura por engajamento ocupacional. Ademais, acredita-se que alguns fatores como a redução do valor e cobertura do auxílio emergencial, pode ter levado muitos daqueles que se encontravam na situação de inatividade a voltar a procurar trabalho. Como análise de robustez, ao investigar a decomposição de $\Delta_{(2019 \text{ e } 2018)}$, verificou-se que hiato de probabilidade é relativamente baixo, para ambos grupos etários em comparação $\Delta_{(2020 \text{ e } 2019)}$. Além disso, observou-se que para a juventude nenhum dos fatores observado (E) e não observado (C) apresentam relevância estatística entre 2019 e 2018. Por sua vez, para os adultos, verifica-se que ambos os fatores foram significativos, porém o impacto deste efeito é inferior ao observado na decomposição entre 2020 e 2019.

Tabela 3. 4: Brasil-Decomposição de probabilidade

Modelo I: Transição para Ocupação										
(i) Jovem					(ii) Adulto					
$\Delta(2020 \text{ e } 2019)$					$\Delta(2019 \text{ e } 2018)$					
	Coeficiente	Importância	Coeficiente	Importância	Coeficiente	Importância	Coeficiente	Importância	Coeficiente	Importância
Diferença nas Características (E)	-0,010 ^{***} (0,003)	6,09%	0,001 (0,002)	37,90%	0,000 (0,002)	-0,06%	-0,010 ^{***} (0,001)	44,36%		
Diferença nos Coeficientes (C)	-0,151 ^{***} (0,015)	93,91%	0,001 (0,014)	62,10%	-0,183 ^{***} (0,013)	100,06%	-0,012 (0,012)	55,64%		
Diferença Total (T)	-0,161 ^{***} (0,014)	100%	0,002 (0,014)	100,00%	-0,183 ^{***} (0,013)	100,00%	-0,022 [*] (0,011)	100,00%		
Modelo II: Transição para Desalento										
(i) Jovem					(ii) Adulto					
$\Delta(2020 \text{ e } 2019)$					$\Delta(2019 \text{ e } 2018)$					
	Coeficiente	Importância	Coeficiente	Importância	Coeficiente	Importância	Coeficiente	Importância	Coeficiente	Importância
Diferença nas Características (E)	-0,003 [*] (0,002)	5,25%	-0,000 (0,002)	-3,10%	-0,005 ^{***} (0,002)	11,31%	0,003 ^{**} (0,001)	-16,97%		
Diferença nos Coeficientes (C)	-0,063 ^{***} (0,011)	94,75%	0,012 (0,011)	103,10%	-0,043 ^{***} (0,010)	88,69%	-0,021 ^{**} (0,011)	116,97%		
Diferença Total (T)	-0,067 ^{***} (0,011)	100%	0,012 (0,011)	100%	-0,048 ^{***} (0,010)	100%	-0,018 [*] (0,011)	100%		

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNADC. Nota: Erro-Padrão em Parênteses. Significância estatística *** p<0,01, ** p<0,05 e * p<0,1.

Por fim, enfatiza-se que apesar dos achados serem bastantes interessantes, a presente pesquisa possui ainda limitações. Isso por que a base de dados não possibilita a identificação de indivíduos que estão à procura do seu primeiro emprego, o que inviabiliza em parte a compreensão de forma mais detalhada dos condicionantes que possam interferir, de forma mais robusta, nas decisões de inserção ocupacional adulta e juvenil, corroborando com o já evidenciado por Reis e Aguas (2014), ao ressaltar que o fato de já ter certa experiência laboral anterior, pode influenciar na trajetória do indivíduo desempregado até a obtenção de um emprego ou até mesmo na escolha de sair, ou não, do mercado de trabalho.

3.5 CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo investigar, de forma inovadora, os principais determinantes da saída do desemprego para uma ocupação, bem como a saída do desemprego para a entrada no desalento através do modelo *logit*, considerando separadamente jovens e adultos brasileiros. Para isso, fez-se uso dos dados longitudinais fornecidos pelas Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do IBGE correspondentes períodos de antes e depois do surgimento do surto epidemiológico, onde será observado a posição final do indivíduo no mercado de trabalho no último trimestre de 2018, 2019 e 2020, separadamente. De forma adicional, com o intuito de se observar o impacto da pandemia sobre o mercado de trabalho, foi realizado uma decomposição multivariada proposta por Yun (2004), baseada na extensão do tradicional método de *Oaxaca-Blinder* na versão para modelos não lineares.

Procurou-se na primeira parte da pesquisa responder o questionamento sobre quais fatores são mais atuantes (ou não) na saída o desemprego para a entrada em uma ocupação, assim como da saída do desemprego para entrada no desalento no país. Tentando assim observar como esses efeitos são diferenciados entre os jovens e adultos no período de antes e depois da pandemia.

De forma geral, verificou-se efeitos diferenciados entre as fases da vida ao longo dos anos analisados. Observou-se que ter maior nível de escolaridade se tornou primordial para aumentar a probabilidade de sair do desemprego e conseguir uma ocupação no período pandêmico, sendo este efeito significativo somente para os jovens. Por sua vez, para os adultos, possuir um maior nível educacional dirimiu as chances de desalento, representando no momento pandêmico uma redução de aproximadamente 5 p.p. No que diz respeito ao fato de ter crianças no lar, observou-se que no

atual momento pandêmico esta variável foi significativa somente para os jovens, representando uma queda na transição para uma ocupação de 3,8 p.p.

Ainda sobre o ano de 2020, observa-se que independentemente do ciclo de vida do indivíduo, possuir a condição de filho reduz a transição para o emprego, possuindo a probabilidade de aproximadamente -9 p.p. para os adultos e -5 p.p. para os jovens. Já no referente ao sexo do indivíduo, percebe-se no ano de 2020, que a probabilidade de entrar para inatividade se reduz entre os homens somente para aqueles que se encontram em fase de vida adulta.

Cabe salientar, que algumas características mantiveram impactos semelhantes antes e depois da pandemia e para ambas as fases da vida. No caso do modelo de transição para ocupação, verificou-se que um maior tempo de procura por trabalho reduz a probabilidade de transição, enquanto que ter um maior número de ocupados no lar aumenta essa mesma probabilidade. Por sua vez, no modelo de transição para desalento, observou-se comportamentos semelhantes para moradores da área urbana, reduzindo a probabilidade de entrar para o desalento, no momento de antes e pós eclosão pandêmica.

Na segunda parte da presente pesquisa foi utilizado uma decomposição multivariada com o intuito de verificar o efeito da “pandemia” na saída da desocupação para a entrada em uma ocupação, e a saída da desocupação à entrada no desalento. Em linhas gerais, no tocante a transição para o desalento, verificam-se que os achados evidenciaram uma queda na transição para a inatividade por motivo de desalento. Sugere-se que isso ocorra devido à redução do valor assim como do alcance do auxílio emergencial, assim como a existência de pequenos indícios de melhora do quadro epidemiológico juntamente com o aumento das vagas de trabalho no fim do ano possam ter incentivado a persistência da procura por trabalho.

No tocante a transição para uma ocupação, os resultados encontrados apontam para uma queda na transição para o emprego tanto para os jovens como para os adultos. O resultado aponta que a derrocada na transição para ocupação ocorrida entre 2020 e 2019 teve como principal explicação a mudança das características não observáveis, que não foram detectadas em outros momentos aqui analisados, como por exemplo, no período 2019-2018. A decomposição ainda ressalta que as variações em componentes observáveis também contribuíram para queda da transição para uma atividade econômica, somente para os jovens, porém em pequena magnitude. Logo, presume-se que fatores não controlados no modelo, como fatores associados ao ambiente macroeconômico atual e outros fatores de cunho individual intrínsecos dos seres humanos que são

de onerosa mensuração podem ter influenciado nesta queda abrupta do nível de ocupação no mercado de trabalho.

Salienta-se que apesar dos resultados encontrados nessa pesquisa sejam interessantes no sentido de ser a primeira evidência empírica sobre os efeitos da crise pandêmica sobre as situações ocupacionais com foco tanto no público juvenil como também adulto, estes não estão isentos de limitações uma vez que o surto viral ainda está em curso. Sendo assim, sugere-se como avanço futuro, a presença de outros trabalhos que visem acompanhar os fatores que tendem a impactar nas oscilações no mercado de trabalho, considerando as transições para os mais variados status, a fim de fornecer insumos primordiais para o futuro norteamento de políticas públicas neste atual cenário adverso, considerando principalmente o diferencial por sexo. Enfim, cabe destacar que a presente pesquisa não visa encerrar o tema, e sim fomentar novos *insights* e resultados que contribuam para literatura empírica nacional e internacional, principalmente na atual conjuntura econômica, dita por muitos como algo “sem precedentes”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. T. C.; FAUVRELLE, T. A. Determinantes do Não Acesso à Justiça no Brasil: algumas evidências. **Economic Analysis of Law Review**, v. 4, p. 120-148, 2013.
- ANJOS JUNIOR, O. R.; LOMBARDI FILHO, S. C. ; CIRÍACO, J. S. ; BATISTA DA SILVA, M. V. Testando a hipótese de dependência espacial na taxa de crime dos municípios da região sul do Brasil. **DRD- Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 8, p. 118-141, 2018.
- ARAÚJO, J. P. F.; ANTIGO, M. F. Desemprego e qualificação da mão de obra no Brasil. **Revista de economia contemporânea**, v. 20, p. 308-335, 2016.
- BĂLAN, M. Youth labor market vulnerabilities: characteristics, dimensions and costs. **Procedia Economics and Finance**, v. 8, p. 66-72, 2014.
- BARROS, R. P; MENDONÇA, R. S. P. **Os determinantes da desigualdade no Brasil**. Texto para discussão, n. 377, 60 p. Rio de Janeiro: IPEA, 1995.
- BERGIN, A.; KELLY, E.; MCGUINNESS, S. Changes in labour market transitions in Ireland over the Great Recession: what role for policy? **IZA Journal of European Labor Studies**, v. 4, n. 1, p. 1-18, 2015.
- BOERI, T.; GARIBALDI, P.; MOEN, E. R. Financial shocks and labor: facts and theories. **IMF Economic Review**, v. 61, n. 4, p. 631-663, 2013.
- BOOTH, A. L.; FRANCESCONI, M.; FRANK, J. Temporary jobs: stepping stones or dead ends?. **The economic journal**, v. 112, n. 480, 2002.
- BRADA, J. C.; SIGNORELLI, M. Comparing labor market performance: Some stylized facts and key findings. **Comparative Economic Studies**, v. 54, n. 2, p. 231-250, 2012.
- BRASIL. Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – **SINAJUVE**.
- CAMARGO, J. M. ; REIS, M. C. Desemprego: o custo da desinformação. **Revista Brasileira de Economia (Impresso)**, v. 59, p. 381-425, 2005.
- CASTELAR, P. U. de C.; MONTEIRO, V. B.; LAVOR, D. C. Um **Estudo sobre as Causas de Abandono Escolar nas Escolas Públicas de Ensino Médio no Estado do Ceará**. Anais do VIII Encontro - Economia do Ceará em Debate, Fortaleza, 2012.

CAVALCANTE, J. R.; CARDOSO-DOS-SANTOS, A. C.; BREMM, J. M., LOBO, A. P.; MACÁRIO, E. M.; OLIVEIRA, W. K.; FRANÇA, G. V. A. COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. **Epidemiologia e serviços de saúde**, v. 29, p. 1, 2020.

CERQUEIRA, D.; LOBÃO, W. Determinantes da Criminalidade: Arcabouços Teóricos e Resultados Empíricos. **DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro**, Vol. 47, no2, 2004, pp. 233 a 269, 2004.

CERQUEIRA, D.; MOURA, R. L. Oportunidades para o jovem no mercado de trabalho e homicídios no Brasil. In: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Org.). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Brasília: Ipea, 2014.

CHOUDHRY, M.; MARELLI, E.; SIGNORELLI, M. Youth and total unemployment rate: The impact of policies and institutions. **Rivista internazionale di scienze sociali**, 2012.

CIRÍACO, J. S.; ANJOS JUNIOR, O. R.; OLIVEIRA, C. S. Fatores associados às escolhas ocupacionais das jovens mulheres baianas. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 8, p. 47, 2018.

CIRÍACO, J. S.; OLIVEIRA, C. S.; ANJOS JUNIOR, O. R. O Contexto Social Como Determinante Do Trabalho Precoce No Ceará. **Revista da Abet**, v. 16, p. 75-89, 2017.

CIRÍACO, J. S.; OLIVEIRA, C. S. ; ANJOS JUNIOR, O. R. ; LINS, J. G. M.G . Os determinantes das escolhas ocupacionais das jovens mulheres das áreas rurais do sul do Brasil. **Rbee. Revista brasileira de economia de empresas**, v. 19, p. 81-101, 2019.

COELHO, F.C.; LANA, R. M.; CRUZ, O. G.; CODEÇO, C.; VILLELA, D.; BASTOS, L. S.; PIONTTI, A.P.; DAVIS, J. T.; VESPIGNANI, A.; CODEÇO, C. T.; GOMES, M.F.C. Assessing the potential impact of COVID-19 in Brazil: mobility, morbidity and the burden on the health care system. **The Lancet Infectious Diseases**, 2020.

CORCORAN, M.; PARROTT, S. Black Women's Economic Progress. **Paper presented at the Social Science Research Council Conference on The Urban Underclass: perspectives from the social sciences**. Ann Arbor Michigan, 1992.

CUNHA, D. A.; ARAÚJO, A. A.; LIMA, J. E.; Determinantes do desemprego e inatividade de jovens no Brasil metropolitano. **Revista de Economia e Agronegócio**, Viçosa, v. 9, n. 3, p. 369-392, 2011.

DAL BIANCO, S.; BRUNO, R. L.; SIGNORELLI, M. The joint impact of labour policies and the “Great Recession” on unemployment in Europe. **Economic Systems**, v. 39, n. 1, p. 3-26, 2015.

FARRÉ, L.; FAWAZ, Y.; GONZÁLEZ, L.; GRAVES, J. How the Covid-19 lockdown affected gender inequality in paid and unpaid work in Spain. **IZA Discussion Paper n. 13434**, 2020.

FERNANDES, R. A. S.; LIMA J. E.; SANTOS, C. M. A exclusão social de mulheres jovens, com idade entre 15 a 24 anos, no mercado de trabalho no Brasil. **Revista de Economia e Administração**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 125-136, 2008.

HOFFMANN, R.; NEY, M. G. A recente queda da desigualdade de renda no Brasil: análise de dados da PNAD, do Censo Demográfico e das Contas Nacionais. **Econômica**, v. 10, n. 1, p. 7-39, 2008.

JAMES, A. Black women in the labor force. **African American Research Perspectives**, v. 5, n. 1, p. 10-15, 1999.

KELLY, E.; MCGUINNESS, S. **Impact of the Great Recession on unemployed and NEET individuals’ labour market transitions in Ireland**. *Economic Systems*, Elsevier, v. 39, p. 59–71, 2015.

KELLY, E.; MCGUINNESS, S.; O’CONNELL, P.J. Staying on the dole: profiling the risk of long-term unemployment among young people in Ireland. In: De Groof, S., Elchardus, M. (Eds.), *Early School Leaving and Youth Unemployment*. **Amsterdam University Press**, Amsterdam, 2013.

KELLY, E.; MCGUINNESS, S.; WALSH, J. R. An evaluation of the Back to Education Allowance. **ESRI Research Series Report**. Economic and Social Research Institute, 2015.

LIMA, E. S.; ABREU, K. E. Dificuldades de jovens sem vínculo formal de emprego durante a pandemia da Covid-19: limites do empreendedorismo em tempos de crise. **Boletim de conjuntura**, v. 3, p. 56-73, 2020.

LONG, J. S; FREESE, J. **Regression models for categorical dependent variables using stata**. Texas: Stata Press, 2001.

LOURENÇO, C. L. **Características da inserção ocupacional dos jovens no Brasil. 2002**. 131 f. Dissertação (Mestrado em Economia Social e do Trabalho). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

MARELLI, E.; PATUELLI, R.; SIGNORELLI, M. Regional unemployment in the EU before and after the global crisis. *Post-communist economies*, v. 24, n. 2, p. 155-175, 2012.

MATEESCU, L. M.; NEAGU, A. M. Opportunities of labour market integration for young professionals. *Procedia Economics and Finance*, v. 8, p. 444-452, 2014.

MATTEI, L.; HEINEN, V. L. Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. **Brazilian Journal of Political Economy (Impresso)**, v. 40, p. 647-668, 2020.

MENEZES, A. I.; CUNHA, M. S. Uma análise da duração do desemprego no Brasil (2002-2011). **Revista Brasileira de Economia de Empresas**, v. 13, n.1, 2013.

MESQUITA, S. P.; RAMALHO, H. M. B. Trabalho infantil no Brasil urbano: qual a importância da estrutura familiar? **Revista de Economia Contemporânea**, v. 19, p. 97-134, 2015.

NICO, M. L. Género e saída de casa dos pais. Os percursos de autonomia habitacional por diferentes camadas analíticas, *Sociologias e-Working Papers*, ISCSP, 2012.

OECD. **Covid-19: Protecting people and societies**. OCDE Publishing, Paris, 2020.

OECD. *OECD Economic Outlook*. OECD Publishing, Paris, 2020.

OCDE. *OCDE Employment Outlook 2020: Worker Security and The Covid-19 Crisis*. OCDE Publishing, Paris, 2020.

OCDE. **Off to a good start? Jobs for youth**. OCDE Publishing, Paris, 2020.

O'HIGGINS, N. The impact of the economic and financial crisis and the policy response on youth employment in the European Union. In: *Effaces International Workshop*, Perugia, November. p. 10-11, 2011.

O'HIGGINS, N. This time it's different? Youth labour markets during 'the Great Recession'. *Comparative Economic Studies*, v. 54, n. 2, p. 395-412, 2012.

OIT. **Tackling the COVID-19 youth employment crisis in Asia and the Pacific**: International Labour Organization, Bangkok (Thailand), and Asian Development Bank, Manila (Philippines), 2020.

OLIVEIRA, L.; CARVALHO, H. **Regulação e Mercado de Trabalho: Portugal e a Europa**. Lisboa: Edições Sílabo, 2010.

OLIVEIRA, C. S.; CIRÍACO, J. S.; ANJOS JUNIOR, O. R. ; LINS, J. G. M. G. . Analisando As Diferenças De Probabilidades Na Oferta De Trabalho Infante-Juvenil No Nordeste Rural. **Revista da ABET**, v. 18, p. 256-275, 2019.

OLIVEIRA, W. K.; DUARTE, E.; FRANCA, G. V. A.; GARCIA, L. P. Como o Brasil pode deter a COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saúde** [online], vol.29, n.2, 2020.

ORELLANA, V. S. Q.; ARAGON, J.A. Efeitos da Pandemia de Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. **In: 48º Encontro Nacional de Economia**, 2020. 48º Encontro Nacional de Economia, 2020.

PEREIRA, N. T.; ORELLANA, V. S. Q.; ARAGON, J. A. O. Determinantes da transição desemprego e emprego do jovem brasileiro. **In: 47º Encontro Nacional de Economia**, 2019, São Paulo. 47º Encontro Nacional de Economia, 2019.

PEREIRA, N. T.; ORELLANA, V. S. Q. O EMPREGO DO JOVEM BRASILEIRO. **In: 9º Encontro de Economia Gaúcha (EEG), 2018**, Porto Alegre, 2018.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Microdados. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=microdados>>. Acesso em 15 de janeiro de 2022.

POCHMANN, M. desempenho econômico conjuntural e a situação recente do trabalho no brasil. **Revista do Núcleo de Estudos de Economia Catarinense**, v. 7, n. 13, p. 12-28, 2018.

REIS, M. Uma Análise da Transição dos Jovens para o Primeiro Emprego no Brasil. **Revista Brasileira de Economia (Impresso)**, v. 69, p. 125-143, 2015.

REIS, M.; AGUAS, M. Duração do desemprego e transições para o emprego formal, a inatividade e a informalidade. **Economia Aplicada**, v. 18, n. 1, p. 35-50, 2014.

ROCHA, S. A inserção dos jovens no mercado de trabalho. Salvador: **Caderno CRH**, v. 21, n. 54, p. 533-550, 2008.

SAMPAIO, A. V. Estrutura do mercado de trabalho metropolitano na Região Sul do Brasil, em 1995 e em 2005. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 85-115, 2012.

SARRIERA, J. C.; CÂMARA, S. G.; BERLIM, C. S. Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um programa de inserção ocupacional para jovens desempregados. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 1, p. 189-198, 2000.

SCARPETTA, S.; SONNET, A.; MANFREDI, T. Rising youth unemployment during the crisis: how to prevent negative long-term consequences on a generation? **OECD Social, Employment and Migration Working Paper No. 106**. Paris, OECD. 2010.

SCHERER, C. E. M.; DE BRITO, D. J. M.; DALBERTO, C. R.; OLIVEIRA, A. M. H. C. Análise da duração do desemprego para os provedores das famílias: uma investigação com foco nas regiões metropolitanas brasileiras (2002-2015). **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, v. 11, n. 3, p. 272-279, 2017.

SIRNIÖ, O.; KAUPPINEN, T. M.; MARTIKAINEN, P. Intergenerational determinants of joint labor market and family formation pathways in early adulthood. **Advances in Life Course Research**, v. 34, p. 10-21, 2017.

TAMESBERGER, D.; BACHER, J. Covid-19 Crisis: How to Avoid a 'Lost Generation' Intereconomics: **Review of European Economic Policy**, v. 55 (4), pag. 232-238, 2020.

TARIS, T. W.; HEESINK, J. A. M.; FEIJ, J. A. The evaluation of unemployment and job-searching behavior: A longitudinal study. *The Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, 129(3), 301–314, 1995.

TROVÃO, C. J. B. M. **A Pandemia da Covid-19 e a Desigualdade de Renda no Brasil: Um Olhar Macrorregional para a Proteção Social e os Auxílios Emergenciais**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020. Disponível em: <<https://ccsa.ufrn.br/portal/wp-content/uploads/2020/05/TROV%C3%83O-2020-PANDEMIA-E-DESIGUALDADE.pdf>>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

VERICK, S. Who is hit hardest during a financial crisis? The vulnerability of young men and women to unemployment in an economic downturn, **Discussion Papers**, n. 4359, 2009.

WROBLEVSKI, B.; CUNHA, M. S. . Duração do desemprego e crise econômica: uma análise sob riscos competitivos para o brasil no período 2012-2018. In: Encontro Nacional de Economia (ANPEC), 2019, São Paulo. **Anais**, 2019.

YUN, M. A simple solution to the identification problem in detailed wage decompositions. **Economic Inquiry**, v. 43, p. 766-772, 2005.

YUN, M. Decomposing differences in the first moment. **Economics Letters**, n. 82, p. 275-280, 2004.

APÊNDICE B

4 ENSAIO 3: EFEITO ESPACIAL DE VIZINHANÇA EM JOVENS “NEM-NEM” NA CIDADE DE FORTALEZA

4.1 INTRODUÇÃO

Mesmo diante do acentuado crescimento econômico observado na primeira e segunda década dos anos 2000, e do declínio substancial dos indicadores de concentração de renda e pobreza, o Brasil ainda se constitui de um país com elevada disparidade socioeconômica. A recente crise econômica iniciada em 2014 foi uma das principais causas do aprofundamento desses níveis de desigualdade, afetando trabalhadores de todas as idades, contudo foi mais cruel com o segmento juvenil, que apesar de serem ditos por muitos como a “geração do futuro”, são mais vulneráveis às mudanças socioeconômicas e estruturais.

Autores como Barros *et al.* (2012) e Corrêa e Lima (2015) salientam que a educação pode ser vista como um mecanismo fundamental para manter a sustentabilidade do desenvolvimento socioeconômico do país, isso porque o maior nível educacional aumenta a produtividade do trabalho, contribuindo assim para o crescimento econômico, elevação de salários e redução da pobreza — servindo como um instrumento de mobilidade social. Contudo, no Brasil, devido aos constrangimentos do sistema de ensino que dificulta o avanço do nível de escolaridade com maior qualidade, tornam-se assim cada vez mais onerosas as barreiras de ascensão social através do emprego (GARCIA *et al.*, 2012). No qual, segundo Pochmann (2007), pode produzir certo desânimo, estimulando, entre outros problemas, o exercício das atividades de ordem ilegal, estando assim as origens da verdadeira crise na transição do sistema educacional para o universo do trabalho.

A temática que envolve as transições ocupacionais juvenis, principalmente com foco na elaboração de políticas públicas, estão sendo recorrentemente revisadas e discutidas, tanto no Brasil como também em diversos outros países espalhados ao redor do mundo (RODRIGUES, *et al.*, 2018; SHIRASU e ARRAES, 2019; SIQUEIRA, LIMA e BATISTA DA SILVA, 2017; TILLMANN e COMIM, 2016; COSTA e ULYSSEA, 2014; CARDOSO, 2013; MONTEIRO, 2013; MENEZES FILHO, CABANAS e KOMATSU, 2013; CAMARANO e KANSO, 2012; COLES *et al.*, 2002; DORSETT e LUCCHINO, 2012), reforçando a necessidade de criação e reformulação de políticas sociais para proporcionar o maior acesso de oportunidade e integração social continuada a este segmento etário, especialmente entre aqueles oriundos de famílias mais humildes.

Siqueira, Lima e Batista da Silva (2017) ressaltam que um dos principais problemas que a sociedade nos dias atuais enfrenta é o crescimento do número de jovens que não estão estudando e não estão trabalhando, comumente nomeados de geração “nem-nem”. Também denominados, de acordo com os países de língua inglesa, de jovens “NEET” – correspondente a expressão "not in education, employment, or training"; ou Ni-ni – ni estudia ni trabaja – em países de língua espanhola.

Estudos recentes que concernem sobre a temática em questão evidenciam a importância das características de ordem individual e familiar sobre a probabilidade de entrar para essa condição (CARDOSO, 2013; MENEZES FILHO, CABANAS e KOMATSU, 2013; MONTEIRO, 2013). Porém, percebe-se que poucos foram os esforços empreendidos até hoje na literatura nacional (SHIRASU e ARRAES, 2019; CARDOSO, 2013; MENEZES FILHO, CABANAS e KOMATSU, 2013; MONTEIRO, 2013) em se investigar o impacto de outros antecedentes fora do âmbito familiar, como a influência dos efeitos de interação social sobre as decisões ocupacionais de jovens que interagem em uma mesma comunidade.

Este comportamento é conhecido pela literatura internacional de “neighbourhood effects”, comumente chamado no Brasil de “efeito vizinhança”. A associação entre a vizinhança e a trajetória individual tem sido alvo de preocupação desde a década de 90 (ARAÚJO e SILVEIRA NETO, 2020; NIEUWENHUIS e HOOIMEIJER, 2016; DEL BELLO, PATACCHINI e ZENOU, 2015; AINSWORTH, 2002; GARNER e RAUDENBUSH, 1991; CASE e KATZ, 1991). São trabalhos que abordam questões associadas as mais diversas áreas e segmentos, como: educação, criminalidade, consumo de álcool ou drogas ilícitas, saúde, mercado de trabalho, entre outros.

Diante deste ensejo, busca-se avaliar o impacto da relação da vizinhança sobre as decisões ocupacionais juvenis de se enquadrar na situação “nem-nem”. Tendo em vista que, apesar da influência dos efeitos de interação seja frequentemente citada em algumas pesquisas como um fator relevante (SHIRASU e ARRAES, 2019; CIRÍACO, 2015; CARDOSO, 2013) para determinar tal condição, estas não investigaram adequadamente essa possível relação. Isso porque se acredita que as características do ambiente construído possam exercer um caráter essencialmente espacial e geográfico, o que pode levar ao comprometimento da eficiência dos modelos estatísticos tradicionais pela possível presença de correlação entre as variáveis (NEVES, 2019; ANSELIN et al., 2004). Evidenciando assim, o efeito de dependência espacial que aflora quando as unidades de corte transversal (que podem ser representadas por indivíduos, lares, comunidades, empresa ou regiões) não parecem ser mais independentes entre si (ALMEIDA, 2012).

Apesar de saber da importância do tema em tela, percebe-se de forma perceptível que ainda são escassos os estudos específicos sobre o público jovem que abordem o estado do Ceará, sendo mais raros ainda aqueles que abordam a cidade de Fortaleza. Os poucos até então observados

geralmente englobam as alocações entre trabalho e estudo, e utilizam como estratégia econométrica os modelos de ordem qualitativa como *probit* bivariado e *logit* multinomial, como os observados nas pesquisas de Oliveira e Rosa (2006) e Lima *et al.* (2015).

Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo verificar o possível efeito “vizinhança”, sobre a probabilidade do jovem simultaneamente não participar da rede de ensino e nem trabalhar, considerando espacialmente a cidade de Fortaleza. Isto posto, faz-se uso de matrizes de pesos espaciais nos quais refletem até que ponto vizinhos individuais influenciam mutuamente uns aos outros. Para tal fim, a econometria espacial emerge como um meio para a modelar tal tipo de mecanismo, aqui evidenciado pelo modelo *probit* espacial exposto Wilhelm e De Matos (2013) baseado no modelo proposto por LeSage *et al.* (2011), representados aqui pelo modelo Spatial Autoregressive Model (SAR). Para almejar tal fim, faz-se uso dos microdados identificados do Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) do ano de 2018, obtidos pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

Salienta-se ainda que o maior propósito desse estudo é complementar a literatura sobre a temática, apresentando uma estrutura no campo metodológico inovador em relação as demais, devido principalmente a dois motivos. O primeiro por introduzir um banco novo, de origem sigilosa, com grande riqueza de informações, ainda pouco explorado, no qual é caracterizado pela identificação de famílias de baixa renda, no qual é possível focar na localização espacial exata do domicílio, uma vez que se faz uso do endereço completo de cada um dos cadastrados, no qual estes por meio do processo de geocodificação foram transformados em coordenadas geográficas – a latitude e a longitude – que possibilitaram as análises espaciais. Já o segundo, diz respeito a introdução de uma nova modelagem sobre o tema pautado, que visa capturar os possíveis efeitos de interação social no comportamento da juventude fortalezense.

Além desta introdução, este capítulo contempla mais 4 seções. A próxima contempla-se as principais pesquisas observadas na área. A segunda seção reporta-se sobre a metodologia utilizada, trazendo um breve conceito sobre a modelagem, bem como a descrição dos dados. A terceira seção reporta-se sobre os principais resultados pretendidos. Por fim, na última seção tem-se as considerações finais.

4.2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na literatura há uma gama de estudos, tanto de origem nacional como internacional, que têm procurado investigar os efeitos de interação social sobre os comportamentos dos agentes. São trabalhos que tratam sobre diversos assuntos das mais variadas áreas, englobando o campo da teoria da saúde (BAGGIO, LUISIER e VLADESCU, 2017; AIRAKSINEN, HAKULINEN e ELOVAINIO, 2015; FOWLER e CHRISTAKIS, 2008), comportamental (ROTGER e GALSTER, 2019; AJILORE, AMIALCHUK e EGAN, 2016, CASE e KATZ, 1991), econômico (CARDINAELS e JIA, 2016), laboral (HOLLOWAY e MULHERIN, 2004; VARTANIAN, 1999) e educacional (ARAÚJO e SILVEIRA NETO, 2020; NIEUWENHUIS e HOOIMEIJER, 2016; DEL BELLO, PATACCHINI e ZENOU, 2015; AINSWORTH, 2002; GARNER e RAUDENBUSH, 1991).

Segundo Vasconcellos e Rocha (2006) a literatura sobre a interação social vem sendo amplamente difundida na teoria econômica à medida que auxilia na explicação de fenômenos de ordem social como taxa de desemprego, abandono escolar, criminalidade, entre outros. Mais especificamente sobre a temática que engloba o mercado de trabalho e segmento educacional, verificaram-se de um tempo para cá um aumento expressivo de trabalhos que abordam os impactos dos possíveis efeitos de vizinhança, nos quais adotam diferentes tipos de estratégias para capturar os efeitos das interações oriundas das relações face a face entre os indivíduos, habitualmente observados em grupos familiares, instituições escolares, locais de trabalho e comunidades.

No campo educacional, Del Bello, Patacchini e Zenou (2015) buscaram observar o impacto da vizinhança nos resultados da educação. Os autores utilizaram dados geocodificados correspondentes ao endereço residencial de uma amostra representativa de adolescentes americanos e seus respectivos amigos, com o intuito de se verificar a importância da proximidade geográfica na definição dos resultados na área educacional. Os mesmos não constataram em seus resultados nenhuma evidência do efeito do bairro residencial. Contudo, observaram que a proximidade social, medida pela semelhança na religião, raça e renda familiar assim como as características não observadas, desempenharam um papel importante na facilitação da influência dos pares, sugerindo, em termos de educação, que as interações sociais entre amigos na escola podem ser mais preponderantes do que entre amigos que também residem perto um do outro.

Ainda sobre a tema em tela, Araújo e Silveira Neto (2020), sugeriram que há três tipos de mecanismos pelos quais a vizinhança afetaria o desempenho escolar infanto-juvenil, nos quais estes

salientavam a influência de: i) colegas (quando o indivíduo tenderia a imitar o comportamento dos demais indivíduos da sua rede de amizades) ; ii) adultos (quando os mesmos ensinariam para os mais jovens sobre quais comportamentos seriam considerados como adequados, obtido pela interação com os mesmos em sua rede de vizinhança, de tal maneira que os resultados obtidos pelos adultos em suas trajetórias profissionais serviriam de incentivo para as pessoas mais novas); c) contexto da vizinhança (que examinaria como a qualidade do serviço de infraestrutura de uma vizinhança poderia impactar sobre os resultados a nível individual).

Ainsworth (2002) buscou identificar quais características da vizinhança podem influenciar o desempenho escolar e mecanismos que medeiam essas associações. Como resultado, o autor verificou que as características dos bairros também influenciam os resultados no sistema escolar. Neste contexto alguns processos de mediação entram em tela, nos quais podem-se destacar a socialização coletiva, controle social, capital social, percepção de oportunidades e características institucionais. Em linhas gerais, os resultados revelaram que esses mediadores são responsáveis por cerca de 40% do efeito vizinhança no desempenho educacional, onde verificou-se que a socialização coletiva possui uma forte influência.

Seguindo o mesmo caminho, Garner e Raudenbush (1991) também testaram a possível existência de efeitos de vizinhança no desempenho educacional juvenil de indivíduos que deixaram a escola entre 1984 e 1986 em um distrito escolar na Escócia. Os autores utilizaram a modelagem de regressão linear hierárquica para observar a possível presença dos efeitos de vizinhança e estimar a os efeitos de contribuição da privação de bairro. Os achados da pesquisa evidenciaram, após usar alguns controles, (capacidade do aluno, o histórico familiar e a escolaridade), a presença de uma associação negativa e significativa entre a privação na vizinhança do indivíduo e o nível de escolaridade.

Já na área do mercado de trabalho, Vartanian (1999) examinou como as condições dos adolescentes podem afetar o mercado de trabalho e os resultados econômicos dos jovens adultos. Um leque de teorias foi examinado, incluindo principalmente as de teorias de bairro, epidêmica e econômica. De forma geral, os resultados sugerem que as condições de vizinhança dos adolescentes possuem efeitos impactantes. Os resultados indicam que os adolescentes que vivem nos bairros mais desfavorecidos têm níveis muito mais baixos de renda do que aqueles que vivem em bairros apenas ligeiramente mais favorecidos.

Nessa mesma linha, Holloway e Mulherin (2004) também investigaram, nas áreas urbanas, como o ambiente de vizinhança pode afetar o sucesso de longo prazo no mercado de trabalho da

juventude na América. Os mesmos fizeram uso de dados da Pesquisa Longitudinal Nacional da Juventude (NLSY), nos quais foram geocodificados em setores censitários para examinar os efeitos das taxas de pobreza de vizinhança verificadas durante a adolescência sobre o emprego de adultos. Os achados ressaltaram que viver em bairros mais pobres na fase da adolescência traz consigo uma desvantagem de longo prazo no mercado de trabalho, causada pelo menos em parte pela capacidade limitada de acumular experiência profissional precoce. Ademais, sugere-se que os homens possam ser mais sensíveis do que as mulheres em relação aos efeitos de vizinhança.

Case e Katz (1991), em trabalho seminal, examinaram os efeitos das características familiares e de colegas de bairro sobre o comportamento de jovens no mercado de trabalho na cidade de Boston. Os autores verificaram que os comportamentos dos adultos da família estão fortemente relacionados a comportamentos análogos dos jovens. Ademais, verificou-se que os comportamentos dos colegas da vizinhança afetaram de forma substancial os comportamentos dos jovens. Ou seja, observou-se que lares em que há uma grande proporção de outros jovens envolvidos em crimes eleva a probabilidade de um outro indivíduo se envolver também em tal situação. Segundo os autores observa-se efeitos significativos análogos entre os colegas da vizinhança sobre o aumento do uso de drogas, álcool e na propensão dos jovens a não frequentar a escola e nem trabalhar. Esses resultados indicam que as influências dos pares operam num sentido de que "semelhante gera semelhante".

Ressalta-se que apesar da gama de estudos interessados em investigar os efeitos de vizinhança, estes enfrentam desafios metodológicos que merecem maior atenção. Zangger (2019) ressalta a possível existência de efeitos endógenos ou de dependência espacial em uma dada vizinhança. O autor ainda salienta que, embora as explicações teóricas comumente enfatizem a interdependência das ações individuais nos bairros assim como o processo de difusão espacial entre os vizinhos, os métodos quantitativos utilizados para avaliar essas abordagens de certa forma não conseguem modelar de forma direta tais transbordamentos e efeitos multiplicadores de uma observação para outra.

Por fim, dada ampla literatura que ressalta os efeitos significativos do “*neighbourhood effects*” (efeito vizinhança) sobre o comportamento dos indivíduos que convivem em um mesmo bairro ou comunidade. Esta pesquisa avança na literatura nacional por investigar, através de dados georreferenciados da cidade de Fortaleza, a influência de tal efeito sobre a situação ocupacional dos jovens em simultaneamente não participar da rede de ensino e nem trabalhar, os doravante “nem-nem”.

4.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção discutem-se os procedimentos metodológicos associados a presente pesquisa, discorrendo na primeira parte sobre o método econométrico espacial e demonstrando de maneira breve os principais procedimentos estatísticos que permitem identificar padrões espaciais. Por fim, na última parte desta seção, traz-se informações sobre a descrição e tratamento das variáveis da pesquisa.

4.3.1 *Modelo Econométrico Espacial*

Para se enquadrar no escopo proposto dessa pesquisa optou-se por utilizar o modelo *probit* espacial para identificar a existência dos possíveis efeitos espaciais que podem afetar, ou não, a decisão frequentar a rede de ensino e trabalhar. Inicialmente, considere o modelo de escolha discreta representado pela variável resposta y , que é apenas uma manifestação observável de uma variável não observável chamada de variável latente z^* , tal equação é modelada por:

$$z^* = X\beta + \xi \quad (4.1)$$

Desse modo, especifica-se uma regra de determinação de y em função de z^* que segue a regra:

$$y = \begin{cases} 1, & z^* > 0 \\ 0, & z^* \leq 0 \end{cases} \quad (4.2)$$

Onde y é uma variável dicotômica em que representa a escolha do jovem pertencente à dada família de simultaneamente não frequentar a rede de ensino e não trabalhar, logo atribui-se “1” para aqueles com status “nem-nem” e “0” caso contrário. Segundo Anselin (1988), a econometria tradicional apresenta limitações quando se confronta com problemas de origem espaciais, que podem ocasionar algum problema nas estimativas dos parâmetros. Neste sentido, acredita-se que os indivíduos não fazem suas escolhas de forma isolada, na verdade, suas reações são determinadas a partir das escolhas de outros indivíduos pertencentes a sua vizinhança. Isto posto, a modelo econométrico espacial surge como uma importante ferramenta para observar como o resultado de uma observação (no caso presente: a decisão de não frequentar a escola e quiçá nem trabalhar) pode influenciar diretamente os resultados de seus vizinhos.

Sendo assim, antes de se embarcar em uma análise econométrica espacial, é de fundamental importância garantir a existência de dependência espacial dos dados (DONFOUET, JEANTY e MALIN, 2012; ALMEIDA, 2012). Para tal fim, o teste mais comumente utilizado para a verificar

a existência de autocorrelação espacial é o teste estatístico I de Moran (1950). Formalmente, expresso da seguinte maneira:

$$I_{Moran} = \frac{N}{\sum_i \sum_j W_{ij}} \frac{\sum_i \sum_j W_{ij} (y_{it} - \bar{y}_t)(y_{jt} - \bar{y}_t)}{\sum_i (y_{it} - \bar{y}_t)^2} \quad (4.3)$$

Em que N é o número de observações, y_{it} é a observação i em dada localidade no período t (de forma análoga y_{jt} é a observação j em dada localidade no período t), \bar{y}_t é a média de y_{it} , W_{ij} é o coeficiente de interação que quantifica a relação entre as observações, correspondente aos elementos da matriz de pesos espaciais (W). O numerador é interpretado como a covariância ponderada entre unidades vizinhas enquanto o denominador representa a variância total observada (DONFOUET, JEANTY e MALIN, 2012). Conforme Anselin (1995), a matriz W contempla as informações referentes à dependência espacial. Os elementos W_{ij} indicam a associação espacial entre as observações i e j , sendo os elementos na diagonal principal iguais a zero. A métrica I_{Moran} assume valores, positivos e negativos, entre um (1) e menos um (-1), e quanto mais próximo de zero menor é essa dependência¹².

O critério de escolha da matriz de pesos espaciais nesta pesquisa, foi baseada no procedimento exposto por Almeida (2012) baseado no proposto por Baumont (2004). De forma sucinta, o procedimento consiste nas seguintes etapas: de forma preliminar, é estimado um modelo de regressão tradicional; posteriormente testam-se os resíduos de diferentes tipos de matrizes W através do I de Moran; e por último é escolhida a matriz no qual verificou-se tanto o maior valor do I_{Moran} com também o maior nível significância. Com base neste procedimento, a matriz de ponderação espacial utilizada nesta pesquisa é a de 20 vizinhos mais próximos. Salienta-se que como critério do tipo k -vizinhos mais próximos, a matriz é de ordem binária e pode ser escrita como:

$$W_{ij(k)} = \begin{cases} 1 & \text{se } d_{ij} \leq d_i(k) \\ 0 & \text{se } d_{ij} > d_i(k) \end{cases}$$

No qual $d_i(k)$ é a distância de corte para que o lar i tenha k -vizinhos e d_{ij} é a distância entre os lares i e j . As duas famílias serão classificadas como vizinhas quando a distância entre elas (d_{ij}) for menor que a distância de corte e então $W_{ij}(k) = 1$. Caso contrário, de forma análoga,

¹² Este teste tem como hipótese nula a aleatoriedade espacial, no qual valores estatisticamente superiores ao valor esperado indicam a existência de autocorrelação espacial positiva, evidenciando similaridade espacial. Já, valores estatisticamente inferiores ao valor esperado resalta autocorrelação espacial negativa, sugerindo dissimilaridades entre a localidade de referência e a vizinhança (Alvarenga *et al.*, 2021).

assume-se que $W_{ij}(k) = 0$. Em linhas gerais, por convenção dada família não é vizinha de si própria, logo $W_{ij}(k) = 0$.

Sendo assim, a análise empírica a saber, segue uma especificação do *probit* espacial baseado no algoritmo de Wilhelm e De Matos (2013) baseado no modelo espacial de LeSage *et al.* (2011). O modelo aqui utilizado é particularmente útil no contexto do presente estudo, no qual faz uso de dados de origem transversal, para verificar a possível existência da dependência espacial em decisões de escolha discreta, representado pelo modelo Spatial Autoregressive Model (SAR).

Este, também conhecido como modelo de defasagem espacial (SAR), permite estimar os possíveis efeitos de transbordamentos que atuam sobre a variável dependente¹³. Segundo Almeida (2012) a vantagem desta modelagem está na captura dos efeitos advindos do processo de imitação inserido em um dado fenômeno. A equação (4.4) ressalta que a inclinação do jovem inserido na família i na escolha de se inserir no segmento laboral e educacional depende não apenas de suas próprias características socioeconômicas e demográficas (X), mas também da propensão de participação de seus vizinhos. Algebricamente, este modelo pode ser descrito da seguinte forma:

$$z^* = \rho Wz + X\beta + \varepsilon \quad (4.4)$$

Em que $\varepsilon \sim N(0, \sigma^2 I_n)$

De forma sintética, a variável dependente do jovem pertencente à família i está correlacionada espacialmente com a variável dependente do jovem da família j . Este processo possui seu transbordamento capturado em ρ (rho) mediante defasagem espacial da variável dependente Wz . Segundo Almeida (2012) restrição que se admite sobre o modelo é que o coeficiente espacial autorregressivo satisfaça $|\rho| < 1$.

O coeficiente ρ no modelo SAR representa o efeito médio dos vizinhos sobre a variável dependente (z), isto é, se o mesmo for estatisticamente diferente de zero isso implica aferir que uma parcela da variação total de z é explicada pela dependência de cada observação de seus vizinhos. Em outras palavras, o sinal do parâmetro positivo (negativo) significa que um alto valor de z nos vizinhos aumenta (diminui) o valor de z na família i . Se não for constatada a presença de autocorrelação espacial $\rho=0$ e, neste caso, podemos estimar o modelo de regressão tradicional. Agora, se $\rho \neq 0$, a estimativa de regressão tradicional produzirá estimadores viesados e inconsistentes.

¹³ Esse efeito de contágio direto do comportamento entre vizinhos estaria de acordo com a teoria epidêmica dos efeitos de vizinhança.

Por fim, cabe destacar que a análise do modelo espacial de escolha discreta, SAR, é estimado usando o método de Monte Carlo via cadeias de Markov (MCMC). A escolha por esta modelagem está na possível existência de dependência espacial no qual tal elemento não se deve ignorar, uma vez que as relações espaciais podem tornarem os estimadores convencionais inconsistentes e / ou enviesados. Assim como exposto por Donfouet, Jeanty e Malin (2012), o MCMC envolve amostragem repetida, no qual este simula a variável latente e, em seguida, trata os dados como uma regressão, no sentido de que trata a variável simulada como se fosse a variável real.

4.3.2 *Descrição do Banco de Dados*

A fonte de dados utilizada nesta pesquisa advém do Cadastro Único (ou *CadÚnico*) para programas sociais do governo federal, disponibilizado pelo órgão do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), restringindo-se ao ano de 2018, no qual abrange o território da cidade de Fortaleza. Para o referido período, o MDS disponibilizou duas bases de dados, a primeira contém as características das unidades domiciliares, e a segunda possui informações associadas as características dos membros de cada núcleo familiar. Por meio do identificador da variável correspondente ao código familiar foi possível realizar o *merge* (junção) entre as duas referidas bases.

A vantagem da utilização dessa base em relação as demais esta primeiramente na caracterização das famílias de baixa renda, ainda pouco explorado na literatura, podendo ser bastante útil para observar os possíveis padrões espaciais dos lares cadastrados, uma vez que se faz posse do endereço completo, no qual por meio do processo de geocodificação foram transformados em pontos geográficos de latitude e longitude. Vale salientar que a base faz uso de informações de ordem sigilosa¹⁴, nos quais podem fornecer suprimentos importantes para o norteamento futuro de políticas públicas focada nos lares em situação de vulnerabilidade social.

Sobre a variável de interesse, a mesma foi considerada em nível domiciliar, no qual assume-se valor igual a 1 para lares que possuem algum jovem na condição de filho na faixa etária de 18 a 25 anos¹⁵ que simultaneamente não trabalhou de forma remunerada nos últimos 12 meses e que não frequentou a rede escolar e 0, caso contrário. Ademais, para alcançar os objetivos propostos, foram

¹⁴ Os dados identificados do CadÚnico contém algumas informações como: o NIS, nome completo, documentos pessoais, endereço e outras características domiciliares.

¹⁵ Por meio da data de nascimento e utilizando o período de referência de 31/12/2018 foi possível obter a idade em anos completos.

selecionadas somente famílias que atualizaram os dados no ano de 2018, que residiam na parte urbana de Fortaleza e que não possuíam nenhum morador com deficiência física e ou mental. Posteriormente a todos esses filtros e exclusão das observações faltantes e inconsistentes, a amostra final perfaz 24.216 observações. A seguir, no Quadro 4.1, são apresentadas as variáveis selecionadas na presente pesquisa:

Quadro 4. 1: Fortaleza-Descrição das Variáveis

Variáveis	Descrições
Características da pessoa de referência do domicílio	
Chefe homem	<i>Dummy</i> para sexo da pessoa de referência do domicílio (1- Homem; 0 - Mulher)
Chefe Branco	<i>Dummy</i> para pessoa de referência do domicílio de cor Branca (1-Branca; 0 – caso contrário)
Chefe Analfabeto	<i>Dummy</i> para pessoa de referência do domicílio analfabeto (1-sim; 0 – caso contrário)
Nasceu em Fortaleza	<i>Dummy</i> para pessoa de referência do domicílio nascida em Fortaleza (1-sim;0– caso contrário)
Tipo de Família	
Biparental	<i>Dummy</i> para tipo de família (1-biparental; 0 – caso contrário)
Características Econômicas	
Renda Média Familiar	<i>Logaritmo</i> da renda familiar média
Bolsa Família	<i>Dummy</i> se o domicílio recebe PBF (1- sim; 0- caso contrário)
Características dos Moradores	
Jovem Mais escolarizado	<i>Dummy</i> se possui pelo menos um jovem no lar com no mínimo graduação (1-sim; 0 -não)
Criança	Número de crianças até 11 anos
Idoso	Número de idosos acima de 70 anos

Fonte: Elaboração própria.

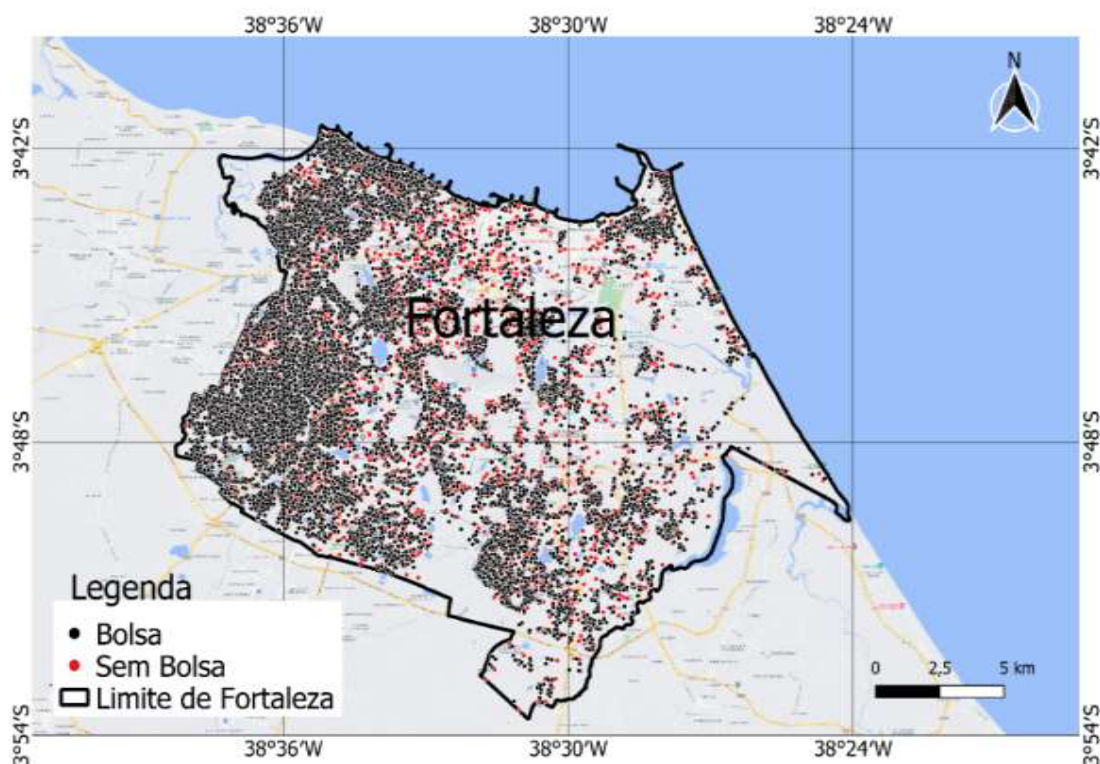
4.4 RESULTADOS DESCRITIVOS E ECONOMÉTRICOS

Nesta seção ressalta-se a análise explanatória dos dados que permitem identificar padrões espaciais dos doravante “nem-nem”. Em seguida, na segunda parte desta seção, discutem-se de maneira breve os principais resultados das estimações do modelo econométrico espacial.

4.4.1 Características da Juventude “Nem-Nem”: Fatos Observados

A Figura 4.1, a seguir, reporta uma descrição minuciosa da distribuição dos lares da juventude cadastrada no CadÚnico após o devido tratamento do banco de dados. No que tange à localização dessas famílias, fica evidente que boa parte dos cadastrados estão localizados em áreas mais pobres, em que, de forma geral, pouco mais de 60% dos domicílios auferem o benefício do bolsa família. Ademais observa-se que nas zonas mais ricas, a presença de lares que auferem tal benefício é escasso. Vale salientar que em Fortaleza, há um maior predomínio de jovens em status de “exclusão social” (não engajados no mercado de trabalho e que não estão estudando), representando por volta de 6 a cada 10 domicílios fortalezenses, o que é considerado algo alarmante.

Figura 4. 1: Fortaleza-Distribuição dos lares juvenis cadastrados no CadÚnico, 2018

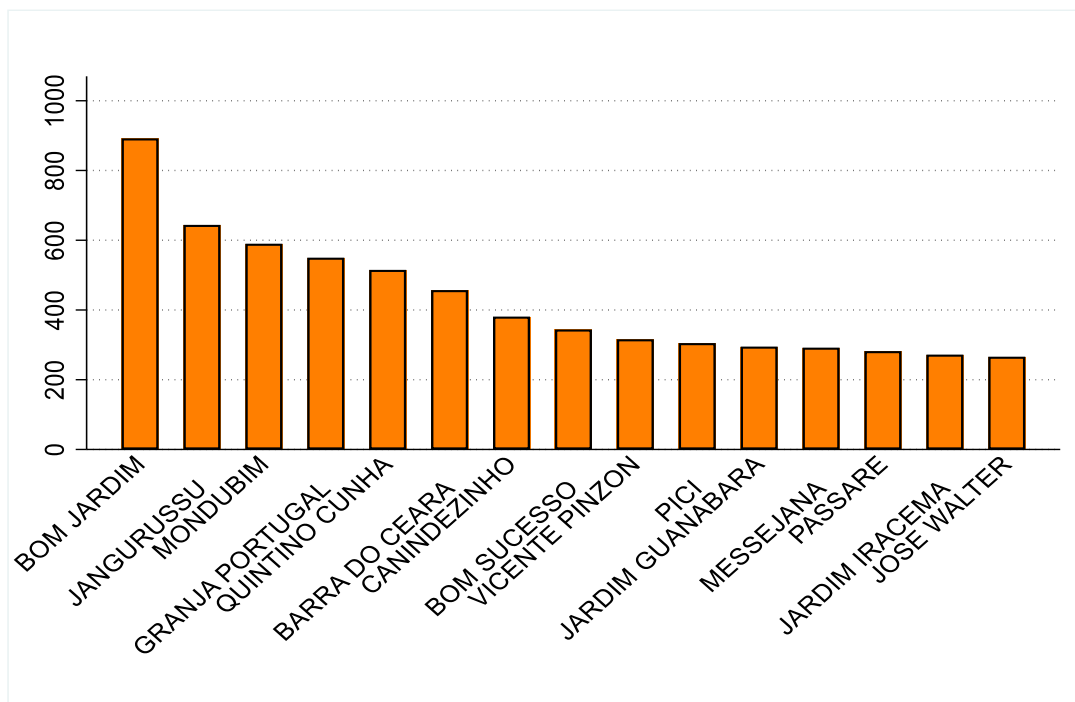


Fonte: Elaboração própria com base nos dados do MDS. Nota: Google Maps.

A seguir, é ilustrado na Figura 4.2, os quinze bairros na amostra com as maiores frequências de domicílios que possuem jovens que não trabalham e que sequer pensam em estudar. Em linhas gerais, a figura ressalta que, os bairros que apresentam em termos numéricos a maior quantidade de

jovens em status de exclusão são o bairro Bom Jardim, Jangurussu, Mondubim, Granja Portugal, Quintino Cunha, Barra do Ceará, Canindezinho, Bom Sucesso, Vicente Pinzon, Pici, Jardim Guanabara, Messejana, Passaré, Jardim Iracema e José Walter.

Figura 4. 2: Fortaleza-Frequência de lares com jovens “nem-nem” por Bairro, 2018

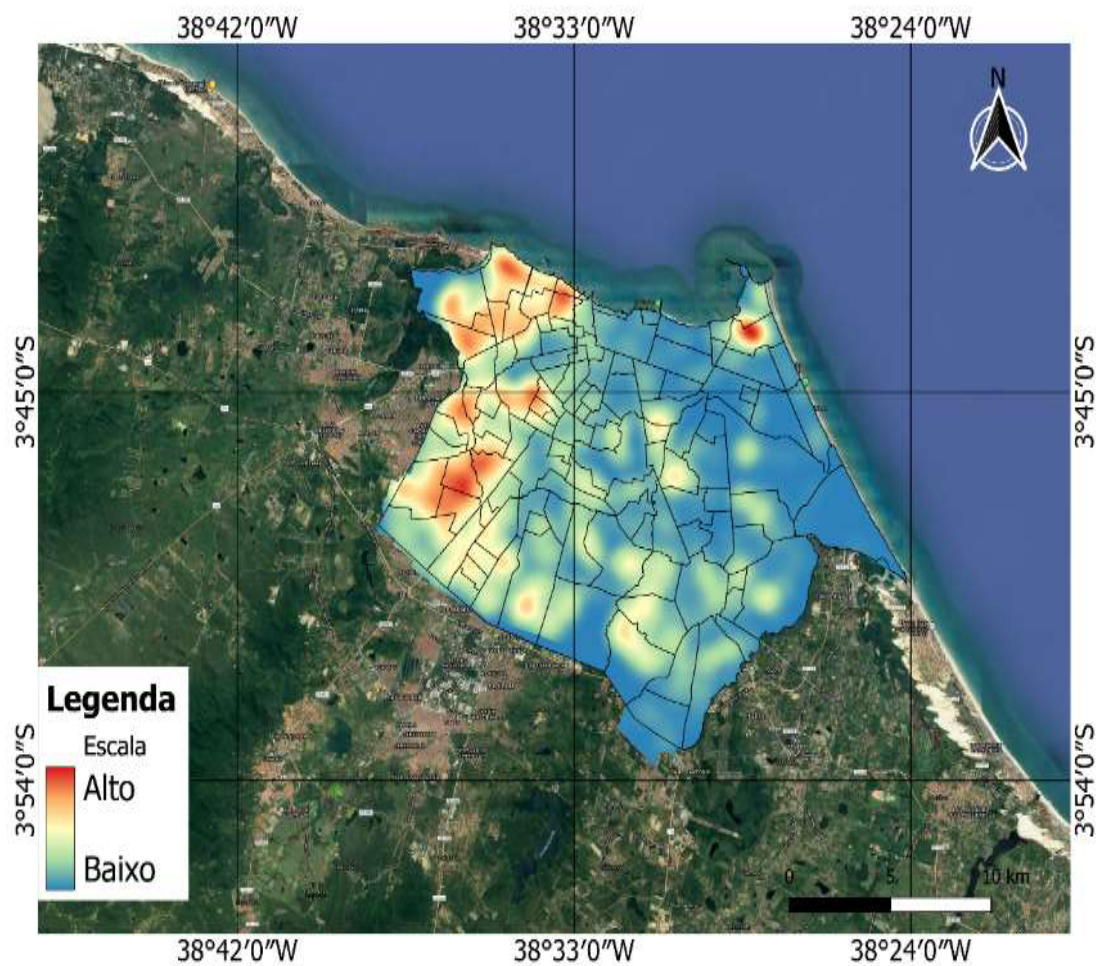


Fonte: Elaboração própria com base nos dados do MDS.

A seguir, realiza-se a análise de mapa de Kernel para a visualização da densidade espacial explanatória das famílias que possuem jovens “excluídos”, ou seja, que estão expostos a situação de vulnerabilidade social. O mapa de Kernel ou estimador de Kernel, nada mais é do que um conjunto de procedimentos estatísticos não paramétricos de suavização de pontos em uma dada superfície geográfica levando em conta a densidade destes pontos. Dito de outra forma, refere-se ao ajuste de uma função bidimensional que realiza uma contagem de todos os pontos dentro de uma área de influência (grade), ponderando-os pela distância de cada localização de interesse.

Em linhas gerais, observa-se que os jovens em situação de exclusão, geralmente estão inseridos em regiões de periferia, nos quais carecem de maior atenção das autoridades, representados pelas zonas mais “quentes” do mapa. As localidades que mais concentram espacialmente domicílios de jovens excluídos estão dispostos no Vicente Pinzon, Pirambu, Colonia, Barra do Ceará, Bom Jardim, Vila Velha1, Vila Velha2, Jardim Guanabara, Conjunto Itaparica, Genibaú, Álvaro Weyne, Granja Lisboa, Panamericano e Bela Vista.

Figura 4. 3: Fortaleza- Concentração de domicílios com jovens “nem-nem”, 2018



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do MDS. Nota: Google Satélite.

A Tabela 4.1, reporta uma análise descritiva minuciosa sobre as principais características do público jovem que serão ressaltadas na análise empírica realizada a posteriori no decorrer do texto. Por meio do painel (I), vê-se a situação dos lares que possuem jovens que não estão trabalhando e que no momento não estão frequentando a rede escolar, enquanto o painel (II) observa-se a situação daqueles domicílios em que possuem jovens que exercem alguma atividade laboral e/ou educacional.

Tabela 4. 1: Fortaleza-Estatísticas descritivas dos lares para categoria “nem-nem” e “não nem-nem”

	(I) “nem-nem”	(II) “não nem-nem”
Chefe Homem (%)		
Sim	3,29	2,77
Não	96,71	97,23
Chefe Branco (%)		
Sim	9,11	8,54
Não	90,89	91,46
Chefe Nasceu em Fortaleza (%)		
Sim	48,75	48,61
Não	51,25	51,39
Chefe Analfabeto (%)		
Sim	7,19	7,10
Não	92,81	92,90
Biparental (%)		
Sim	27,71	24,02
Não	72,29	75,98
Bolsa Família (%)		
Sim	61,28	61,60
Não	38,72	38,40
Jovem Mais escolarizado (%)		
Sim	4,44	6,25
Não	95,56	93,75
Renda Média Familiar	4,301	4,418
Média de criança	0,552	0,4973
Média de Idoso	0,017	0,012

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do MDS. Nota! : Coluna (I) corresponde aos jovens “nem-nem” e (II) corresponde aos jovens “não nem-nem”.

Em relação às características do chefe como as variáveis cor e sexo, percebe-se que no caso do primeiro, com relação à cor, existe uma maior proporção de chefes de cor branca nos lares que tem jovens que simultaneamente não estudam e não trabalham, representando aproximadamente 9%, enquanto para o grupo dos jovens não “nem-nem” corresponde em torno de 8,54%. Já com relação, ao fato do chefe ser homem, observa-se que de maneira geral a maioria dos domicílios cadastrados no CadÚnico são chefiadas por mulheres independente de possuir, ou não, algum “nem-nem” no lar. Ademais, observa-se que, ao se comparar aos domicílios dos jovens em status de exclusão ocupacional aos do não “nem-nem”, verifica-se um percentual um pouco mais elevado de homens como responsável pelo lar (apesar da pequena proporção). Ainda sobre as características do chefe da família percebe-se que, aproximadamente 49% nasceram no município de Fortaleza e 7% são analfabetos, independente do lar ter ou não algum “nem-nem”

No tocante, a variável biparental, percebe-se que seu percentual é mais elevado em lares com a presença de algum “nem-nem” em comparação aquelas que não possuem, representando aproximadamente 28%. Ainda sobre as características do lar, mais precisamente o fato de ter idosos e crianças no lar, verifica-se em geral que a média destes é superior para residências com jovens que não trabalham e que não estudam.

Averiguando aspectos relacionados à renda, observa-se de maneira geral que aqueles inseridos em famílias com menor poder aquisitivo estão mais predispostos à inatividade. Ademais, é possível ainda perceber também que, independente de possuir ou não “nem-nem” no lar, a quantidade de lares que auferem bolsa família é considerada preponderante, representando pouco mais de 60 %, em ambos os subgrupos analisados. Ressalta-se ainda que, a inatividade educacional e ociosidade laboral são menores em lares que auferem este tipo de benefício.

Por fim, no que tange à proporção de lares juvenis considerando o nível de escolaridade, fica evidente a diferença educacional enquadrada entre as duas categorias (“nem-nem” e “não nem-nem”). Em linhas gerais observa-se que os jovens ativos e/ou que estudam possuem maiores proporções em seus domicílios de escolarizados do que os jovens em status de exclusão ocupacional e educacional.

4.4.2 *Resultados Econométricos*

Na Tabela 4.2 tem-se na primeira e segunda coluna os resultados das estimativas do modelo econométrico tradicional e do modelo espacial. No tocante as estimações dos parâmetros, em ambos os modelos, de maneira geral, apresentam sinais e significância estatística condizentes com os demais estudos observados sobre a temática (CIRÍACO et al., 2019; SOUZA e TABOSA, 2018; VASCONCELOS *et al.*, 2017; VIEIRA *et al.*, 2016; MONTEIRO, 2013; CARDOSO, 2013), exceto as variáveis associadas a educação e naturalidade do chefe que não apresentaram relevância estatística.

De maneira preliminar, estimou-se de forma inicial o modelo *probit* considerando a matriz de 20 vizinhos mais próximos escolhido de acordo com o proposto por Baumont (2004) descrito na seção anterior, no qual observa-se que os resultados dessa estimação indicam a presença de autocorrelação espacial nos resíduos¹⁶ ($I_{moran} = 0,005$). Nestas circunstâncias, dada a possível existência de aglomerados espaciais, torna-se necessário a estimação de modelos espaciais de alcance global, aqui representado pelo modelo *probit* SAR, com intuito de evitar estimativas viesadas e inconsistentes.

No tocante as estimações dos parâmetros, ambos os modelos, de maneira geral, apresentam significância e valores dos coeficientes bem próximos. Contudo, devido a existência de efeitos espaciais partisse para a análise do modelo SAR, no qual busca-se observar o efeito vizinhança no comportamento da juventude fortalezense. O valor evidenciado pelo coeficiente do modelo autorregressivo ($\rho = 0,091$) sugere, um possível efeito das interações sociais sobre a decisão dos lares dos jovens, nos quais indicam que os mesmos podem estar sendo influenciados positivamente pelos resultados encontrados em suas respectivas vizinhanças. Como ρ é maior que zero, os dados parecem ser similares entre si. Logo, famílias que possuem jovens que não trabalham e nem estudam estão, em média, mais próximos de outras famílias que também apresentam indivíduos nesta mesma situação. Por sua vez, de forma análoga, moradias com baixa incidência se relacionam, de forma frequente, com outras que também apresentam baixa incidência de tal condição.

¹⁶ Trata-se de uma associação espacial positiva e estatisticamente significativa ao nível de 1%, apesar de seu valor absoluto ser baixo.

Tabela 4. 2: Fortaleza-Estimativas dos Modelos Econométricos

	Probit (I)	Probit SAR (II)
ρ		0,091***
Chefe Branco	0,0560* (0,0293)	0,0581** (0,0280)
Chefe Homem	0,0998** (0,0490)	0,1012* (0,0516)
Chefe Analfabeto	-0,0104 (0,0325)	-0,0101 (0,0325)
Biparental	0,128*** (0,0193)	0,129*** (0,0185)
Nasceu em Fortaleza	-0,00789 (0,0167)	-0,0086 (0,0175)
Renda Média Familiar	-0,0764*** (0,00855)	-0,0762*** (0,007)
Jovem Mais escolarizado	-0,210*** (0,0376)	-0,210*** (0,0389)
Bolsa Família	-0,146*** (0,0228)	-0,147*** (0,0213)
Criança	0,0522*** (0,0110)	0,0521*** (0,0105)
Idoso	0,236*** (0,0696)	0,234*** (0,0712)
Constante	0,756*** (0,0493)	0,719*** (0,0477)
I de Moran	0,005***	
Observações	24.216	24.216

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do MDS. Nota¹: Desvio Padrão em parênteses.

Nota²: Significância estatística *** p<0,01, ** p<0,05 e * p<0,1.

O impacto das variáveis explicativas sobre a situação ocupacional juvenil pode ser verificado na Tabela 4.3, nos quais são representados por três tipos de efeitos. O primeiro, refere-se ao efeito direto, definido como uma média dos impactos das variáveis explicativas de uma dada família “*i*” sobre ela mesma. Já o segundo, o efeito indireto, representa a influência dos transbordamentos, ou seja, efeito da vizinhança (a mesma é resultante de um choque da variável explicativa na família *i* sobre a variável dependente da família *j*). Por fim, o terceiro efeito corresponde aos efeitos totais que representam a soma destes dois efeitos¹⁷ (diretos e indiretos).

No que diz respeito a características da pessoa responsável pela família, verificou-se que ser de cor branca apresenta efeito significativo e positivo sobre a probabilidade de ociosidade juvenil. Já, o fato de residir com ambos os pais (família biparental) e de ter o pai como responsável pelo lar estimula a não frequência escolar e a ociosidade ocupacional entre os jovens, sendo este efeito em quase toda totalidade atribuída aos efeitos diretos. Uma explicação plausível para este possível efeito, consiste da ideia, já evidenciada por Vieira *et al.* (2016), de que diferentemente dos domicílios chefiados por homens, aqueles oriundos de mães chefes de família, de maneira geral, possuem uma maior predisposição dos filhos de conseguir uma ocupação, uma vez que esse tipo de domicílio está associado comumente a uma maior situação de vulnerabilidade socioeconômica.

O fato de receber bolsa família reduz a probabilidade de a residência possuir algum “nem-nem” no núcleo familiar, representando um incremento total de aproximadamente -5,9 p.p. (pontos percentuais). Deste montante total, -5,3 p.p. corresponde a efeitos diretos. Indo ao encontro dos achados evidenciados na pesquisa de Vasconcelos *et al.* (2017), nos quais apontaram para a presença de impactos positivos do Programa Social sobre a probabilidade de estudar e trabalhar. Ademais, verifica-se que a variação da variável explicativa, afeta apenas a variável dependente da própria família, não sendo observados efeitos significativos de transbordamentos (efeito indireto).

¹⁷Conforme exemplificado por Alvarenga *et al.* (2021) as variações nas variáveis independentes de uma região impactam não somente a variável dependente dela própria (efeito direto), como também as variáveis dependentes das unidades vizinhas (efeito indireto).

Tabela 4. 3: Fortaleza- Impacto do efeito vizinhança

	Probit SAR		
	Efeito Direto	Efeito Indireto	Efeito Total
Chefe Branco	0,021391*** [0,005; 0,039]	0,002101** [0,000; 0,004]	0,023492*** [0,005; 0,042]
Chefe Homem	0,037258*** [0,003; 0,068]	0,0037083* [0,000; 0,009]	0,040966** [0,004; 0,076]
Chefe Analfabeto	-0,003743 [-0,025; 0,016]	-0,0003369 [-0,002; 0,002]	-0,00408 [-0,027; 0,018]
Biparental	0,047417*** [0,037; 0,059]	0,0046742*** [0,001; 0,008]	0,052091*** [-0,016; 0,066]
Nasceu em Fortaleza	-0,003187 [-0,144; 0,008]	-0,0003309 [-0,002; 0,001]	-0,003517 [-0,002; 0,009]
Renda Média Familiar	-0,028052*** [-0,033; -0,023]	-0,0027578 [-0,004; -0,001]	-0,03081*** [-0,036; -0,026]
Jovem Mais escolarizado	-0,077159*** [-0,099; -0,054]	-0,0075682 [-0,013; -0,003]	-0,084727*** [-0,111; -0,06]
Bolsa Família	-0,053995*** [-0,067; -0,042]	-0,0053228 [-0,009; -0,002]	-0,059318*** [-0,074; -0,045]
Criança	0,019192*** [0,013; 0,025]	0,0018813*** [0,000; 0,003]	0,021074*** [0,014; 0,028]
Idoso	0,08629*** [0,046; 0,132]	0,0085282*** [0,003; 0,016]	0,094819*** [0,051; 0,148]

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do MDS. Nota¹: Intervalo de confiança no nível de 95% entre colchetes.

Nota²: Níveis de significância: * 10%, **5% e ***1%.

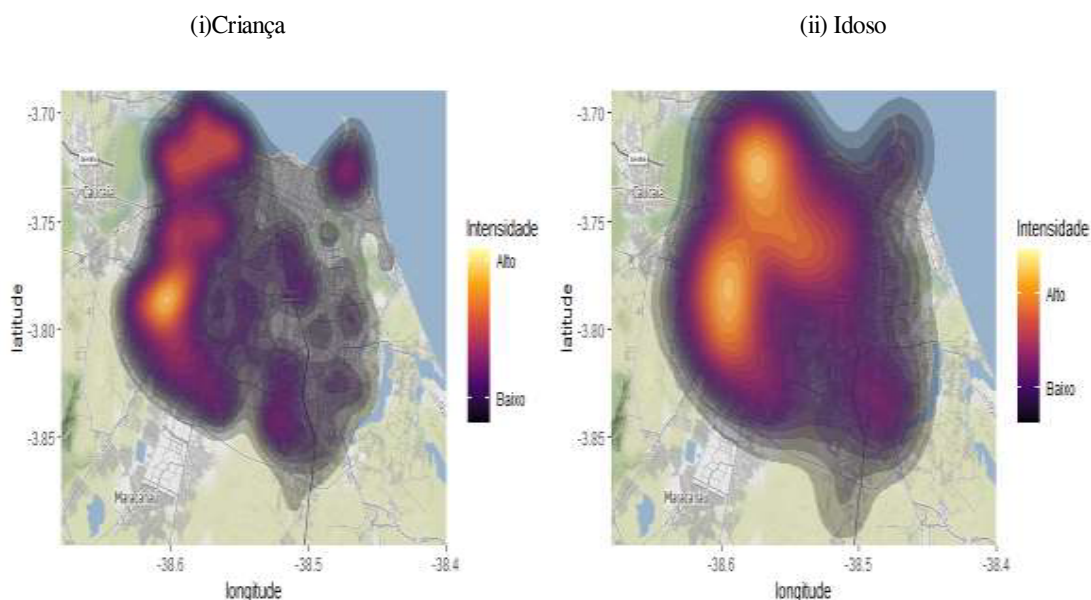
No tocante ao nível de renda percebe-se que, de maneira geral, jovens inseridos em famílias de maior poder aquisitivo estão menos propensos a exclusão ocupacional e educacional, sendo este efeito em quase toda totalidade atribuído somente aos efeitos diretos. Tal resultado corrobora com o exposto de Almeida e Figueiredo (2017) ao ressaltar o papel central da pobreza na definição do fenômeno da geração “nem-nem”, no qual verifica-se que aqueles oriundos de famílias de baixa renda em relação aos lares de maior poder aquisitivo, terão maiores dificuldades e empecilhos de se obter uma posição satisfatória no mercado de trabalho, assim como enfrentarão maiores barreiras na permanência escolar.

Em linhas gerais, o efeito marginal total, evidencia que domicílios que apresentam jovens com maior nível de escolaridade são menos propensos a exclusão social, reduzindo em aproximadamente 8 p.p. a probabilidade de se enquadrar na geração “nem-nem”. Este resultado ratifica o observado por Shirasu (2018), ao evidenciar que, independentemente do gênero, jovens com mais anos de estudo são menos propensos a permanecerem na situação de total inatividade. A autora ainda ressalta que esses jovens possuem maiores probabilidades de se dedicarem integralmente aos estudos ou parcialmente, conciliando trabalho e estudo.

No tocante a existência de crianças e idosos, percebe-se de forma geral que a probabilidade de o domicílio possuir algum jovem que não frequenta a escola e não participa do mundo do trabalho se eleva, em torno de 2 p.p. para cada criança e 9 p.p. para cada idoso, na devida ordem, adicionada a família. Deste efeito total, o impacto indireto corresponde, na devida ordem, a um acréscimo de 0,2 p.p. e 0,8 p.p. para cada novo membro adicionado ao núcleo familiar na probabilidade de exclusão ocupacional. Acredita-se que isso possa estar relacionado aos cuidados dos avós, irmãos menores e filhos pequenos, aumentando as chances destes indivíduos simultaneamente abandonar os estudos e o mercado trabalho, enquanto os demais moradores trabalham. Tais transbordamentos destes efeitos representam algo preocupante, uma vez que a maioria destes lares estão inseridos em localidade de alta vulnerabilidade social. Diante deste resultado interessante, realizou-se na Figura 4.4 uma análise da densidade espacial¹⁸ de idosos e crianças, considerando somente os lares que possuem algum “nem-nem”. Em linhas gerais observou-se uma maior densidade de domicílios em zonas mais humildes, representadas pelas áreas “*mais quentes*” do mapa.

¹⁸ Para confecção do mapa utilizou-se os pacotes *ggmap* e *patchwork* no Rstudio.

Figura 4. 4: Fortaleza- Densidade de crianças e idosos nos lares “nem-nem”, 2018



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do MDS. Nota: *Stamen Map*.

4.5 CONCLUSÃO

Este artigo teve como foco investigar de forma teórica e empírica, o efeito vizinhança sobre os lares dos jovens residentes da cidade de Fortaleza comumente denominado de geração “nem-nem”. Em linhas gerais, os achados aqui encontrados permitiram fornecer insumos importantes para a futura agenda de investigação de pesquisadores no campo social e econômico que possam auxiliar na construção e delineamento de políticas públicas locais de prevenção à exclusão social.

Como forma de capturar esse efeito, utilizou-se o modelo *probit* espacial com variáveis que representam as características dos lares fortalezenses. Em linhas gerais, observou-se a presença de efeitos de vizinhança significativo sobre o comportamento da juventude. Logo, lares com jovens que não trabalham e nem estudam estão, em média, mais próximos de outros que também apresentam indivíduos nesta mesma situação.

Os resultados do modelo econométrico ressaltam o papel central da pobreza na definição do fenômeno dos “nem-nem”, no qual verifica-se que aqueles oriundos de famílias de baixa renda em relação aos lares de maior poder aquisitivo, terão maiores dificuldades e empecilhos de se obter uma posição satisfatória no mercado de trabalho, assim como enfrentarão maiores barreiras na

permanência escolar. Ademais verifica-se o impacto direto do bolsa família na redução da inatividade laboral e educacional entre os jovens.

Um resultado interessante nesta pesquisa está relacionado a existência de crianças e idosos no lar, no quais apresentaram um aumento na probabilidade de inatividade ocupacional, sendo este impacto atribuído em sua maioria pelo efeito direto. Contudo, ressalta-se por meio das apreciações feitas, uma maior atenção para os possíveis efeitos de transbordamento dessas duas variáveis, representando um acréscimo de aproximadamente 0,2 p.p. para a variável de crianças e 0,8 p.p. para o de idosos no lar. Estes efeitos sobre a vizinhança podem ser em parte explicados, pelos possíveis efeitos de imitação, fruto das relações face a face entre os indivíduos e famílias que convivem numa mesma rede de vizinhança, que atribuem a estas trajetórias de vida semelhantes que tendem a impactar de forma indireta em seu comportamento.

Por fim, salienta-se que o maior intuito desta pesquisa é não encerrar o tema e sim tecer novos *insights* que possam auxiliar na elaboração e reformulação de políticas públicas a fim de evitar que a juventude recaia no mundo do crime, e no caso específico das mulheres, na gravidez indesejada. Isto posto, chama-se atenção para o maior apoio por parte da assistencial social a estas famílias, principalmente aquelas situadas em zonas de maior vulnerabilidade socioeconômica. Ademais, acredita-se que a inclusão de políticas de planejamento familiar e de ampliação da quantidade de ofertas de creches em zonas de maiores índices de inatividade juvenil podem permitir a estes jovens trabalharem e/ou estudem em meio período. Outra alternativa seria inclusão digital dessas famílias, possibilitando a capacitação remota.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AINSWORTH, J. W. Why does it take a village? The mediation of neighborhood effects on educational attainment. **Social Forces**, v.81, p.117-152, 2002.

AIRAKSINEN, J.; HAKULINEN, C.; ELOVAINIO, M. Neighborhood effects in depressive symptoms, social support, and mistrust: Longitudinal analysis with repeated measurements. **Soc Sci Med**, 2015.

AJILORE, O.; AMIALCHUK, A.; EGAN, K. Alcohol consumption by youth: Peers, parents, or prices? **Economics & Human Biology**, Elsevier, v. 23, p. 76–83, 2016.

ALMEIDA, E. **Econometria espacial aplicada**. Campinas: Alínea, 2012.

ALMEIDA, J. B. S. A. de; FIGUEIREDO, A. M. R. População nem-nem: uma análise a partir dos dados da PNAD 2012. **Revista de Estudos Sociais**, v. 19, n. 38, p. 106-129, jul. 2017.

ALVARENGA, S. M.; JORGE, M. A.; AMARAL, P. V. M. Suicídios nos Municípios Brasileiros: Uma abordagem espacial para dados censurados. **Análise econômica**, v. 39, p. 1-27, 2021.

ANSELIN, L. **Spatial Econometrics: Methods and Models**. Kluwer Academic Publishers: Santa Bárbara, 1988.

ANSELIN, L. Local indicator of spatial association – LISA. **Geographical Analysis**, v.27, n. 3, p. 93-115, 1995.

ANSELIN, L.; FLORAX, R. J. G. M.; REY, S. J. **Advances in Spatial Econometrics: Methodology Tools and Applications**. Springer-Verlag Berlin Heidelberg, Nova Iorque, EUA, 2004.

ARAÚJO, J. R.; SILVEIRA NETO, R. M. . Efeito-vizinhança e o desempenho escolar: o caso dos estudantes da rede pública de ensino da Cidade do Recife. **Nova Economia (UFMG)**, v. 30, p. 287-316, 2020.

BAGGIO S.; LUISIER V.; VLADESCU C. Relationships between social networks and mental health. *Swiss J. Psychol. Schweiz. Z. Psychol.* **Rev. Suisse Psychol**, v.76, n.1, p.5–11, 2017.

BARROS, R. P.; CARVALHO, M. ; FRANCO, S. ; ROSALEM, A. . Impacto do Projeto Jovem de Futuro. Estudos em Avaliação Educacional (Impresso), v. 23, p. 214-227, 2012.

BAUMONT, C. **Spatial effects in housing price models:** do house prices capitalize urban development policies in the agglomeration of Dijon (1999)? Mimeo. Université de Bourgogne, 2004.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. o que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? **Mercado de trabalho**, v. 53, p. 38, 2012.

CARDINAELS, E.; JIA, Y., 2016. How Audits Moderate the Effects of Incentives and Peer Behavior on Misreporting, *European Accounting Review*, Taylor & Francis Journals, vol. 25(1), pages 183-204, 2016.

CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 68, agosto de 2013.

CASE, A.; KATZ, L. F. **The Company You Keep: The Effect of Family and Neighborhood on Disadvantaged Youth**. NBER working paper n.3705, 1991.

COLES, B.; HUTTON, S.; BRADSHAW, J.; CRAIG, G.; GODFREY, C.; JOHNSON, J. Literature Review of the Costs of being ‘Not in Education, Employment or Training’ at Age 16-18. **Department for Education and Skills, Research Report n° 347**, 2002.

CORRÊA, C. R.; LIMA, J. E. . Determinantes da participação e dos rendimentos dos jovens no mercado de trabalho: o caso da Região Metropolitana de Recife. **Cadernos Metrôpole (PUCSP)**, v. 17, p. 541, 2015.

COSTA, J; ULYSSEA G. O fenômeno dos jovens nem nem. In: CURSEIUL , C; BOTELHO, R (Org). **Desafio a trajetória profissional do jovem brasileiro**. Brasília: IPEA, 2014.

CIRÍACO, J.S. **A situação ocupacional dos jovens no Brasil: 2002 a 2012**. Dissertação (Mestrado em Economia) -Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

CIRÍACO, J. S.; OLIVEIRA, C. S. ; ANJOS JUNIOR, O. R. ; LINS, J. G. M.G . Os determinantes das escolhas ocupacionais das jovens mulheres das áreas rurais do sul do Brasil. **Rbee. Revista brasileira de economia de empresas**, v. 19, p. 81-101, 2019.

DARMOFAL, D. Spatial Econometrics and Political Science. In: Annual Meeting of the Southern Political Science Association, Atlanta, Geórgia, 2006. **Anais do Annual Meeting of the Southern Political Science Association**, Atlanta, 2006.

DEL BELLO, C. L.; PATACCHINI, E.; ZENOU, Y. Neighborhood Effects in Education, **IZA Discussion Papers 8956**, Institute of Labor Economics (IZA), 2015.

DIAS, T.S. **Entre ausências, incertezas e labirintos: a inserção social de jovens que não trabalham nem estudam no Brasil**. 2016. Dissertação (Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) UNB. Brasília-DF, 2016.

DONFOUET, H. P. P; JEANTY, P; MALIN, E. **Accounting for spatial interactions in the demand for community-based health insurance: A Bayesian spatial Tobit analysis**. Paper presented at the 11th International Workshop Spatial Econometrics and Statistics, France, 2012.

DORSETT, R.; LUCCHINO, P. Snakes and ladders in the youth labour market. **In: 26th Annual Conference of the European Society for Population Economics – ESPE**, 2012.

FOWLER, J. H.; CHRISTAKIS, N. A. Estimating peer effects on health in social networks. **Journal of Health Economics**, Amsterdã, v. 27, n. 5, p. 1400-1405, set. 2008.

GARCIA, M. F. ; ARAUJO, E. C. ; ARAUJO, E. L. ; FAUSTINO, I. A. . A Condição do Jovem no Mercado de Trabalho Brasileiro: uma Análise Comparativa entre o Emprego e o Primeiro Emprego (1999-2009). **Revista Anpec**, v. 13, p. 481-506, 2012.

GARNER, C. L.; RAUDENBUSH, S.W. Neighborhood effects on educational attainment: A multilevel analysis, **Sociology of Education**, 64(4), p. 251–262, 1991.

GHOSH, S. Participation in school choice: A spatial probit analysis of neighborhood influence. **Annals of Regional Science**, 50, 295–313, 2013

HOLLOWAY, P. R.; MULHERIN, S. **The effect of neighborhood poverty on adult employment**. **Journal of Urban Affairs**, 26, 427–454, 2004.

LESAGE, J. P.; PACE, R. K.; LAM, N.; CAMPANELLA, R.; LIU, X. New Orleans business recovery in the aftermath of Hurricane Katrina. **Journal of the Royal Statistical Society**, 174, p.4, 2011.

LIMA, V. M. A.; OLIVEIRA, N. S. M. N.; SOUZA, S. C. I.; MAIA, K. Determinantes da inserção ocupacional dos jovens no Ceará. **Revista de Economia e Agronegócio**, v. 13, p. 125-150, 2015.

MENEZES FILHO, N.A; CABANAS, P. H. F; KOMATSU, B. K. A Condição “Nem- nem” entre os Jovens é Permanente? **Policy Paper n.7**. São Paulo: Insper, 2013.

MONTEIRO, J. Quem são os jovens nem-nem?: Uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho. **Texto de discussão**. FGV/ Ibre, n.34, set. de 2013.

NEVES, C. E. T. **Análise da relação entre o ambiente construído e a escolha pelo modo a pé por meio de modelo espacial de escolha discreta**. Dissertação (Mestrado) Universidade de Brasília, 2019.

NIEUWENHUIS, J.; HOOIMEIJER, P. The association between neighbourhoods and educational achievement, a systematic review and meta-analysis. **Journal of Housing and the Built Environment**, 31(2), 321-347, 2016.

OLIVEIRA, J. L.; ROSA, A. L. T. **Uma Análise dos Determinantes da Alocação de Tempo dos Jovens Cearenses entre Estudar e Trabalhar**. Texto para Discussão IPECE, n 35, 2006.

PEREIRA, N. T.; ORELLANA, V. S. Q.; ARAGON, J. A. O. Determinantes da transição desemprego e emprego do jovem brasileiro. **In: 47º Encontro Nacional de Economia**, 2019, São Paulo. 47º Encontro Nacional de Economia, 2019.

POCHMANN, M. **Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil: Um balanço dos últimos 10 anos**. São Paulo, mimeo, 2007.

RODRIGUES, L. de O.; COSTA, E. M. ; MARIANO, F. Z. ; GUEDES, J. P. M. . O efeito de aposentadorias, pensões e programas sociais na frequência escolar e oferta de trabalho dos jovens brasileiros. **Economia Aplicada (Impresso)**, v. 22, n.3, p. 53-88, 2018.

ROTGER, G.P.; GALSTER, G.C. Neighborhood peer effects on youth crime: natural experimental evidence. **Journal of Economic Geography**, 19(3), p.655-676, 2019.

SHIRASU, M. R. **Determinantes da Escolha e do Retorno Ocupacional dos Jovens Brasileiros**. 2018. 111f. Tese (Doutorado) - FEAAC - Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade - CAEN - Programa de Pós-Graduação em economia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SHIRASU, M. R. ; ARRAES, R. A. Decisão dos Jovens Brasileiros: Trabalhar e/ou Estudar ou Nem-Nem. **Pesquisa e Planejamento Econômico (Rio de Janeiro)**, v. 49, p. 97-130, 2019.

SIQUEIRA, L. B. O.; LIMA, A. H. F. C.; BATISTA DA SILVA, M.V. Geração nem-nem e o efeito das aposentadorias e pensões. **Planejamento e Políticas Públicas**, v. 48, p. 55-80, 2017.

SOUZA, H. G. ; TABOSA, F. J. S. . Trabalho, estudo ou lazer? Uma abordagem probabilística para os jovens dos estados da região nordeste do brasil. **Estudo & debate (online)**, v. 25, p. 111-134, 2018.

TILLMANN, E.A.; COMIM, F. Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil e a geração Nem-Nem. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 46, n. 2, pp. 47-78, 2016.

VARTANIAN, T. P. Adolescent neighborhood effects on labor market and economic outcomes. **Social Service Review**, v. 73, n. 2, p. 142-167, 1999.

VASCONCELOS, A. M.; RIBEIRO, F. G. ; GRIEBELER, M. C. ; CARRARO, A. . Programa Bolsa Família e Geração? Nem-Nem?: Evidências para o Brasil. **Revista brasileira de economia**, v. 71, p. 233, 2017.

VASCONCELLOS, I. C.; ROCHA, R.C. B. Interação Social e Evasão Escolar nas Favelas do Rio de Janeiro: Um problema de Identificação. **In: Anais do XXXIV Encontro Nacional de Economia 2006**. Disponível em: < <http://www.anpec.org.br/encontro2006/artigos/A06A090.pdf>>. Acesso em 20 de mar de 2021.

VIEIRA, C. S.; CABANAS, P.; MENEZES FILHO, N.; KOMATSU; B. K. Como as mudanças no trabalho e na renda dos pais afetam as escolhas entre estudo e trabalho dos jovens? **Pesquisa e planejamento econômico**, v.46, p. 33-61, 2016.

WILHELM, S.; DE MATOS, M. G. Estimating Spatial Probit Models in R. **R Journal**, v. 5, n. 1, p. 130-143, 2013.

ZANGGER, C. Making a place for space: Using spatial econometrics to model neighborhood effects. **Journal of Urban Affairs**, 41 (8), 1055-1080, 2019.

5 CONCLUSÃO GERAL

Esta Tese teve como foco investigar de forma teórica e empírica, algumas esferas sobre o público jovem ainda não analisadas sobre o mercado de trabalho e o segmento educacional. Os achados, aqui encontrados, permitiram fornecer insumos importantes para a futura agenda de investigação de pesquisadores no campo social e econômico, que possam auxiliar na construção e delineamento de políticas públicas de prevenção à exclusão social no Brasil e no mundo afora.

A Tese foi subdividida em três ensaios independentes. O primeiro ensaio, de forma inovadora, abordou um tema ainda pouco explorado sobre a temática juvenil, no qual considera o impacto da frequência a atividades religiosas sobre a motivação de busca por trabalho. Para isso, adotou-se o modelo de regressão estendida (ERM), mais especificamente o *probit* com tratamento endógeno ordinal. Em suma, as estimativas apontaram que a religião, de forma geral, melhorou o incentivo de sair da total inatividade e procurar um engajamento ocupacional.

No segundo ensaio, investigou-se os determinantes da saída do desemprego para uma ocupação ou desalento no Brasil, considerando os períodos anterior e posterior a primeira aparição da Covid-19. De forma adicional, objetivando-se verificar o impacto da pandemia na saída da desocupação para cada um dos status supracitados, realizou-se a decomposição não linear, com finalidade de se observar os fatores responsáveis pelas diferenças de “*outcomes*” no momento anterior e posterior a primeira aparição do vírus SARS-CoV-2.

De maneira geral, na primeira parte do trabalho, os resultados evidenciam-se que, para ambas as fases da vida, possuir o sexo masculino e ter ocupados no lar aumenta a probabilidade de sair do desemprego e arrumar uma ocupação. Além disso, observou-se que quanto maior o tempo de desemprego maior a dificuldade de saída da desocupação para a entrada em uma atividade econômica. Já no tocante a transição para o desalento, observou-se que residir na área urbana, independente da faixa etária, reduz a probabilidade de transitar para o desalento, no momento de antes e pós eclosão pandêmica. No referente ao sexo do indivíduo, percebe-se no ano de 2020, que a probabilidade de entrar para inatividade se reduz entre o público adulto masculino.

Por seguinte, na última parte do trabalho, observaram-se que tanto para os jovens como para os adultos, a presença de uma acentuada queda abrupta na transição para uma ocupação, atribuída em quase que sua totalidade a fatores não explicados entre 2020 e 2019. O mesmo também é observado no modelo que analisa a transição para o desalento. No caso deste último, acredita-se que à redução do valor e alcance do benefício emergencial, atrelado a reabertura das atividades

econômicas no país advindas dos sinais de melhora do quadro epidemiológico possam ter incentivado na persistência da busca por um emprego.

Por fim, o terceiro e último ensaio buscou lançar luz sobre a temática da influência das interações sociais sobre a condição ocupacional de jovens residentes da cidade de Fortaleza, conhecidos como a geração “nem-nem”. O estudo inova ao introduzir um banco novo, com grande riqueza de informações, com a localização exata dos domicílios em situação de vulnerabilidade social. As estimativas evidenciam a necessidade de modelagem dos efeitos de vizinhança, onde os jovens interagem e reforçam decisões de mercado de trabalho e estudo. Desta forma, os atributos familiares que favorecem ou inibem a desocupação, possuem efeitos diretos e indiretos sobre as escolhas ocupacionais juvenis. Esse efeito de externalidade pode ser incorporado em políticas públicas que favoreçam ações integradas neste subgrupo, para que o multiplicador social das boas decisões seja mais forte que o efeito reverso (vicioso).

REFERÊNCIAS

- CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L.; PASINATO, M. T.; KANSO, S. **Caminhos para a Vida Adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros**. IPEA - Texto para Discussão n. 1038, p. 1-30, 2004.
- CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 68, agosto de 2013.
- CIRÍACO, J. S.; ANJOS JUNIOR, O. R.; OLIVEIRA, C. S. Fatores associados às escolhas ocupacionais das jovens mulheres baianas. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 8, p. 47, 2018.
- CIRÍACO, J. S.; OLIVEIRA, C. S. ; ANJOS JUNIOR, O. R. ; LINS, J. G. M.G . Os determinantes das escolhas ocupacionais das jovens mulheres das áreas rurais do sul do Brasil. **Rbee. Revista brasileira de economia de empresas**, v. 19, p. 81-101, 2019.
- COSTA, J, S. M.; ULYSSEA, G. O fenômeno dos jovens nem nem. *In*: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Org.). **Desafio a trajetória profissional do jovem brasileiro**. Brasília: Ipea, 2014.
- DIAS, T. S. **Entre ausências, incertezas e labirintos: a inserção social de jovens que não trabalham nem estudam no Brasil**. 2016. Dissertação (Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) UNB. Brasília-DF, 2016.
- IDOETA, P. A. Brasil perde jovens para violência em patamar de países como Haiti, aponta Atlas da Violência. **BBC News Brasil**. 5 jun. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48504184>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais**. IBGE, 2019.
- LOURENÇO, C. L. **Características da inserção ocupacional dos jovens no Brasil. 2002**. 131 f. Dissertação (Mestrado)-Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.
- MENEZES FILHO, N.A; CABANAS, P. H. F; KOMATSU, B. K. A condição “Nem- nem” entre os Jovens é Permanente? **Policy Paper n.7**. São Paulo: Insper, 2013.
- MONTEIRO, J. Quem são os jovens nem-nem?: Uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho. **Texto de discussão**. FGV/ Ibge, n.34, set. de 2013.
- PEREIRA, N. T.; ORELLANA, V. S. Q.; ARAGON, J. A. O. Determinantes da transição desemprego e emprego do jovem brasileiro. **In: 47º Encontro Nacional de Economia**, 2019, São Paulo. 47º Encontro Nacional de Economia, 2019.

RODRIGUES, L. de O.; COSTA, E. M. ; MARIANO, F. Z. ; GUEDES, J. P. M. . O efeito de aposentadorias, pensões e programas sociais na frequência escolar e oferta de trabalho dos jovens brasileiros. **Economia Aplicada (Impresso)**, v. 22, n.3, p. 53-88, 2018.

SHIRASU, M. R. **Determinantes da Escolha e do Retorno Ocupacional dos Jovens Brasileiros**. 2018. Tese (Doutorado) - FEAAC - Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade - CAEN - Programa de Pós-Graduação em economia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SHIRASU, M. R.; ARRAES, R. A. E. . Decisão dos jovens brasileiros: trabalhar e/ou estudar ou nem-nem. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 49, p. 97-130, 2019.

SILVA, E. R. A. .; VAZ, F. M. OS Jovens que não trabalham e não estudam no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil. IPEA. **Merc. trab. (Rio J. 1996)** , 26(70), p. 105-121, 2020.

SILVA JUNIOR, P. R.; MAYORGA, C. Jovens nem nem brasileiros/as: entre desconhecimento das experiências, espetacularização e intervenções. Desidades - **Revista eletrônica de divulgação científica da infância e juventude**, v. 7, p. 10-23, 2019.

TILLMANN, E.A.; COMIM, F. Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil e a geração Nem-Nem. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 46, n. 2, pp. 47-78, 2016.